



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

KARINA MARTINS MARQUES

**FRANCISCO JOSÉ DE ABREU MATOS: VIDA ESCOLAR, ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO EM FATOS, DOCUMENTOS E FOTOS (1924 – 2008)**

FORTALEZA
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

KARINA MARTINS MARQUES

**FRANCISCO JOSÉ DE ABREU MATOS: VIDA ESCOLAR, ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO EM FATOS, DOCUMENTOS E FOTOS (1924 – 2008)**

Dissertação apresentada como requisito a obtenção do grau de Mestre em Educação, no Curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.
Orientador: Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- M357f Marques, Karina Martins.
Francisco José de Abreu Matos: vida escolar, ensino, pesquisa e extensão em fatos (1924-2008) / Karina Martins Marques. – 2016.
114 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016.
Área de Concentração: Educação Brasileira.
Orientação: Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior.
1. Matos, F. J. de Abreu, (Francisco José de Abreu), 1924-. 2. Plantas medicinais. 3. Farmácia. 4. Educação. I. Título.

CDD 370.90998131

KARINA MARTINS MARQUES

**FRANCISCO JOSÉ DE ABREU MATOS: VIDA ESCOLAR, ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO EM FATOS, DOCUMENTOS E FOTOS (1924 – 2008).**

Dissertação aprovada como requisito para a obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

Aprovada em: 27/04/2016

Banca examinadora:

Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Orientador – Dr. Prof. UECE.

Rui Martinho Rodrigues
Dr. Prof. UFC

Antônio Roberto Xavier
Dr. Prof. UNILAB

**FORTALEZA
2016**

DEDICATÓRIA

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não mais para a servidão dos homens”.

Jacques Le Goff

AGRADECIMENTOS

A Deus, que em todos os dias dessa jornada me deu forças para não me deixar abater. A minha família, a qual eu amo muito, por todo carinho e paciência, a minha mãe um exemplo, ao meu pai, por tudo que você me deu e me ensinou. Obrigada pela sua generosidade, amor incondicional, carinho e afeto. Não encontro palavras que consigam te agradecer, simplesmente fico completamente envolvida por um enorme sentimento: gratidão. E de forma carinhosa ao meu primo Diego Martins pelo apoio incondicional.

A Aida Maria Matos Montenegro, pelo carinho, confiança e entusiasmo com que me recebeu e abraçou junto comigo esse trabalho, sua participação foi fundamental para o desenvolvimento do mesmo. A Prof.^a Mary Anne Medeiros Bandeira e a toda equipe do Horto de Plantas Medicinais Abreu Matos – UFC, em especial às funcionárias Amélia Freire e Kellen Miranda Sá.

A todos os colegas e professores da Pós-graduação em Educação, pelo convívio e aprendizado e que de alguma forma contribuíram para minha formação, em especial ao Prof. Rui Martinho, uma fonte abundante de conhecimento e inspiração. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo apoio financeiro concedido. Aos funcionários da coordenação da Pós-graduação em Educação, sempre prestativos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, por seu apoio e indiscutível amizade e compreensão em momentos difíceis, além de sua dedicação, competência e comprometimento, em especial a sua atenção nas revisões e sugestões, fatores fundamentais para a conclusão deste trabalho.

EPÍGRAFE

“Nunca subestime o saber popular sobre as plantas medicinais, também nunca repasse de volta ao povo sem saber, cientificamente, se a atividade atribuída à planta realmente existe e se o seu grau de toxicidade não irá submeter o usuário a riscos desnecessários”.

(Organização Mundial da Saúde).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender a partir de fatos, documentos e fotos, como se desenrolou a vida e obra do Professor Francisco José de Abreu Matos, apresentando sua vida escolar, sua trajetória de professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, posteriormente, como professor da Universidade do Ceará, como também, as suas pesquisas científicas e os seus projetos de extensão no período de 1924-2008. Proveniente de uma família que a gerações forma farmacêuticos, seria o maior pesquisador cearense em relação a Plantas Medicinais e Aromáticas do Nordeste, projeto vinculado ao Laboratório de Produtos Naturais da Universidade Federal do Ceará – UFC. Foi descobridor de centenas de espécies da flora nordestina e brasileira e lhe empresta o nome para a nomenclatura, de várias dessas plantas. Foi o criador do Projeto Farmácias Vivas que se espalhou pelo país. Seu percurso pela docência, pesquisa e extensão sempre foi pautado pelo trabalho social, que ele via como uma questão de hábito, no sentido de democratizar o acesso da população mais carente a medicamentos fitoterápicos. O Projeto Farmácias Vivas é fruto da vontade de um pesquisador, professor, idealista e acima de tudo de um cidadão consciente do seu papel na sociedade, pois sonhou, correu atrás para pôr em prática um desejo, o desejo de levar ao povo um programa de assistência social farmacêutica.

Palavras-chave: Plantas Medicinais, Farmácias Vivas, Educação.

ABSTRACT

This research aims to understand from facts, documents and photos, as unfolded the life and work of Professor Francisco José de Abreu Matos, presenting his school life, his teaching career at the Faculty of Pharmacy and Dentistry of Ceará later as professor at the University of Ceará, but also their scientific research and its extension projects in the 1924-2008 period. Coming from a family that pharmaceutical form generations, would be the greatest researcher cearense regarding Medicinal and Aromatic Plants of the Northeast, project linked to the Natural Products Laboratory of the Federal University of Ceará - UFC. It was discoverer of hundreds of species of flora and northeastern and lends his name to the nomenclature of these plants. He was the creator of the Living Pharmacy Project that has spread across the country. His journey through teaching, research and extension has always been guided by social work, which he saw as a matter of habit, to democratize the access of the poor to herbal medicines population. The Living Pharmacy Project is the result of the will of a researcher, teacher, idealist and foremost a citizen aware of their role in society. For dreamed, she ran to put into practice a desire, the desire to bring the people a pharmaceutical social assistance program.

Keywords: Medicinal Plants, Living Pharmacies, Education.

RÉSUMÉ

Cette recherche vise à comprendre à partir des faits, des documents et des photos, comme déplié la vie et le travail du professeur Francisco José de Abreu Matos, présentant sa vie scolaire, sa carrière d'enseignant à la Faculté de pharmacie et de dentisterie du Ceará plus tard en tant que professeur à l'Université de Ceará, mais aussi leur recherche scientifique et ses projets d'extension de la période 1924-2008. Issu d'une famille que les générations de forme pharmaceutique, serait le plus grand chercheur cearense concernant les plantes médicinales et aromatiques du Nord-Est, projet lié au Laboratoire des produits naturels de l'Université fédérale de Ceará - UFC. Il était découvreur de centaines d'espèces de la flore et le nord-est et prête son nom à la nomenclature de ces plantes. Il a été le créateur du projet Living Pharmacy qui a répandu à travers le pays. Son voyage à travers l'enseignement, la recherche et l'extension a toujours été guidée par le travail social, qu'il voyait comme une question d'habitude, de démocratiser l'accès des pauvres à base de plantes population des médicaments. Le projet de pharmacie Living est le résultat de la volonté d'un chercheur, enseignant, idéaliste et avant tout un citoyen conscient de son rôle dans la société. Pour rêvé, elle courut à mettre en pratique un désir, le désir d'apporter au peuple un programme d'aide sociale pharmaceutique.

Mots-clés: plantes médicinales, Salons Pharmacies, Education.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01 – Curso de Plantas Medicinais, Fascículo nº 16, Universidade Aberta, Fundação Demócrito Rocha e Jornal “O Povo”	17
Figura 02 – Propaganda das Pílulas de Mattos em Juazeiro, 1926.....	48
Figura 03 – Propaganda das Pílulas de Mattos em Juazeiro, 1926.....	48
Figura 04 – Fotos do bisavô, do avô e do Prof. Abreu Matos	49
Figura 05 – Cartão de Intendente Municipal de Joaquim d’Alencar Mattos	50
Figura 06 – Casal Francisco Campello Mattos e Aida de Abreu Mattos	50
Figura 07 – Certidão de Nascimento de Francisco José de Abreu Matos	50
Figura 08 – Prova de Geometria, Colégio Nossa Senhora das Vitórias, 17/11/34	52
Figura 09 – Francisco José de Abreu Matos, aluno do Colégio Floriano.....	53
Figura 10 – Certificado de aprovação em Educação Física.....	54
Figura 11 – Formatura na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará.	55
Figura 12 – Diploma de graduação em Farmácia.....	55
Figura 13 – Foto da colação de grau em Farmácia	56
Figura 14 – Visitando farmácias pelo Laboratório Lilly	56
Figura 15 – Foto do Casamento Francisco José de Abreu Matos e Maria Eunice Filomeno Ferreira Gomes	57
Figura 16 – Certidão de Casamento de Francisco José de Abreu Matos e Maria Eunice Filomeno Ferreira Gomes	58
Figura 17 – Seção de Defesa de Tese de doutorado do Prof. Abreu Matos	59
Figura 18 – Prof. Abreu Matos em sua Prova Didática, no concurso na Universidade do Ceará	60
Figura 19 – Professores da Faculdade de Farmácia da Universidade do Ceará	62
Figura 20 – Coleta de amostras na Serra de Pacatuba.....	64
Figura 21 – Coleta de amostras na Serra de Pacatuba.....	64
Figura 22 – Coleta de amostras para o programa óleos essenciais	65
Figura 23 – Coleta de amostras para o programa óleos essenciais	65
Figura 24 – Posse como Vice-Diretor do Centro de Ciências, em 1976	66
Figura 25 – VII Congresso Brasileiro de Farmácia em Recife, 1961	66
Figura 26 – Simpósio sobre Produtos Naturais da América Tropical, Rio de Janeiro, 1969.....	67

Figura 27 – Turma de Pesquisadores do Laboratório de Plantas Naturais, 1995	67
Figura 28 – Prof. Abreu Matos recebendo o título de Professor Emérito da UFC, pelas mãos do Reitor Paulo Elpídio, 1983	68
Figura 29 – Estrutura Organizacional da Coordenadoria de Assistência Farmacêutica da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará	79

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
APS	Atenção Primária de Saúde
ASSEMA	Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão
BNB	Banco do Nordeste do Brasil S/A
BPC	Boas Práticas de Cultivo
BPP	Boas Práticas de Processamento
BPPF	Boas Práticas de Preparação de Fitoterápicos
CEDEFAM	Centro de Desenvolvimento da Família
CEME	Central de Medicamentos
CIES	Centro Integrado de Educação e Saúde
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COASF	Coordenadoria de Assistência Farmacêutica
DS	Distrito Sanitário
EMLURB	Empresa Municipal de Limpeza Urbana
FDR	Fundação Demócrito Rocha
FINEP	Financiadora de Estudos e Pesquisas
IPREDE	Instituto da Primeira Infância
MS	Ministério da Saúde
NUFITO	Núcleo de Fitoterápicos
NUMES	Núcleo de Medicamentos Essenciais e Estratégicos
NUMEX	Núcleo de Medicamentos de Caráter Excepcional
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
PPPM	Política de Pesquisas de Plantas Medicinais
RDC	Resolução da Diretoria Colegiada
SESA	Secretaria de Saúde
SUS	Serviço Único de Saúde
Uane	Universidade Aberta do Nordeste
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA	20
2.1 A Fotografia Como Possibilidade Subjetiva de Leitura do passado .	20
2.2 As Teorias de Análise da História	33
2.2.1 - Micro-história e Historiografia	37
2.2.2 – A Biografia e a sua relação com a História da Educação.....	39
2.2.3 - O Gênero Biográfico e a Historiografia	42
2.2.4 - História Oral e Metodologia	42
3. VIDA ESCOLAR: “de pai para filho desde 1810”	47
4. O PROFESSOR DA UFC: ENSINO E PESQUISA.....	61
5. O PROFESSOR DA UFC E O PROJETO DE EXTENSÃO: AS FARMÁCIAS VIVAS	73
6. CONSIDERAÇÕES.....	86
7. REFERÊNCIAS.....	89
ANEXO 1 – As Farmácias Vivas do Professor Matos: uma luta pela democratização da saúde	93
ANEXO 2: Crônicas do Ceará: Francisco José de Abreu Matos	99
ANEXO 3 - ABREU MATOS: O Criador das Farmácias Vivas - TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO: COLÉÇÃO SANTO DE CASA	93

1. INTRODUÇÃO

Durante a minha vida escutei por diversas vezes, que as plantas curavam, que os chás da vovó e da mamãe eram o remédio pronto, na hora certa. Acredito que a maioria dos brasileiros, e em especial, os nordestinos, escutaram dos mais velhos esta mesma frase. Quando falo do Nordeste, não me refiro apenas, a uma porção territorial, sujeita as intempéries climáticas, ou à sua condição socioeconômica, que poderia sugerir, por conta disso, a utilização de plantas medicinais, por parte da população sem recursos, devido ao seu baixo custo. Somos conscientes de que esta realidade existe. O que queremos enxergar, seria um outro dado que agregamos a nossa interpretação da realidade brasileira, a partir desta pesquisa: a utilização de plantas medicinais, no preparo de receitas caseiras e a utilização de remédios, a base de fitoterápicos, tem crescido no país, nos últimos trinta anos, em todos os segmentos sociais.

Mas esta nova compreensão, de que as plantas medicinais, podiam ser utilizadas com eficácia, no tratamento de vários problemas de saúde, não se deu, como poderíamos supor, por conta de crises econômicas, que diminuem o poder aquisitivo da população. Pelo contrário, se deu com muito esforço de pesquisa científica em universidades, a partir de pesquisadores que queriam empreender e conhecer “o mundo das plantas medicinais brasileiras”, sua eficácia em determinados tratamentos e os seus princípios ativos.

No início, pesquisas sem amparo financeiro das agências de fomento à pesquisa, públicas e privadas, mas com muita vontade de desbravar, para conhecer, para divulgar e, assim, quem sabe, mudar a realidade da farmacologia no Brasil. Pesquisadores que apostaram e defenderam o seu ponto de vista, junto a colegas, nos departamentos acadêmicos, nos congressos científicos, sempre encaminhando projetos, no sentido de conseguirem recursos financeiros para estruturar e aprofundar as pesquisas.

Foi este o caminho escolhido pelo Prof. Francisco José de Abreu Matos, nosso biografado. Saia ele, pelos “sertões e serras” do Nordeste, junto com os poucos colegas que também acreditavam na empreitada, e alunos, que certamente apostavam na aventura de desbravar o desconhecido. Durante décadas, essa equipe estudaria 600 espécies de plantas, boa parte delas, sem registro científico, e deste

conhecimento, novas pesquisas foram se constituindo, criando na UFC um banco de informações, que é referência, para novos estudos que são realizados Brasil afora.

A partir destas informações, adquiridas com a pesquisa, à preocupação do Prof. Abreu Matos seria a de divulgar da melhor forma à sociedade, estes conhecimentos. Para tanto, ele se utilizaria de todos os meios possíveis de comunicação. Da universidade ele levaria o conhecimento, às comunidades locais, às entidades sociais, às secretarias de saúde municipais, à televisão, chegando a ministrar cursos por fascículos em jornais. Foi dessa forma, que a sociedade cearense e de outros estados brasileiros, tiveram ciência desta nova realidade, agora, científica, da eficácia das plantas medicinais no tratamento de algumas enfermidades.

Foi assim, também, que em 1988, tivemos o nosso primeiro contato com o Prof. Abreu Matos, quando recebíamos em casa os fascículos do curso sobre plantas medicinais promovido pela Fundação Demócrito Rocha e o Jornal "O Povo". A partir desse primeiro contato, quando assistíamos a telejornais, ou líamos os jornais publicados pela imprensa local, vez ou outra, nos deparávamos com notícias que nos davam conta das ações e atividades do Prof. Abreu Matos que continuava, mesmo aposentado, na sua trajetória de democratizar, da melhor forma possível, os conhecimentos adquiridos com as suas pesquisas.

Desse primeiro momento de contato com a vida e obra do professor, até enveredar em um mestrado, com um projeto de pesquisa, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, sobre a sua história de vida, passaram-se mais de 25 anos. Aqui não se trata apenas do tempo, mas, de compreender que há uma grande diferença entre saber quem era o professor e, agora, conhecer o homem, o professor e o pesquisador, a partir de fatos, documentos e fotos.

Assim, revelava-se a história de uma personagem que não poderia jamais ficar perdida entre os arquivos, bem cuidados, e lembranças de sua filha Aida Maria Matos Montenegro, que participou intensamente de nossa pesquisa, relatando fatos e os documentos e fotos referentes a eles, facilitando nossa busca, em pesquisar um fragmento, tão importante da Educação no Ceará. Lembrando que em nossa empreitada, nos deparamos com algo inusitado: a riqueza de informações, por conta do grande número de documentos e fotos. Como então escolher um documento, em detrimento de outro? Era preciso então, além da pesquisa documental e imagética, conversar com os familiares, colegas professores e alunos, destacando aqui o

empenho em, também, repassar informações e documentos, da ex-aluna e atualmente professora da UFC, Dra. Mary Anne Medeiros Bandeira. Dessa forma, podíamos, agora, periodizar e marcar nesse tempo escolhido, momentos mais importantes e fundamenta-los com os documentos e fotos a eles relacionados.



Figura 1: Curso de Plantas Medicinais, Fascículo nº 16, Universidade Aberta, Fundação Demócrito Rocha e Jornal "O Povo", 1988.

Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

Desta feita, já conhecendo melhor a trajetória do Prof. Abreu Matos, tivemos contato, com sua percepção de vanguarda, em relação às suas pesquisas e experiências pedagógicas, no entendimento de que por meio delas podíamos conhecer e compreender a ambiência, as características dos educadores do seu tempo, além de um melhor entendimento da sociedade e da cultura, para o enriquecimento da interpretação da educação brasileira no período em investigação.

Acredito que, a relevância desta pesquisa para a história da educação deve-se à possibilidade de compreensão de práticas educacionais, além de situá-lo no espaço social, seus vínculos com educadores de outros estados e países, como constatamos em diversos documentos pessoais.

A somar com a sua atividade de pesquisador e professor, não perdemos de vista, uma outra faceta de Abreu Matos, que soou de grande importância, a de editor de livros, artigos científicos e fascículos didáticos sobre as suas pesquisas e a forma como elas deveriam ser empregadas no dia-a-dia.

Destarte, tendo por objeto o homem e o educador Abreu Matos, esta pesquisa objetiva reconstruir a sua história familiar, o seu percurso escolar e profissional, culminando com o seu projeto maior: “As Farmácias Vivas”. Dessa forma, mediante a perspectiva da história e memória, iremos “bater à porta” do nosso biografado, o Prof. Abreu Matos, entrar com ele em sua casa, em seu laboratório, nos imaginar caminhando pelas estradas daqueles “sertões e serras” do Nordeste. Enfim, conversar com ele, para compreender sua luta diária em prol da ciência, da educação, enxergando longe, com ele, na percepção de que a sua pesquisa poderia mudar a forma como a universidade via uma prática cultural popular no Brasil, e assim, desmitificar o uso de plantas medicinais, a partir de sua correta utilização.

Considerando esta introdução como primeiro capítulo, apresento no segundo capítulo o aporte teórico, no intuito de fornecer subsídios à pesquisa. No primeiro momento vislumbrando uma compreensão conceitual de fotografia e sua relação interdisciplinar, buscando para isso, esteio no pensamento de Dubois (1993), Aumont (1993) e Barthes (1984), Kossoy (2012, 2004, 2009), que nos possibilitará uma análise mais aprofundada da fotografia como possibilidade de conhecer o passado. Em um segundo momento vamos discursar, ainda, neste segundo capítulo, sobre o método biográfico, entendendo que o crescimento de sua utilização nos últimos vinte anos faz parte da reavaliação do ator social (individual e coletivo), configurando-o aqui como a estrela de nossa abordagem, e com isso, ter a possibilidade de conhecer melhor à realidade social, onde interagia o nosso biografado. Deixando aqui que os indivíduos e grupos possam apresentar suas interpretações da realidade, não através de regras sofisticadas e desumanas, mas, através de sua percepção subjetiva do social.

No terceiro capítulo, apresentamos a vida escolar do Prof. Abreu Matos e a influência que este recebeu de seu bisavô, avô e pai, no intuito de, também, formar-

se em Farmácia. No quarto capítulo, intitulado, O Professor da UFC, ensino e pesquisa, apresentaremos esta relação de reciprocidade que o professor tinha em relacionar de forma dialética estas duas áreas de atuação e, como quinto e último capítulo, o grande desafio que ele se propôs quando acreditou na extensão universitária com o Projeto “Farmácias Vivas”. Transcrevemos, também, três entrevistas que o Prof. Abreu Matos concedeu entre os anos de 2000 e 2008.

2. APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1 A Fotografia Como Possibilidade Subjetiva de Leitura do passado

A arte fotográfica nesta nossa discussão se insere no estudo de autores que discutem a dimensão temporal, bem como a natureza conceitual da fotografia e são os pressupostos que norteiam a utilização que fizemos nesta pesquisa, rica em imagens fotográficas e, que através delas, nos inserem em momentos da história de vida do Prof. Abreu Matos, nosso biografado.

Discorrendo em relação à imagem e a análise sobre a fotografia, Phillippe Dubois (1993) entende que a fotografia pode ser compreendida através de três categorias: a primeira seria a fotografia como espelho do real, a segunda seria a fotografia como transformação do real, e a terceira a fotografia como um traço do real. “A foto é uma verdadeira fatia de espaço/tempo.” (DUBOIS: 1993 p. 103).

Na primeira categoria se reconhece a fotografia como o espelho do real. Este pensamento está inserido na capacidade e no discurso, no qual a fotografia é considerada uma imitação perfeita da realidade. A técnica do fotógrafo e a mecânica da máquina fotográfica permitiria o efeito da aparente realidade encontrada na fotografia, compreendendo esta como um retrato fiel do mundo real através da imagem.

Desse modo, a função de representar a realidade existente antes, apenas, na manifestação artística da pintura, é percebida, também, na fotografia. Nesse sentido o pensamento que se repassava era que a técnica fotográfica permitiria uma reprodução da realidade e do mundo muito mais adaptada do que a pintura. Nessa perspectiva, a fotografia é incumbida de ser a comprovação dos fatos, a prova verídica das circunstâncias inquestionáveis, resultado objetivo e imparcial da representação do mundo enquanto a pintura desprender-se-ia de suas funções a priori e tornar-se-ia o produto subjetivo carregado de sensibilidade e habilidades artísticas.

Desse modo, a fotografia, como um grande trunfo, trazia consigo uma série de discussões acerca da objetividade existente nas artes e a reprodução da realidade a partir das técnicas, que começavam a surgir cada vez mais modernas.

Continuando em nossa exposição, a segunda categoria de Dubois (1993) reflete a transformação do real pela fotografia. Neste outro entendimento, haveria uma transformação do real pela fotografia, esta deixa de ser em sua totalidade, um produto inocente como quando era difundido o pensamento da fotografia enquanto espelho do real. Assim, a apreensão da naturalidade existente na imagem fotográfica passa a ser decodificada, pois a fotografia antes entendida como uma reprodução neutra da realidade passa a ser concebida como um agente codificado.

Desse modo, essa concepção faz referência a composição interna da imagem e traz a reflexão de que a sociedade, e cada indivíduo, em particular, seria condicionado a uma maneira de olhar e que a imagem seria composta por símbolos que necessitam de decodificação. Esta categoria está pautada na compreensão de que a fotografia é codificada sob os pontos de vista técnicos, estéticos, fenomenológicos, hermenêuticos, prenhe de subjetividade, entre outras análises.

A semelhança existente entre os objetos representados pelas fotografias se deve ao fato de que essas fotos são produzidas em tais circunstâncias forçadas a corresponder veementemente ao objeto proposto. Assim, a fotografia comprovaria a existência de um fato, mas não o seu verdadeiro sentido. Sob o ponto de vista da categoria da fotografia enquanto transformação do real entende-se que o fotógrafo agora escolhe o tema, pensa o local e toma a imagem a partir das composições a que se destina captura-la.

Dubois (1993) nos apresenta a terceira categoria de estudo, considerando que a fotografia, seria um traço do real, sendo este o discurso do índice e da referência. Mesmo havendo a noção da existência dos códigos presentes na fotografia nesta concepção é inegável a transmissão do sentimento do real. Esta categoria de certa forma faz um retorno ao referente, mas sem o caráter mimético existente na primeira fase. “A fotografia é em primeiro lugar o índice, em um segundo momento ela pode se tornar parecida ao seu referente, o que seria ícone e assim adquirir sentido, ou seja, tornar-se símbolo”. (DUBOIS: 1993, p. 53). Nessa perspectiva para a imagem ser capturada enquanto representação do objeto, a máquina e objeto devem estar no mesmo momento, tornando-se objeto representado.

Estas três categorias aqui apresentadas, contribuem para a construção do entendimento fotográfico. Algumas mais incisivas do ponto de vista teórico do que

outras, contudo todas possibilitam uma maior amplitude do conhecimento, através de concepções e estudos sobre fotografia.

A partir desse aporte teórico no que diz respeito a conceituação fotográfica, a dissertação aqui proposta pretende compreender a partir das composições fotográficas apresentadas nos capítulos 3, 4 e 5, a história de vida do Prof. Francisco José de Abreu Matos. Fazendo com que esse “álbum imagético” possa de certa forma nos remeter a espaços e tempos ali apresentados. O processo de capturação de um fragmento espaço/temporal na fotografia manifesta-se e torna-se visto como um amplo e rico recorte, carregado de significados, discursos, lembranças, nostalgias, alegrias e tristezas todos inseridos em um contexto social e cultural que remetem ao período em que as imagens foram capturadas.

Dessa forma, Barthes (1984) nos afirma que a fotografia tem um papel importante, através do registro do que já passou, aquilo que não volta mais, um instante capturado pela lente do fotógrafo e registrado para a posteridade. Dessa maneira, a fotografia materializa uma necessidade de fixar e registrar momentos.

Então, pensar apenas o corte no tempo e no espaço inserido na fotografia leva a reflexão da passagem do tempo e do espaço na fotografia como algo que está ali congelado no processo evolutivo da vida, nesse sentido a imagem tornaria o momento petrificado. Todavia, refletir sobre o corte temporal produzido a partir do ato fotográfico é entender a redução da fatia do tempo a um simples instante produzido através da fotografia.

Na tentativa de explicar essa reflexão Dubois (1993) faz um comparativo entre o fotógrafo e o pintor. A película que é trabalhada pelo fotógrafo é fotossensível e, recebe, absorve e revela a imagem de uma vez só, enquanto, o pintor que trabalha progressivamente na imagem confeccionada na tela e aos poucos, produz uma imagem que vai se construindo, em sucessivos momentos de inspiração, fazendo entender que onde o fotógrafo corta o pintor compõe a imagem. O pintor pode intervir e modificar a todo o momento sua construção de imagem, enquanto o fotógrafo trabalha com outro tipo de composição temporal, pois após a capturação e revelação da imagem tudo estaria em seu ponto final que não possibilitaria mais uma mudança. É claro que estas concepções feitas pelo autor não levaram em conta os programas mais modernos que surgiram para transformação e novas composições fotográficas, todavia deve-se salientar a importância dessas reflexões pertinentes.

Na tentativa de decodificar o mistério que é a fotografia junto a aparente imagem estática e a carga de subjetividade por trás da imagem Barthes (1984) entende que nem sempre as fotos se concretizam na mensagem que pretendem passar, pois existem fotos que simplesmente não transmitem nenhum sentimento para o autor. Todavia, existem aquelas que transmitem sentimentos ao sujeito que a observa. Assim, o leitor da fotografia estará sempre ligado a duas categorias explicadas por Barthes (1984) que seria o *studium* e o *punctum*. Aguçar o olhar sem, no entanto, exercitar a imaginação dada pelos sentidos sensoriais que a imagem desperta é o *studium*. Atravessar aquele que olha e assim perpassar o campo do visível através dos sentidos e sentimentos seria o *punctum*. Quando Barthes trabalha com essas categorias, principalmente com o *punctum*, ele remete a questão da subjetividade no entendimento conceitual.

Assim, Barthes (1984) exemplifica o papel da fotografia enquanto registro de um período através de uma cena de uma época, mostrando como as pessoas se comportavam e se vestiam, como eram caracterizadas a paisagem no período da foto. Para Barthes (1984) a fotografia explicaria melhor do que a pintura o cenário existente e visualizado na imagem.

Sobre a percepção visual Jacques Aumont (1993) compara o ato de ver do olho humano, com o princípio da câmara escura, na qual nesta última, a luz é refletida por um orifício e através do princípio de captura, forma uma imagem na parede do fundo da câmara. Para Aumont (1993) isso é muito parecido com o mecanismo do olho humano no qual a luz é percebida na retina e a maneira como o olho vê, torna-se muito parecida com o processo realizado pela máquina fotográfica. Aumont tenta entender a relação da percepção visual e a comparação entre o ver através do olho humano e ver através da câmera.

Sobre a percepção das imagens Aumont (1993) destaca o entendimento da dupla realidade destas, pois numa imagem visual como uma pintura e uma fotografia percebe-se em muitos momentos um arranjo espacial semelhante ao existente em um cenário real. Entende-se assim como um processo simultâneo da percepção como um fragmento da superfície plana e como fragmento do espaço real. Assim o autor afirma que não há imagem sem percepção da imagem, ou seja, ela necessita de um espectador que a decodifique e dê algum sentido a imagem.

Deste modo, para o autor também é importante entender que na percepção visual é importante ter clara a percepção espacial. A visão de um objeto pede informações importantes da paisagem e dos objetos que compõem a cena, bem como, noções como textura e perspectiva seriam informações relevantes para a composição das imagens. Pensar do ponto de vista técnico a captura da imagem relaciona-se ao entendimento do dispositivo da máquina fotográfica, bem como os modos e técnicas de enquadramento, tamanho da imagem, luz e velocidade.

Aumont (1993), ainda explica a imagem através de três conceituações: a imagem abstrata, a imagem expressiva e a imagem aurática. A primeira conceituação seria a imagem abstrata, o autor explica que esta categoria relaciona-se com a arte abstrata e que muitas vezes, se configura, pela contramão das ideologias dominantes, possibilitando pensamentos mais livres aos artistas. A segunda conceituação abordada é a imagem expressiva. Esse tipo de imagem induz o espectador ao emocional. Os elementos expressivos na obra de arte remetem os sentidos históricos, contextuais e a individualidade e pensamentos do espectador. A terceira conceituação seria a imagem aurática, na qual essa aura pode ser entendida como uma atmosfera que a obra de arte transmite ao seu espectador. Assim, o autor entende que a arte primeiramente foi religiosa, tentando e desejando uma aproximação com o sagrado. Todavia, essa aura foi transformando seu valor e passando por vários contextos históricos que a moldaram.

Neste sentido, Aumont (1993), entende que a imagem produz sensações diversas no espectador, mas o gostar ou desgostar da imagem estaria atrelado as questões ideológicas e dependeria do que o espectador consideraria artístico. É necessário salientar, a importância das concepções, conceituações e pensamento de Aumont e os autores, aqui abordados, para o entendimento conceitual do que seja fotografia e sua representação imagética. Dessa forma, a fotografia tem a capacidade de marcar um tempo e um espaço, em um instante e ainda conseguiria ultrapassar esse constructo espaço/temporal, através de sentimentos íntimos e profundos como chorar, sorrir e recordar histórias.

Dando continuidade a nossa análise sobre fotografia, nos valem de Kossoy (2012), quando argumenta que a imagem fotográfica seria um produto técnico e cultural no qual a obtenção do registro fotográfico se encontra relacionada diretamente ao processo de criação que lhe dá origem, dessa maneira, esse processo possibilitaria

refletir sobre a imagem fotográfica, enquanto meio de conhecimento, através de suas utilizações e aplicações. A partir deste parágrafo vamos nos valer dos estudos de Kossoy, acerca do entendimento metodológico e conceitual da fotografia. (KOSSOY: 2004, 2009, 2012).

Para Kossoy, a fotografia que gera a imagem é resultado de um processo criativo inserido na elaboração fotográfica. A construção da imagem fotográfica se dá pela conjuntura existente do mundo real que se materializa na imagem através de seus muitos códigos culturais e ideológicos. Dessa maneira, para entender as fotografias é necessário buscar o contexto no qual elas estão inseridas. Ao estudar esses documentos visuais percebe-se o grau de complexidade epistemológica na tentativa de compreender os processos que fazem parte da composição fotográfica como os elementos que constituem e possibilitam o entendimento da imagem fotográfica. (KOSSOY: 2004).

Assim como as demais fontes de informação históricas, as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos. Assim como os demais documentos elas são plenas de ambiguidade, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas, que aguardam pela competente decifração. Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da toma do registro. (KOSSOY, 2009, p. 22).

Portanto, a história de uma fotografia está inserida no âmbito do passado histórico, do avanço das técnicas, da concretização desta enquanto veículo de comunicação, até mesmo, na expansão comercial através das indústrias voltadas para a área específica das fotografias.

As apreensões e transformações no uso da fotografia foram acontecendo no decorrer do tempo, a sensação transmitida era que as pessoas no mundo pareciam mais familiares e próximas após a disseminação do conhecimento fotográfico. Essa proximidade acarretava, numa proliferação de conhecimento, sobre realidades existentes em outros lugares, estas realidades agora, podiam ser visualizadas através das fotos, antes eram transmitidas apenas através da escrita, ou por, pelo repasse das histórias de fatos e momentos que aconteceram, ou então, pelo registro das

imagens, realizado pelos desenhos e pinturas. Kossoy, afirma que por meio da popularização das técnicas fotográficas, em grande escala e das revelações das fotos feitas em papel, proliferou-se, também, outro tipo de conhecimento e aprendizagem do real. (KOSSOY: 2004).

Para Kossoy, a fotografia é uma arma susceptível a manipulação, entretanto, os espectadores que visualizavam as fotos, viam na imagem, a exibição da realidade tal qual uma espécie de verdade absoluta, resultado apenas da imparcialidade fotográfica. Assim, o autor questiona o que seria a imagem fotográfica? “A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotográfico num instante dos tempos”. (KOSSOY: 2012, p. 39).

Desse modo, a imagem fotográfica pode se prestar a intencionalidades através de utilizações interesseiras:

É necessário admitirmos que a imagem fotográfica pode se prestar a utilizações interesseiras - o que não é nenhuma novidade -, justamente em função de sua pretensa credibilidade enquanto registro visual “neutro” dos fatos. Sempre houve um condicionamento quanto à certeza de a fotografia ser uma prova irrefutável de verdade. (KOSSOY: 2009, p. 133).

O autor continua seus questionamentos através de uma reflexão crítica sobre a credibilidade que se atribui a um registro fotográfico:

Apesar de toda a credibilidade que se atribui à fotografia enquanto “documento fiel” dos fatos, rastro direto do real etc., devemos admitir que a obra fotográfica resulta de um somatório de construções, de montagens. A fotografia se conecta fisicamente ao seu referente, - e esta é uma condição inerente ao sistema de representação fotográfica – porém, através de um filtro cultural, estético e técnico, articulado no imaginário de seu criador. (...) (KOSSOY: 2009, p. 42- 43).

A fotografia, portanto, seria resultado da ação do fotógrafo que em um determinado espaço/tempo preciso, definiu um assunto específico e utilizou uma máquina fotográfica suficientemente capaz de captar a imagem fotográfica. Kossoy

(2012) informa que três elementos são relevantes para a efetivação fotográfica. Os elementos seriam estes: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia.

Seria então, necessário inserir a fotografia em um contexto junto a outras fontes bibliográficas, para entender e interpretar o que está para além da imagem, e assim, tentar chegar ao entendimento do acontecido que se propaga na aparente fotografia. Kossoy comenta um estudo pautado na interdisciplinaridade para compreender as imagens. (KOSSOY: 2012).

(...) a proposição de um modelo metodológico de análise e interpretação das imagens fotográficas, entendidas como fontes históricas, modelo que tem sido adotado pelos pesquisadores e estudiosos, o que se confirma pela sua aplicabilidade em diferentes áreas das ciências humanas. (KOSSOY: 2012, p. 17).

Para o autor a fotografia deve ser fonte de estudo, a partir de múltiplas referências, possibilitando assim, o entendimento necessário ao pesquisador. Desse modo, Kossoy, confirma que existiu por bastante tempo certa aversão em relação à utilização da fotografia enquanto fonte histórica ou instrumento de pesquisas científicas. O autor explica duas razões para essa resistência:

A primeira é de ordem cultural: apesar de sermos personagens de uma “civilização da imagem” – e neste sentido alvos voluntários e involuntários do bombardeio contínuo de informações visuais de diferentes categorias emitidas pelos meios de comunicação – existe um aprisionamento multissecular à tradição escrita como forma de transmissão do saber, como bem esclarecia Pierre Francastel, décadas atrás nossa herança livresca predomina como meio de conhecimento científico. A fotografia é, em função dessa tradição institucionalizada, geralmente vista com restrições. (KOSSOY: 2012, p. 32).

Desse modo, a primeira razão estaria relacionada ao caráter cultural atrelado a proliferação de conhecimento, através da palavra escrita. Para o autor, este processo histórico gerou de certa forma, um condicionamento intelectual que perpassa séculos vinculados única e exclusivamente ao principal meio de comunicação existente e como fonte principal de transmissão do saber: os livros. Para Kossoy, esse seria um

dos motivos, de relutância, em se utilizar a fotografia, enquanto embasamento e fonte de pesquisas científicas.

A segunda razão decorre da anterior e diz respeito à expressão. A informação registrada visualmente configura-se num sério obstáculo tanto para o pesquisador que trabalha no museu ou arquivo, como ao pesquisador usuário que frequenta essas instituições. O problema reside justamente na sua resistência em aceitar, analisar e interpretar a informação quando esta não é transmitida segundo um sistema codificado de signos em conformidade com os cânones tradicionais da comunicação escrita. (KOSSOY: 2012, p. 32).

A segunda análise está relacionada também, a uma prática cultural, resultante da atitude frequente de compreender a fotografia, através de padrões ou explicações pré-estabelecidas. As informações registradas a priori como esclarecimentos já codificados na fotografia, ou o objeto de arte que está em foco, acarretaria problemas posteriores, pois quando esta informação não é transmitida a priori, de acordo com o sistema tradicional da escrita, poderia desencadear outros problemas. Ou seja, a existência de uma análise prévia já decodificando o que a fotografia deseja transmitir seria a segunda razão para a dificuldade de apreender a fotografia enquanto fonte de pesquisa científica.

Pautado no embasamento teórico/metodológico de Kossoy, em relação às críticas sobre o aproveitamento da fotografia, como fonte de pesquisa, e dentro de um contexto contemporâneo, de forma mais adequada, seriam considerados relevantes para uma pesquisa, as fontes históricas, os conhecimentos escritos, as histórias transmitidas via oral, bem como, os objetos que representassem o período retratado nas imagens fotográficas e que possibilitassem os estudos de identificação dos documentos.

Situa-se este estudo no nível técnico e descritivo, o qual fornecerá elementos seguros e objetivos para a interpretação. Aqui foi englobado, de uma certa forma aquilo que a metodologia clássica da história denominou crítica externa, exame que não tenho conhecimento de ter sido desenvolvido anteriormente em relação as fontes fotográficas. De qualquer forma consideramos ser este um exame específico para o entendimento das fontes fotográficas. É a natureza do documento que interessa, nesse estudo o ser do documento – compreender o documento. (KOSSOY: 2012, p. 77).

Assim, a fotografia não explica todo o passado, mas sim uma cena diante de todo o contexto sociocultural que a imagem está inserida. A imagem é antes de tudo uma representação elaborada a partir do real que parte a priori do olhar do fotógrafo para uma posterior análise subjetiva do sujeito que a observa.

O contexto particular que resultou na materialização da fotografia, a história do momento daquelas personagens que vemos representadas, o pensamento embutido em cada um dos fragmentos fotográficos, a vida enfim do modelo referente – sua realidade interior – é todavia, invisível ao sistema óptico da câmara. Não deixa marcas no dispositivo fotossensível, não pode ser revelada pela química fotográfica, nem tampouco mostrada pelos recursos eletrônicos. Apenas imaginada. (KOSSOY: 2009, p. 133).

Pensando assim, as fotografias possibilitariam refletir sobre os lugares e sujeitos que caracterizam e formam a paisagem. Participariam da composição da paisagem, as ações do tempo, o acúmulo histórico, a arquitetura e as manifestações culturais. É necessário, informar também, que a paisagem não está pautada apenas na visualização de um lugar, mas sim em uma gama de apreensões existentes através de outros sentidos perceptivos e principalmente na interpretação subjetiva do sujeito diante da paisagem.

A paisagem que nos cerca exemplificada através dos monumentos arquitetônicos existentes e os objetos históricos podem ser compreendidos como fatia ou parte de uma realidade do presente ou do passado. Os indícios existentes na imagem fotográfica são as pistas inerentes ao próprio documento. Kossoy (2004) informa que as representações fotográficas possuem em si, conhecimentos e dados do real, desse modo, são instrumentos de grande valor em uma pesquisa pautada na interpretação e entendimento fotográfico.

Nesse sentido, as imagens fotográficas podem ser analisadas, a partir de metodologias compatíveis, e assim se constituíram como fontes de pesquisa para a investigação de cenários e memórias de vida. É nesse ponto de vista que fundamentamos, a utilização de fotografias em nossa pesquisa.

Os indícios são as pistas, os vestígios existentes nas imagens fotográficas que se tornam importantes junto a referências bibliográficas que permeiam o campo de estudos em diversas áreas como a antropologia, a história, a geografia, entre outras, possibilitando a utilização da imagem fotográfica, como fonte. São informações que são repassadas, pela fotografia, através da forma escrita e visual que tornam possíveis entender as paisagens e a história por trás do registro fotográfico.

Desse modo, entende-se que a fotografia vai além do que se mostra realmente. O assunto fixado na imagem tem sua própria explicação, uma história existente, não necessariamente e nem sempre é explicitada na imagem fotográfica. Como um mistério, determinado no espaço e no tempo que corresponde a própria imagem. Kossoy nos alerta que isso é característico da fotografia, mostrar algo existente, todavia seu significado consegue ultrapassar o que está posto na imagem fixa.

Existe um conhecimento implícito nas fontes não verbais como a fotografia; descobrir os enigmas que guardam em seu silêncio é desvendar fatos que lhe são inerentes e que não se mostram, fatos de um passado desaparecido que imaginamos, em eterna tensão com a imagem presente que vemos no documento: realidades superpostas. Existe, sim, um pensamento plástico como afirmava Francastel. Não raro, memória, informação, propaganda, testemunho e ficção se confundem numa única imagem. Seguir decifrando essa forma de conhecimento é o desafio que nos move. (KOSSOY: 2004, p. 232).

Dando continuidade à nossa abordagem, Kossoy, argumenta que para entender as fotografias é necessário o entendimento do contexto na qual a imagem está inserida e a busca desse entendimento, se faz através de estudos situados também junto a outras fontes bibliográficas que proporcionem o embasamento científico para a construção da pesquisa.

Existem diferentes modelos e tipos de fontes que contribuem para a construção investigativa da fotografia, diante desse raciocínio, Kossoy (2012) traz informações sobre quatro grandes categorias possíveis para um estudo investigativo e seriam estas: as escritas, as iconográficas, as orais e os objetos. Diante desta subdivisão feita pelo autor é importante discorrer um pouco mais sobre as fontes iconográficas, que estão subdivididas em fontes iconográficas originais e fontes iconográficas impressas.

As fontes iconográficas originais – em especial as fotográficas que nos interessam diretamente – referem-se às fotografias de época, as quais se encontram em coleções públicas e privadas, muitas vezes em antiquários e sebos de descendentes dos fotógrafos. (KOSSOY: 2012, p. 73).

Dessa maneira, as fotografias originais possibilitam obter informações importantes e promovem o contato direto do pesquisador junto às imagens. Para as fontes iconográficas impressas existem mais três sub-categorias que seriam: as publicações que contenham imagens fotográficas, os desenhos representando objetos e fatos relacionados à práxis fotográfica e as caricaturas acerca da atividade fotográfica estampadas em periódicos.

Ainda nessa linha de raciocínio, Kossoy, explica sobre a trajetória e a procedência do documento fotográfico. Assim, para a construção da pesquisa seria interessante buscar e envolver a trajetória do documento fotográfico na pesquisa, na tentativa de compreender a origem, ou seja, de onde veio o documento fotográfico, todavia isso nem sempre é possível, pois nos deparamos diante da imprecisão das informações que são repassadas de arquivos públicos, pois muitas fotografias podem não possuir um catálogo oficial e até mesmo pesquisas anteriores podem não ter sido realizadas no sentido de auxiliar no embasamento da pesquisa científica. Entretanto, isso não significa que a pesquisa não possa ser realizada, é aí que entra o papel do pesquisador aguçando o sentido investigativo para entender as informações através de uma interdisciplinaridade. (KOSSOY: 2012).

Nesse sentido, o autor continua a explicar que ao selecionar as imagens abordadas em uma pesquisa torna-se necessário entender sobre a análise técnica e a análise iconográfica. Assim, para o autor a análise técnica seria o estudo e investigação do artefato, seria a explicação de cunho técnico; a análise iconográfica seria o estudo das informações, a partir da análise do conteúdo da imagem. Nesse sentido, Kossoy nos remete a pensar, no seguinte pressuposto,

A separação entre análise técnica e análise iconográfica dá-se apenas para efeito didático. Na prática, esta dupla análise (que corresponde ao exame técnico-iconográfico) se realiza conjuntamente, e seu resultado será tanto mais rápido e eficaz, quanto maior for a experiência do pesquisador, quanto mais

intensa for sua convivência com as fontes fotográficas. É justamente pelo contínuo cruzamento das informações implícitas e explícitas do documento como um todo, que se poderá reconstituir o processo que culminou com a materialização iconográfica de um artefato fotográfico num particular lugar e época. (KOSSOY: 2012, p. 81).

Para o autor, a fotografia não é uma imagem indiscutível da realidade, mas sim uma criação de um autor - o fotógrafo, que pode excluir ou incluir conteúdos na cena. Assim, o ato realizado pelo fotógrafo envolve variados interesses como os sentimentos, vontades e criatividade advindas primeiramente do criador da imagem.

Deve-se, por outro lado, entender que a imagem fotográfica é um meio de conhecimento, pelo qual visualizamos microcenários do passado; contudo, ela não reúne em si o conhecimento do passado. O exame das fontes fotográficas jamais atingirá sua finalidade se não for continuamente alimentado de informações iconográficas (necessárias aos estudos comparativos) e das informações escritas de diferentes naturezas contidas nos arquivos oficiais e particulares, periódicos da época, na literatura, nas crônicas, na história e nas ciências vizinhas. (Kossoy: 2012, p. 82)

Assim, o autor atenta para possíveis pistas que possam surgir e auxiliar o campo investigativo da pesquisa científica, estas pistas nas imagens seriam, as roupas das pessoas, os nomes de ruas, os cartazes, os prédios e as mudanças na arquitetura entre outras fontes que não podem passar despercebidas pelo pesquisador diante das fotografias. Desse modo, chega-se ao pensamento e junção de informações:

Somente pelo contínuo cruzamento das informações existentes (implícitas e explícitas) nos caracteres externos e internos do objeto/imagem poder-se-á determinar com precisão os componentes do processo que geraram essa fonte histórica. Qualquer que seja a fotografia a ser submetida ao exame técnico-iconográfico, a inter-relação entre os caracteres externos e internos deve ser constantemente realizada. (KOSOY: 2012, p. 91).

Nesta proposição investigativa, busca-se a compreensão/revelação, através da fotografia, da paisagem, levando o observador a entender possibilidades, contextos sociais, históricos e econômicos presentes na imagem. Quando nos deparamos diante de uma fotografia o que realmente vemos? A nossa compreensão da imagem fotográfica é influenciada por várias compreensões de mundo em nossa mente,

derivadas estas de nossas experiências e imaginações. A fotografia nunca é totalmente imparcial, pois a primeira visualização existente foi a do fotógrafo que registrou o ato fotográfico, seja de maneira espontânea, seja incumbido desta tarefa.

Enfim, as fotografias aqui utilizadas nesta pesquisa, e o passado associados a elas, levam a refletir e lembrar dos momentos que já foram vivenciados através de uma experiência visual dos seres diante da imagem, ali impressa, por meio de fotografia, em diversos momentos, seja nos momentos mais comuns do cotidiano, como em momentos vividos em atividades profissionais e nas imagens de documentos que comprovam determinada ação, vivida no passado.

Esse pensamento nos faz refletir acerca da maneira como nos envolvemos afetivamente com os conteúdos existentes nas fotografias, pois de uma maneira ou de outra, nos dizem respeito e através delas afloram nossos sentidos, voltamos ao passado, visualizamos como eram nossos amigos e como nós mesmos éramos, assim os sentimentos afloram. Kossoy exemplifica como uma espécie de viagem de volta ao passado sob a mediação da imaginação que possibilita reconstruir os acontecimentos em nossa mente. Nos álbuns de famílias a cada página que percorremos personagens nos saltam aos olhos e novos assuntos rememoram em nossa imaginação, um meio que possibilita reconstruir uma trajetória de vida através das fotografias. (KOSSOY: 2012).

É dessa forma que entendemos que fotografia pode trazer de volta informações do passado, ao se tratar da memória deve-se informar que os dados que se aglomeram na fotografia representam o acúmulo de sedimentos depositados pelo tempo. Cada fotografia, guarda consigo uma história que representa um acontecimento. Nas fotografias de família podem ser exemplificados os momentos em que os laços ressurgem ou acabam, sendo deixados de lado ao lembrar momentos que fizeram parte da história, sejam estes momentos tristes ou alegres. Procuramos nesta análise, entender como a fotografia pode ser estudada sob o viés científico, possibilitando a leitura de um tempo e espaço vivido pelo nosso biografado.

2.2 As Teorias de análise da História

Em livros ou em publicações em jornais e revistas, perseguimos a fundamentação teórica que permitisse estudar, escrever, recompor um fragmento da

história da Educação no Ceará, em que esta não ocorre, apenas, em “ambientes formais de educação e suas diretrizes preconizadas pelo poder público” (XAVIER: 2014, p. 28.); mas, também, em artigos de jornais, anotações em livros ou conversas informais ou não, em agremiações literárias ou, ainda, em espaços públicos ou privados – tais conversas estarão, mais tarde, reconstruídas, em outros capítulos, por meio da fonte oral.

A recorrência a este arcabouço teórico, fundamental à pesquisa, implicou a construção de uma abordagem dos eventos históricos a partir da Nova História Cultural; escolha esta justificada pelo fato de que a História Cultural abre veios novos ao pesquisador, indo em direção contrária aos modelos globalizantes, sempre muito apegados ao princípio da totalidade, fazendo com que o pesquisador se converta em refém da busca de tudo o que se encontra incrustado na História Política e, ainda, em configurações outras. Desse modo, as explicações globais revelam-se, a rigor, incapazes de deparar a relevância de novos agentes históricos – o que faz com que possam, portanto, sofrer senões. Passavento adverte-nos que a Nova História Cultural:

Corresponde hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob forma de livros e artigos, como nas apresentações de trabalhos, em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras. (PESAVENTO: 2004, p.7-8).

Dando continuidade a nossa análise sobre as teorias da História, no fim dos anos de 1920, surgiria, em França, uma nova possibilidade de leitura das problemáticas historiográficas: a História das Mentalidades; esta implicava, essencialmente, a fuga de uma, expressemos assim, história historicizante; avessa esta a quaisquer diálogos com as demais Ciências Humanas, como se o saber estivesse engendrado num sistema de capitania hereditárias – cada qual com o seu donatário. Em vez de tal procedimento, Vainfas defende uma história que problematize o social, que lance o seu olhar sobre os seres anônimos, seus usos e costumes; portanto:

Uma história com estruturas em movimento, com grande ênfase no mundo das condições de vida material, embora sem qualquer reconhecimento da determinância do econômico na totalidade social à diferença da concepção marxista da história. Uma história não preocupada com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global e com a reconstrução dos fatos em série passíveis de compreensão e explicação. (VAINFAS: 2002, p.17).

Ainda de acordo com Vainfas, muitos críticos iriam se insurgir contra os defensores da História das Mentalidades. A mais comum e corrosiva das críticas formuladas era a de que a História das Mentalidades tornava multífragmentado o seu objeto de estudo; isto é, “a chamada História das Mentalidades e, abria-se de tal modo a outros saberes e questionamentos que, no limite, poria em risco a própria legitimidade da disciplina”. (Vainfas: 2002, p.55-56). Em meio a tantos pontos de vista a ela adversos, a História das Mentalidades encontraria abrigo na Nova História Cultural:

Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero refluxo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Longe vão também as assertivas herdeiras de uma concepção da belle époque, que entendia a literatura e, por extensão, a cultura, como o sorriso da sociedade, como produção para o deleite e a pura fruição do espírito. (PESAVENTO: 2004, p.14/15).

Tratava-se, conforme podemos, claramente, observar, de uma nova maneira de como a História passava a preocupar-se com a cultura: “não mais como uma mera história do pensamento, onde se estudavam os grandes nomes de uma dada corrente ou escola. Mas, que tenderia a enxergar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”.(Pesavento: 2004, p.15).

A Nova História Cultural vai, portanto, fazer ressalvas ao conceito de mentalidades, (sem, no entanto, negá-lo) por classificá-lo como ambíguo e excessivamente vago. Entretanto, a Nova História Cultural não nega a aproximação com as demais ciências humanas; admite o conceito de longa duração; e também

apreende os temas do cotidiano: “Os historiadores da cultura (...) não chegam propriamente a negar a relevância dos estudos sobre o mental. Não o recusam, pelo contrário, se aproximam da antropologia e demais ciências humanas, admitindo a longa duração e não rejeitando os temas das mentalidades e do cotidiano.” (VAINFAS: 2002, p.56)

Outra faceta da Nova História Cultural seria a aproximação com os seres anônimos; daí a sua predileção por caminhos alternativos para a investigação histórica. E foi este mar de possibilidades outras que vários historiadores passaram a singrar. Em 1976, Carlo Ginzburg publicou *O queijo e os vermes* – obra singular da Nova História Cultural, reconstrói o percurso de um moleiro condenado como herege pela Inquisição no século XVI. Neste escrito, Ginzburg abandona o conceito de “mentalidades”, adotando o de “cultura,” definindo a cultura, como “o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprio das classes subalternas em certo período histórico.” (GINZBURG;1986, p.16).

Outro pensador da Nova História Cultural, Roger Chartier, concorda com as discussões lançadas por Ginzburg, por também rejeitar a visão dicotômica entre “cultura popular X cultura erudita”, em favor de uma visão, deveras, mais abrangente, que, no limite, valoriza o dimensionamento da cultura em termos de classes sociais. Para tanto, propõe um conceito de cultura como prática, sugerindo para seu estudo as categorias de representação e apropriação. (CHARTIER: 1990).

Por representação, compreendemos algo que nos permite ver uma coisa ausente; o que seria, para Chartier, mais abrangente que o conceito de mentalidades, uma vez que o ausente em si não pode mais ser visitado. Pesavento discorre sobre esse conceito: “estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência.” (PESAVENTO; 2004, p.40) A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência, tornando sensível uma presença. Se o cerne do conceito de representação é trazer para o presente o ausente vivido, e, dessa forma, poder interpretá-lo; o de apropriação é “construir uma história social das interpretações, remetida para suas determinações fundamentais”; (CHARTIER; 1990, p. 26). Quais sejam: o social, o institucional e, sobretudo, o cultural. Salientemos que, tanto na sua vertente italiana quanto na francesa, as proposições da Nova História Cultural seriam a decodificação da realidade do já vivido por meio das suas

representações, aspirando, com isso, amearhar as formas por que a humanidade se expressou a si mesma e ao mundo.

O historiador da cultura entende que o passado só advém aos nossos dias através das representações: “a rigor, o historiador ‘da cultura’ lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não-vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele.” (PESAVENTO; 2004, p 42)

Posterior a essas discussões, outra possibilidade de investigação histórica se somaria, como fruto do emaranhado de mudanças epistemológicas que seguiram a trilha da Nova História Cultural: a micro-história; nesta, muitos historiadores da Nova História Cultural encontraram sua seara, dando outro dinamismo ao ofício do historiar.

2.2.1 – Micro-história e Historiografia

A Micro-história brota do embate intelectual e historiográfico, estendido por entre as décadas de 70 e 80 do século XX, relacionada, evidentemente, com a crise do paradigma marxista e de outros modelos de história totalizante, bem como com a solução a que visava a história das mentalidades, que cedo se mostrou inconsistente no plano estritamente teórico-metodológico. (VAINFAS: 2002). Assim, as finalidades da Micro-história movem-se do campo das críticas à história das mentalidades, (E coincidem com aquelas ideias formuladas pela Nova História Cultural), não se deixando, contudo, confundir com elas.

Inquerimos: Qual a contribuição que a Micro-história fornece à Nova História Cultural? Metodologicamente, a Micro-história avança nas pesquisas historiográficas no momento em que rompe com quaisquer práticas sedimentadas na retórica e na estética. Nesse sentido, interessa-se, de modo mais intenso, pela descrição de tudo o que se encontre mais próximo do comportamento humano, elegendo, como modelo de ação, a voz dos que, séculos e séculos, foi ceifada pelo esquecimento. A micro-história possui, portanto, um papel muito específico dentro da Nova História Cultural: o de “refutar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos.” (LEVI: 1992, p. 136).

Reznik ressalta, também, que uma vez posto como categoria central de análise, o espaço local abre novas perspectivas de estudo em relação às interdependências entre os sujeitos e os fatores que determinaram as experiências históricas eleitas pelo olhar do historiador:

Nessa nova concepção, cada aparente detalhe, insignificante para um olhar apressado ou na busca exclusiva dos grandes contornos, adquire valor e significado na rede de relações plurais de seus múltiplos elementos constitutivos. (REZNIK: 2015, p. 38).

Inferimos que, sob o viés da micro-história, alicerçado na Nova História Cultural, pode o investigador encontrar elementos até então despercebidos pela historiografia tradicional:

Ao eleger o local como circunscrição de análise, como escala própria de observação, não abandonamos as margens (...), as normas, que, regra geral, ultrapassam o espaço local ou circunscrições reduzidas. A escrita da história local costura ambientes intelectuais, ações políticas, processos econômicos que envolvem comunidades regionais, nacionais e globais. Sendo assim, o exercício historiográfico incide na descrição dos mecanismos de apropriação – adaptação, resposta e criação – às normas que ultrapassam as comunidades locais. (REZNIK: 2015, p. 39).

Para Levi “o princípio unificador de toda a pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados”, (LEVI; 1992, p.139), o que não aconteceria numa abordagem tradicional. A descrição micro-histórica erige fatos relevantes que, caso contrário, estariam ainda adormecidos, interpretando-os para inseri-los nas teias do discurso cultural.

A Micro-história, portanto, fisga singularidades e, com isso, torna-se capaz de verticalizar situações, estudos, aproximando-se, de modo mais pleno, do homem e de sua hora, de um sujeito único e do contexto social em torno do qual giram suas ações, convertendo tudo isso no foco das explicações. De natureza metalinguística, isto é, voltada para o próprio código, a produção da Micro-história é única, circunscrita em si mesma.

Subjetiva, a obra *Micro-histórica* está sujeita a intuições, à capacidade do pesquisador de perceber o entre-texto: analisando processos judiciais da Inquisição, Ginzburg reergue Menochio, o Moleiro. (GINZBURG; 1986, 16). Assim, o ofício do historiador seria próximo à atividade do detetive e do médico, que, pelos indícios, sinais e resquícios, reconstroem um mundo de significação: um crime ou uma doença, respectivamente.

2.2.2 – A Biografia e a sua relação com a História da Educação

O trajeto de um sujeito biografado pode confundir-se com a vivência de um lugar ou de uma instituição; por conta disso, a biografia tanto caminha em direção da história institucional, quanto pode concentrar-se em áreas específicas; daí sua desenvoltura enquanto gênero – o que, intrinsecamente, relaciona-se com o processo de renovação metodológica dos estudos da História, fruto do entendimento de que a pesquisa biográfica pode, enquanto recurso metodológico, expandir feixes para a reconstrução de um momento histórico ou, de modo mais particular, de determinados contextos. A biografia resgata percursos individuais, inseridos em seus respectivos contextos, a partir dos quais o presente dialoga com o passado.

Em crise, o paradigma estruturalista, até então orientador da historiografia, a partir da década de 60 do século XX, abriu caminho para a biografia. Para esses estruturalistas, o papel do historiador seria, essencialmente, “identificar as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso”. (CHARTIER; 1994, p. 102). Por outro lado, os historiadores atuais “quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais.” (CHARTIER; 1994, p. 102). Neste cenário, ante a nova realidade metodológica, ocorreria um recuo da história quantitativa e serial, por um lado; por outro, o avanço dos estudos de caso e da micro-história.

Do século XIX até meados do século XX, visando afirmar sua cientificidade, a História afastou-se da Literatura; esta, uma vez proscrita, deixou livre o caminho para que se tornasse mais viva a “tendência em negar a narratividade como modo adequado de exposição da escrita histórica. ” (CEZAR; 1997, p. 26). Assim, a

biografia é um movimento internacional que se inicia na década de 80 do século XX; e, na historiografia brasileira, nos anos de 1990, do mesmo século.

Cezar ressalta, como favorável à historiografia, a reaproximação desta com a literatura – elemento recorrente nas novas biografias produzidas por historiadores (CEZAR; 1997, p. 26). Ora, não podemos esquecer que a conversão de um sujeito em biografado faz deste, agente de ações, que tanto dizem de si mesmo, quanto dos outros.

Mas o historiador, ao utilizar-se do processo narrativo, na construção de uma biografia, não deve alumbrar-se pela sedução da possibilidade do devaneio, convertendo-se num ficcionista; é mister, portanto, que esteja, o tempo todo da empreitada, cômico de que o seu compromisso é com sujeitos históricos, colhidos de um contexto social, econômico, político, ético, moral, etc.; e mais: que tais sujeitos a ele vieram por meio de fontes orais ou escritas, nunca pelas teias cerzidas pela verossimilhança, ou seja, pela lógica interna do enredo, como, por exemplo, os atores do quadro que se segue:

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. [...] Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço.

Devia continuar a arrastá-los? Sinhá Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo. (RAMOS: 1969, p.75).

Como o imaginário reside na nossa capacidade de vislumbrar o desconhecido, o “inusitado se cria a partir de um desdobramento daquilo que é familiar”; (SANTOS e OLIVEIRA; 2001, p. 73) e a nova imagem resulta da deformação da anterior; assim, extraídas da realidade circundante, as personagens de ficção sofrem um processo de transfiguração, remodeladas pelo cinzel de seu criador, mais do que criaturas de carne e osso, são, em verdade, metonímia da condição humana; por isso, driblam o eixo das horas, desfigurando o tempo e o espaço de suas (des)venturas:

A diferença profunda entre a realidade e as objectualidades puramente intencionais – imaginárias ou não, de um escrito, quadro, foto, apresentação teatral etc. – reside no fato de que as últimas nunca alcançam a determinação completa da primeira. As pessoas reais, assim como todos os objetos reais, são totalmente determinadas, apresentando-se como unidades concretas, integradas de uma infinidade de predicados, dos quais somente alguns podem ser “colhidos” e “retirados” por meio de operações cognitivas especiais. Tais operações são sempre finitas, não podendo por isso nunca esgotar a multiplicidade infinita das determinações do ser real, individual, que é “inefável”. Isso se refere naturalmente em particular a seres humanos, seres psicofísicos, seres espirituais, que se desenvolvem e atuam. A nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres individuais, é extremamente fragmentada e limitada. (ROSENFELD: 2009, p. 32).

Já os sujeitos biografados não perdem nunca a sua marca, resultam de testemunhos, oriundos da oralidade ou dos documentos, passíveis de constatação:

São Francisco não escreveu muito. Mesmo se tivéssemos a primeira Regra, as cartas e os poemas perdidos, todas as suas riquezas caberiam num pequeno volume. A edição delas que nos deram os franciscanos de Quaracchi está dividida em três partes: I) as Admonições e as Regras; II) as cartas; III) as orações. Sob o pretexto de só publicar as obras em latim, os padres de Quaracchi mutilaram a obra escrita de São Francisco de Assis de uma obra-prima essencial, o Cântico do irmão Sol, escrito em italiano. [...] É preciso, em francês, utilizar de hoje em diante a edição dos padres Théophile Desbonnets e Damien Vorreux. (LE GOFF: 2013, p. 92).

A leitura comparativa da construção desses dois excertos delimita bem as fronteiras de seus respectivos interesses: a família de Fabiano entrou na casa dos leitores porque Graciliano Ramos a concebeu; é, portanto, produto de seu gênio criador, por isso não houve coleta de provas, de documentação oficial ou não, tampouco uma metodologia científica; Le Goff, no entanto, enumera edições de obras, as línguas em que estas foram escritas e aponta o que pode ser, hoje, consultado a respeito do assunto. Ressaltamos, ainda, que, em tempos atuais, as biografias, se escritas por historiadores, não devem ser vistas como obras encerradas, definitivas, pois estarão sempre abertas a outras leituras; tão somente descortinam questões de pesquisas antes não detectadas por enfoques macroscópicos.

2.2.3 - O Gênero Biográfico e a Historiografia

Na historiografia contemporânea, um dos maiores desafios que enfrenta a biografia é, notadamente, a escolha dos protagonistas dessas narrativas; antes, estes pertenciam apenas à casta dos notáveis, “os reis do baralho humano” etc.; ora, podem integrar também a legião dos esquecidos ou pouco visíveis, as pessoas comuns, pois, agora, considerado o contexto que o rodeia, um indivíduo pode ser investigado, se constituir um microcosmo de um estrato social inteiro em determinado período histórico.

Outra singularidade que permeia a atual produção historiográfica é a colheita de facetas as mais diversas dos protagonistas, portadoras estas, até mesmo de laivos de banalidade – diferentemente do enfoque anterior, que visava, antes de tudo, a feitos memoráveis, a tarefas hercúleas, à vida pública. No nosso caso, outros ingredientes entram em cena: as emoções, os sentimentos, as atitudes individuais, a vida privada, o espetáculo do cotidiano. Por esta razão é que, em nossa pesquisa, as fontes documentais e /ou orais não de conduzir-nos, também, ao que, em Francisco José de Abreu Matos, eram cismas, aspirações, ceia de inesgotáveis alimentos: “o bonito do mundo é a modulação”. (CAMPOS; 1984, p.21.)

Perquirindo, em Francisco José de Abreu Matos, as profissões, os projetos individuais e os coletivos, as horas de láureas e as de frustrações, a tenacidade com que se entregava ao universo das pesquisas, a abertura à experiência do novo e a disposição em ouvir os alunos e colegas professores, é que, de modo mais intenso, poderemos apreendê-lo. Em torno de tudo isso, medrará sua importância intelectual, o porquê de haver sido o consolidador, em nosso Estado, de um projeto de democratização de um saber, agora, além de popular, tradicional, verificado pelas ciências – e, sem dúvida, considerado aqui com um homem de ação, por isso, foco de nosso estudo.

2.2.4 - História Oral e Metodologia

De há muito, a memória, a partir da história oral, contribui para pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Ordinariamente, pesquisadores sociais servem-se do método da história oral para o registro de fatos cotidianos.

A história oral, as mais das vezes, exerce o papel de suplemento às fontes já existentes, com estas colaborando no sentido de lançar aos pesquisadores, novas problemáticas ou desafios. Tal procedimento, não lhe minguia a importância, uma vez que o anúncio do novo é, por demais, impactante; e questões outras, lançam outras possibilidades por sobre o objeto em estudo: “a evidência oral pode expor, com muito mais clareza do que documentos, os métodos de trabalho de um grande inovador.” (THOMPSON: 1992, p. 107). As fontes orais, como método de estudo, surgem para preencher os vazios deixados por registros escritos, sejam estes inadequados, ou em demasiado técnicos, guardiões de normas gerais – por isso, às vezes, não deixam eclodir as particularidades configuradoras de um determinado período.

A história oral como metodologia possibilita, em nossa investigação, “estabelecer e ordenar procedimentos de trabalho”, (AMADO e FERREIRA; 2002, p. 11), numa ampliação de fontes de pesquisa e oferta de mais procedimentos. A transcrição de variados tipos de entrevistas apontará a relação de causa e efeito de cada uma delas no âmbito da pesquisa.

A história oral é uma metodologia para a produção de uma fonte; além de entrevistas, exige um roteiro articulador das hipóteses do projeto, pois aquelas, as entrevistas, longe de representarem o trabalho do historiador, são, em verdade, as fontes para a edificação de um conhecimento analítico e interpretativo.

Pelo viés desta nova metodologia da História, a relação dos homens com a memória sofre uma transmutação: o que antes estava sob a crosta dos silêncios, agora, explode em vozes, corporifica-se: eis a História Oral; por isso, “quem dela se utiliza para registrar as evidências, também se conscientiza de que qualquer atividade está, irremediavelmente, inserida num contexto social.” (AMADO e FERREIRA; 2002, p. 143). Ao tornar flexíveis as fontes e multiplicar os pontos de vista, a História Oral, permitiu registros mais democráticos, por liberar a convocação de depoentes; daí uma construção histórica mais próxima das verdades humanas:

Convém lembrar que a palavra dita e gravada não existe como fenômeno ou ação isolada. Muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gesto, lágrima, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo as expressões faciais – que na maioria das vezes não têm registros verbais garantidos em gravações –, pode integrar os discursos que devem ser

trabalhados para dar dimensão física ao que foi expresso em uma entrevista oral. (MEIHY e HOLANDA: 2007, p. 14.)

A História Oral, portanto, também pode fazer emergir o que, até então, encontrava-se soçobrado nos pântanos da memória, pondo em cheque as fontes oficiais; por isso, faz-se presente, em nossa pesquisa, com o intuito de, por meio da captação de experiências vividas, melhor compreendermos o cerne das problemáticas e, com as interlocuções, vislumbrarmos horizontes: preferimos, assim, mais o entendimento, às explicações – eis o porquê do comparecimento dos registros orais de familiares, amigos, ex-alunos e colegas de trabalho, no exercício do ensino pesquisa e extensão, mas com a preocupação de que: “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. (BENJAMIN; 1985, p. 197-198). Assim, a ausência de narradores parece indicar que “o avanço do progresso técnico faz desaparecer a cada dia a arte de narrar”. (BENJAMIN; 1985, p. 198).

Por isso, enquanto método de investigação, a História Oral, ao abrir-se à rememoração, faz com os indivíduos compartilhem experiências; e mais do que preencherem lacunas, erguem o império das representações individuais: “As experiências dos homens, constitutivas de suas trajetórias, são rememoradas, reconstruídas e registradas a partir do encontro de dois sujeitos: historiador e entrevistado”. (FONSECA; 1997, p.39). Thompson, outrossim, expande a questão:

A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções de experiências e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira. (THOMPSON: 1992, p.137).

Não obstante, a história oral evidenciar sempre que nem tudo foi escrito, que algo permanece olvidado, pode, do mesmo modo, acontecer que, através das

entrevistas, o que era tido como certo e verdadeiro pelos documentos possa entrar num jogo de dúvida e/ou negação:

Contudo, a história oral – no que tem de melhor – exige que reconheçamos e negociemos esses dilemas e que ponderemos as consequências pessoais e políticas da pesquisa histórica. Tais negociações podem ser desafiantes e até dolorosas, mas, para mim, são compensadoras e meu espírito se eleva quando um aluno volta de sua primeira entrevista arrebatado pelo contato com a história viva, quando a filha de um entrevistado telefona para dizer quanto seu pai apreciou a oportunidade de voltar os olhos para seu passado, ou quando uma nova publicação de história oral destrói mais um mito, ou rompe mais um silêncio. (THOMPSON; 1998, p. 61).

Sendo assim, na pesquisa com a História Oral, as perguntas devem vestir-se de clareza e objetividade, sob o filtro de um conhecimento prévio acerca do entrevistado, como este se insere em determinado contexto – o que, por certo, facilitará o processo de comunicação:

A memória individual, apesar de se explicar no contexto social, é aferida por meio de entrevistas nas quais o colaborador tenha ampla liberdade para narrar. Cuidados devem ser tomados em relação às interferências ou estímulos presentes nas entrevistas. Estímulo é incitação, não forma de colocar na boca do entrevistado as respostas que se quer obter. Estímulos podem existir ou não; tudo, porém, depende dos pressupostos estabelecidos no projeto. (MEIHY e HOLANDA; 2007, p. 56).

As entrevistas, portanto, exigem estratégias: a elaboração (não como um roteiro sequencial e imutável) das perguntas, conversas descompromissadas com os entrevistados, a busca por empatia, e, mais do que tudo, a relevância de sua contribuição para o bom desempenho do trabalho do pesquisador – o que demanda disciplina. A rigor, não há receitas a serem, religiosamente, consumidas. A sensibilidade do pesquisador, seu conhecimento de tudo o que circunda o interesse de seu estudo, tudo isso há de pincelar-lhe o procedimento.

Não obstante a riqueza da História Oral, é preciso não relevar a importância da fonte escrita; pois esta não exclui aquela; as duas, como metodologia, relacionam-se constantemente. Desta forma, se a história oral, nos fornece sua colaboração, por ser

uma forma de arrancar pela voz seres, até então mergulhados na escuridão do anonimato, iluminando-os, não é imprescindível a fonte escrita; ambas estariam como entrelaçadas:

(...) a questão é o que o relacionamento entre as fontes escritas e orais não é aquela da prima – dona e de sua substituta na ópera: quando a estrela não pode cantar, aparece a substituta: quando a escrita falha, a tradição sobe ao palco, isto está errado. As fontes orais corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem. (PRINS; 1992, p. 166).

O que está em jogo, em nossa pesquisa, não reside na valoração desta ou daquela fonte; o que nos move é o desejo de, com o nosso trabalho, contribuirmos para a recomposição de nosso biografado dentro da história de uma época.

3. VIDA ESCOLAR: “de pai para filho desde 1810”.

A família Abreu Mattos traz em sua gênese, uma relação de amor e profissão com a farmacologia, a medicina, o trabalho pela saúde e bem-estar social.

Os Abreus, família da senhora Aida de Abreu Mattos, mãe do professor Francisco José de Abreu Matos, porta em sua genealogia o Barão de Therezopolis; Francisco Ferreira de Abreu, nascido em 18 de novembro de 1823, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (atual Estado do Rio Grande do Sul). Em 1846 casa-se com Inês Marques de Sá e recebe o título de Barão de Therezopolis, em 1874.

Em 1845 doutorou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e posteriormente em 1849 tornou-se Bacharel em Ciências e Doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina de Paris. Foi professor da seção de ciências cirúrgicas (1851); lente catedrático em medicina legal (1854 – 1877); vice-diretor (1873 – 1881) da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde em 1881 aposentou-se.

Além da medicina, a farmacologia está presente na família Mattos a quatro gerações, desde 1810, com o nascimento de Francisco José de Mattos em 12 de outubro do mesmo ano, em Aracati. Em 1836 obteve do Protomedicato de Recife sua licença de Cirurgião do Império para exercer a atividade em seu Estado natal, Ceará. Em 1839 muda-se para Fortaleza e posteriormente para a corte no Rio de Janeiro onde passou a clinicar e com êxito. Teve pacientes ilustres como os Senadores Alencar e Calmon, dentre outros.

Em 1840 retorna a Fortaleza, onde aceitou o cargo de Diretor da enfermaria de caridade. Detentor da criação das famosas “Pílulas Purgativas do Cirurgião Mattos”, mais comumente conhecida pelos cearenses como “Piula do Mato”. A fabricação destas iniciou-se em 1846 quando residia em Quixeramobim, à base de plantas regionais: “cabacinha” (*Luffa operculata*) com “batata-de-purga” (*Convolvulus operculata*) conforme arquivo da família.

Foi eleito Deputado Provincial por três vezes entre os anos de 1848 e 1873, foi membro da Sociedade Auxiliadora da Indústria e Presidente da Câmara Municipal de Quixeramobim. Faleceu em Baturité em 04 de outubro de 1876, vítima de febre perniciosa¹.

¹ Febre perniciosa é uma das quatro formas de manifestação da Malária. A febre perniciosa é a forma mais grave, que coloca o paciente em risco de vida (Spethmann, Carlos Nascimento – Medicina de A a Z, Ed. Natureza, 2003).

As “Pílulas Purgativas do Cirurgião Mattos” eram conhecidas e prescritas em todo o Ceará, tendo como um de seus divulgadores mais ilustres o então Padre Cícero Romão Batista, conforme propaganda da época:



Figura 2 e 3: Propaganda das Pílulas de Mattos em Juazeiro, 1926.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

Nascia assim, um legado na família Mattos, segundo Aida Montenegro², a partir do bisavô, ao primogênito seria transmitida a incumbência de um membro da família, em cada geração, obter formação como farmacêutico e dar prosseguimento a profissão do pai, do avô, do bisavô, e por aí vai.

Seguindo essa tradição, Joaquim d’Alencar Mattos, avô, do nosso biografado, nascido em 1860, dava prosseguimento à profissão do pai, fundando em 29 de novembro de 1883, na então Província de Baturité a “Pharmácia e Drogaria Mattos”, melhorou as Pílulas de Mattos revestindo-as com prata para evitar

² Aida Maria Matos Montenegro é filha de Francisco José de Abreu Matos com Maria Eunice Filomeno Ferreira Gomes. É a responsável por arquivar e conservar um acervo referente à vida do pai, composto por documentos variados, fotografias, textos de jornais, prêmios recebidos, etc. Sem esta documentação seria muito difícil apresentar neste trabalho à sua história.

falsificações e registrou a fórmula na então Inspectoria Federal de Saúde em 1908, sendo assim o quinto produto farmacêutico oficial do Brasil.

Em 1905, a Pharmácia Mattos produziria além das Pílulas de Mattos vários outros preparados: Peitoral Mattos de Jucá e Goma-angico (contra tosse); xarope de Urucu composto (poderoso antiasmático); Elixir de Velame; Caroba e Manacá (grande depurativo do sangue e específico da sífilis); Elixir estomacal de Torém; Água Juvenil (para o cabelo); Leite anti-félico (para a pele); Ziziphus e Vitiver (pó e pasta dentifrícia) e outros.

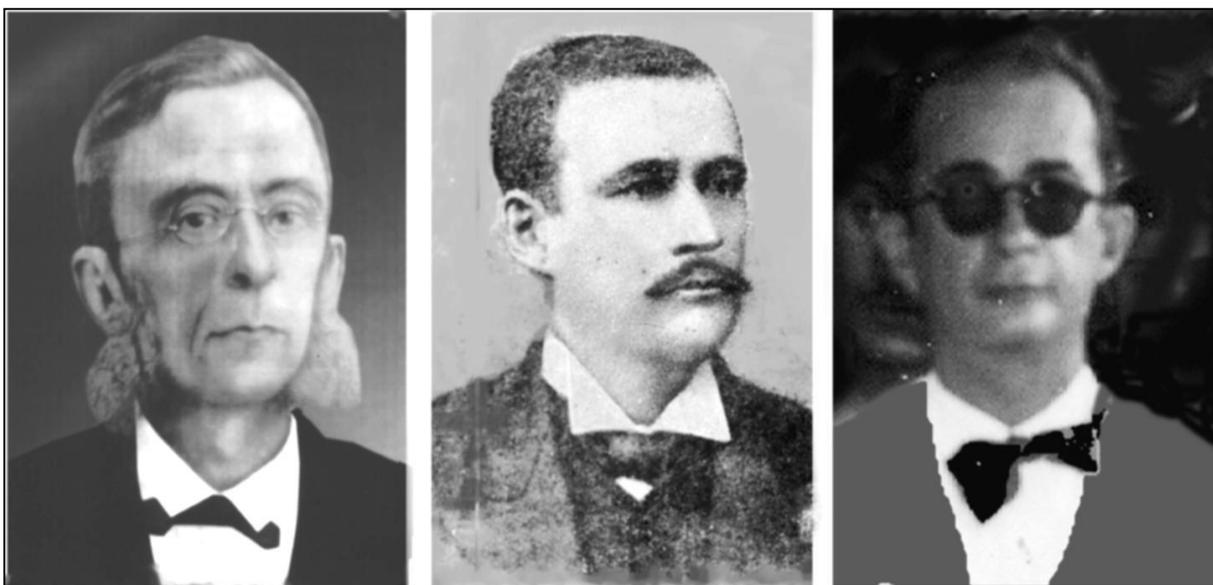


Figura 4: Da esquerda para a direita, Francisco José de Mattos, seu bisavô, Joaquim d'Alencar Mattos, seu avô, Francisco Campello Mattos, pai do nosso biografado.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

Durante vinte e nove anos dedicou-se exclusivamente à sua Farmácia onde fabricava as pílulas e vários outros fitoterápicos tais como, o “específico São Bento”, remédio criado para combater “mordedura de cobras”, que lhe acarretaram em 1908 prêmios na Exposição Nacional do Rio de Janeiro.

Em 1912, o então farmacêutico e Cel. Joaquim d'Alencar Mattos era empossado como Intendente Municipal de Baturité, este também possuía uma pequena gráfica onde eram editados um jornal, “O Combate” e o “Almanak Mattos”, uma revistinha que trazia informações gerais úteis e propaganda de seus remédios.

Francisco Campello Mattos, seu pai, nascido em 1894 em Baturité, conclui seu curso na Faculdade de Farmácia e Odontologia e Obstetrícia do Ceará em 1922, assim como o pai segue a carreira de Farmacêutico, contudo teve parte de sua formação realizada no Rio de Janeiro com estágio no Laboratório Farmacêutico do Exército. Sua vida profissional fica dividida entre o magistério secundário no Liceu do

Ceará, onde ministrava a disciplina de Biologia e a fabricação e comercialização em Baturité e Fortaleza das Pílulas de Matos. Casou-se com Aida de Abreu Mattos, nascendo dessa união, Francisco José de Abreu Matos que viria a obter a formação de farmacêutico, como era tradição na família.

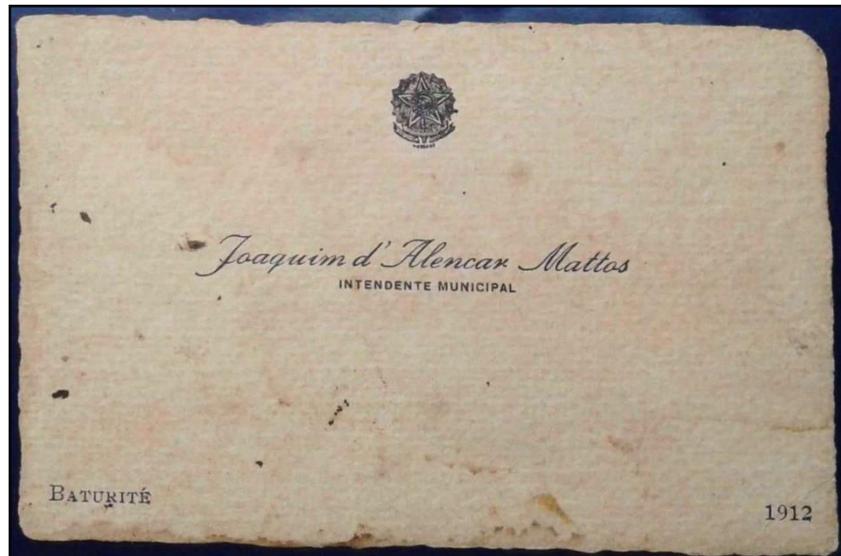


Figura 5: Cartão de Intendente Municipal de Joaquim d'Alencar Mattos, Baturité, 1912.

Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.



Figura 6: Casal Francisco Campello Mattos e Aida de Abreu Mattos.

Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

Francisco José de Abreu Matos nascia às quinze horas do dia 21 de maio de 1924, na cidade de Fortaleza, no Boulevard Visconde de Cauhype, nº 1010. Aqui Aida Montenegro, sua filha, acrescenta que até então o nome Mattos da família era escrito com dois “Ts”, mas o seu avô retirou um a partir do registro de seu pai, adaptando o nome da família a reforma da língua portuguesa, realizada aquela época no Brasil.

A família era composta por nove filhos, sendo sete homens e duas mulheres, o primogênito Joaquim Alfredo de Abreu Matos morre aos quatorze anos, sendo transferido assim a Francisco José de Abreu Matos a incumbência de dar prosseguimento a tradição familiar e formar-se em Farmácia. Para tanto, iniciou sua vida escolar no Colégio Nossa Senhora das Vitórias, em Fortaleza, onde cursou o primário, mesmo morando em Fortaleza, sempre mantinha contato com as atividades farmacológicas de seu avô, em especial, nas férias escolares, quando passava essa temporada em Baturité.

1 e 2

CARTORIO DO REGISTRO CIVIL DA PRIMEIRA ZONA
REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

FORTALEZA, CAPITAL DO ESTADO DO CEARÁ

Certidão de Nascimento

O Bacharel João de Deus Cavalcanti, Oficial do Registro Civil da Cidade de Fortaleza, Capital do Ceará

CERTIFICO que do livro n. 36 de Registro de Nascimento a fls. 42 sob o n. de ordem 379 consta que no dia vinte e um (21) de Maio de mil novecentos e vinte e quatro (1924), às 15 horas, nesta Cidade de Fortaleza, Capital do Ceará, no Boul. Visconde de Cauhype, nº 1010, nasceu uma criança do sexo masculino de nome FRANCISCO JOSÉ filho legítimo do Dr. Francisco Campello Mattos e de Da. Aida de Abreu Mattos, brasileiros sendo seus avós paternos Joaquim de Alencar Mattos e Da. Luiza, digo, Luzia Amélia Campello Mattos e maternos Alfredo Ferreira de Abreu e Da. Philomena Barbosa de Abreu

É o que se contém no referido termo de nascimento que está assinado por o escrivão e pelo pai do registrado e testemunhas Antonio Petter Bernard e Leopoldo Mattos

Observações: Registro feito no dia 26 de maio de 1924.

Esta conforme, dou fé.
Fortaleza, 03 de Maio de 1924

O OFICIAL DO REGISTRO CIVIL

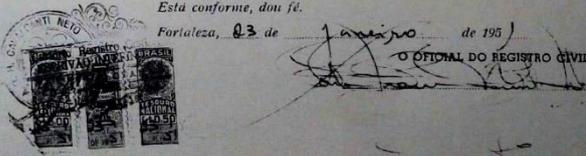


Figura 7: Certidão de Nascimento de Francisco José de Abreu Matos, 1934.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro,

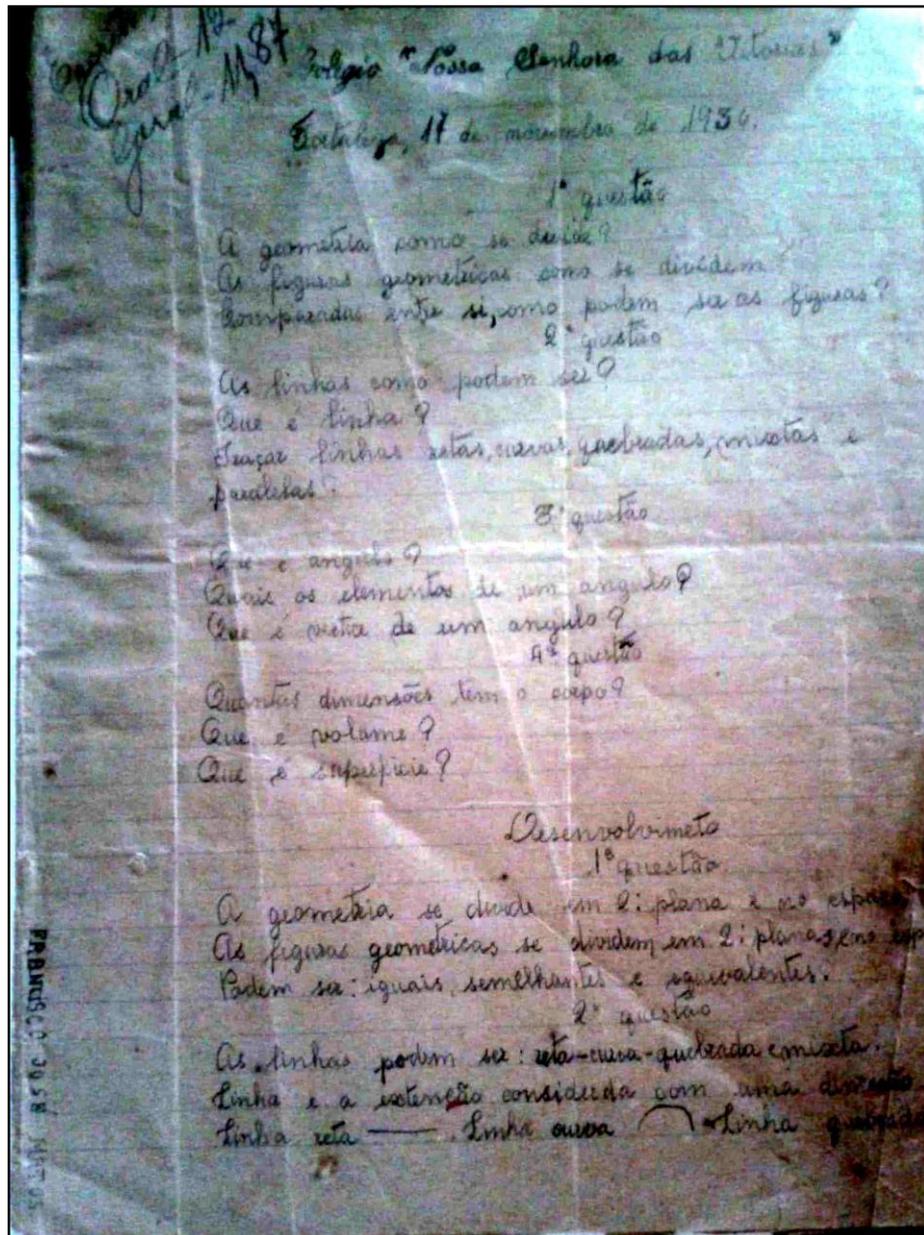


Figura 8: Prova de Geometria, Colégio Nossa Senhora das Vitórias, 17/11/34.

Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

Em entrevista dada em 2004 à Dra. May Waddington Telles Ribeiro, como parte do trabalho: As Farmácias Vivas do Prof. Matos – ele discorre sobre a luta pela democratização da saúde no Brasil, em um trecho, Abreu Matos relata uma passagem com seu avô:

Meu filho que cor é a prata? Eu digo é branca. Ele põe uma lâmina de prata muito fina contra o sol e contra o sol a prata fica verde. Essa lição eu aprendi com ele quando eu tinha cinco anos de idade”. (TRANSCRIÇÃO DA APRESENTAÇÃO NA MOSTRA CULTURAL VIGILÂNCIA SANITÁRIA E CIDADANIA, RIO DE JANEIRO, INTITULADA AS FARMÁCIAS VIVAS DO PROF.

MATOS: UMA LUTA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA SAÚDE.
TELLES RIBEIRO: 2003. ANEXO 1).

O secundário foi cursado em dois colégios, fez o 1º ano no Colégio Floriano, que funcionava no prédio do Colégio Militar do Ceará – CMC, em decorrência de sua extinção, em 1938, vai dar continuidade aos seus estudos no Ginásio São João, situado na Avenida Santos Dumont, 1169, antiga Vila Quixadá, concluindo os seus estudos neste grau em 1941.



Figura 9: Francisco José de Abreu Matos, com 15 anos, quando aluno do Colégio Floriano.

Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.



Em 1943, ingressa na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará formando-se em oito de dezembro de 1945. Da formatura para o trabalho o intervalo foi bem curto, pois dois dias após à colação de grau, já estava empregado no Laboratório Lilly, como o declara em seu depoimento em entrevista à Prof.^a May Waddington em 2003:

“Naquela época era a coisa mais fácil era arranjar emprego do que hoje, porque terminei o meu curso em 08/12/1945 e no dia 10 já estava empregado, dois dias depois. Os laboratórios buscavam farmacêuticos para fazer o contato, a ligação entre o médico e o laboratório.” (TRANSCRIÇÃO DA APRESENTAÇÃO NA MOSTRA CULTURAL VIGILÂNCIA SANITÁRIA E CIDADANIA, RIO DE JANEIRO, INTITULADA AS FARMÁCIAS VIVAS DO PROF. MATOS: UMA LUTA PELA

DEMOCRATIZAÇÃO DA SAÚDE. TELLES RIBEIRO: 2003.
ANEXO 1).



Figura 11: Formatura 08/12/1945 – Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

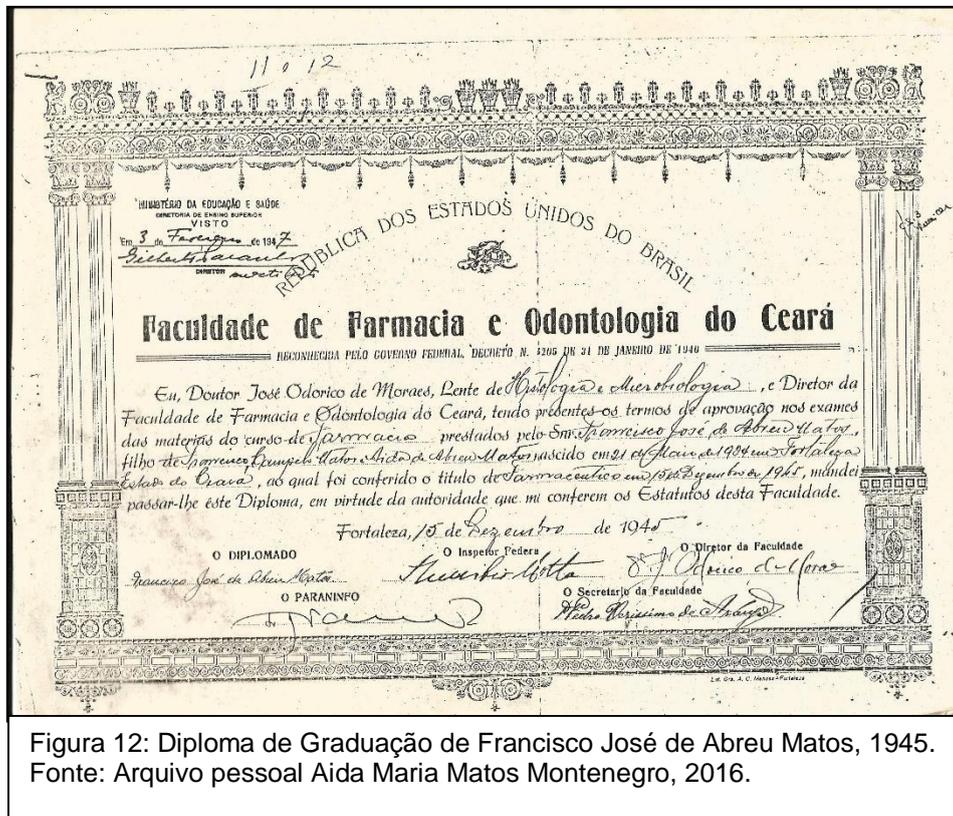


Figura 12: Diploma de Graduação de Francisco José de Abreu Matos, 1945.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

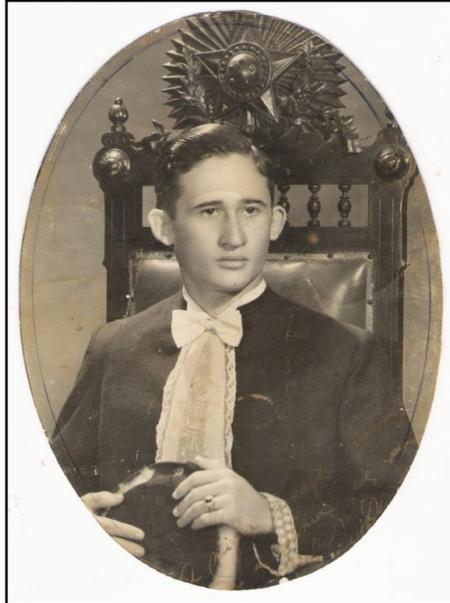


Figura 13: Foto da Colação de grau, 1945.
 Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.



Sobral 1946.
 Representação de Serviço
 do Laboratório Lilly

Figura 14: Visitando farmácias em Sobral, representando o Laboratório Lilly, 1946.
 Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

Dois anos após sua formatura e trabalhando no Laboratório Lilly, Francisco José de Abreu Matos, casa-se em 22 de março de 1947 com a Sra. Maria Eunice Filomeno Ferreira Gomes, que há época era professora. No Laboratório Lilly trabalhou até meados de 1948



Figura 15: Foto do Casamento, em 22 de março de 1947.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

Saiu do Laboratório para ingressar como professor na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, quando esta, era instituição de ensino superior vinculado ao Estado, que contratava os professores e destinava anualmente recursos financeiros a instituição. No Estado a lei não permitia que um professor ministrasse várias disciplinas, por esse motivo várias cadeiras ficaram vagas, entre elas a de Farmacognosia³. Foi nessa ocasião que o professor Clodoaldo Alcântara convidou Francisco José de Abreu Matos para ministrar a referida cadeira. Abreu Matos havia sido monitor nesta disciplina e o Prof. Clodoaldo acreditava em sua capacidade para assumir seu lugar.

³ A farmacognosia é o ramo mais antigo das ciências farmacêuticas e tem como alvo de estudo os princípios ativos naturais, sejam animais ou vegetais. Este termo foi usado pela primeira vez pelo médico austríaco Schmidt em 1811. A partir de 1815 foi introduzido, na área das ciências da saúde, o termo farmacognosia, que deriva do grego *pharmakon* (fármaco) e *gnosis* (conhecimento). A farmacognosia tornou-se disciplina obrigatória nas Escolas de Farmácia do Brasil a partir de 1920, sendo uma das maiores áreas do conhecimento farmacêutico.
Fonte: <http://www.sbfgnosia.org.br/farmacognosia.html>.

A nomeação de Abreu Matos não seria tão simples assim, seu nome é então sugerido e encaminhado ao Governador do Estado Faustino Albuquerque que reluta em aceitar, uma vez que o Prof. Matos era genro de José Filomeno Ferreira Gomes, Deputado Estadual da oposição. Após intervenção do Dr. Raimundo Gomes, o Governador Faustino Albuquerque cede e nomeia o Prof. Matos para a Escola de Farmácia.

Em 1960, Abreu Matos conclui seu Doutorado com o tema; “Contribuição ao Estudo Farmacognóstico de Tabernaemontana Affins”. Compõem sua banca examinadora os Catedráticos: Prof. Henrique Luiz Lacombe, catedrático de Farmacognosia da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de Minas Gerais; Prof. Prisco Bezerra, catedrático de Botânica da Escola de Agronomia da Universidade do Ceará; Prof. Wosvaldo de Oliveira Reidel, catedrático de Química da Escola de cadetes de Fortaleza; Prof. Joaquim Juarez de Furtado, catedrático de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Ceará e Prof. Aldo Cavalcante Leite, catedrático de Farmácia Química da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade do Ceará.

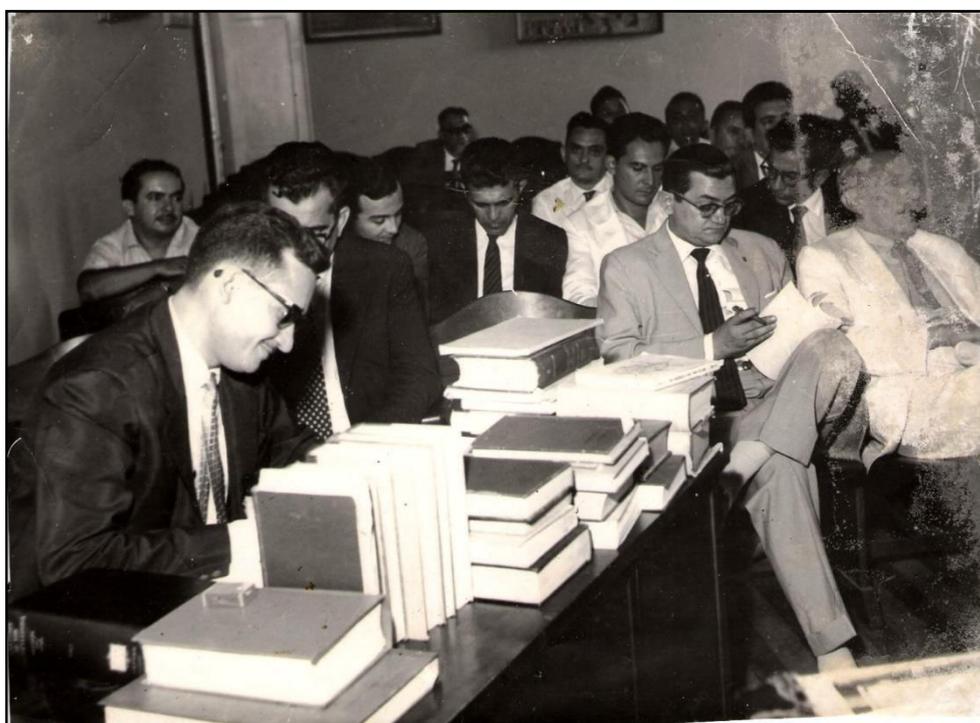


Figura 17: Seção de Defesa de Tese de doutorado do Prof. Abreu Matos, 1960.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

Como já discurremos acima, Abreu Matos ingressou como professor do ensino superior, na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, quando esta ainda era vinculada ao Governo do Estado, conforme pesquisa documental, o mesmo regia a cadeira de Farmacognosia, na qualidade de Catedrático Interino desde 30 de novembro de 1948. Com a incorporação da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, em 1950, na recém criada, instituição federal de ensino superior, denominada a época de Universidade do Ceará, conforme a Lei 1254, o mesmo prestaria concurso para Professor Titular, na instituição, em julho de 1960. A partir dessa data até seu último ano de vida, em 2008, o Professor Abreu Matos se dedicaria à sua profissão, como docente e pesquisador, em especial, em relação às suas pesquisas vinculadas a produtos naturais da flora nordestina.

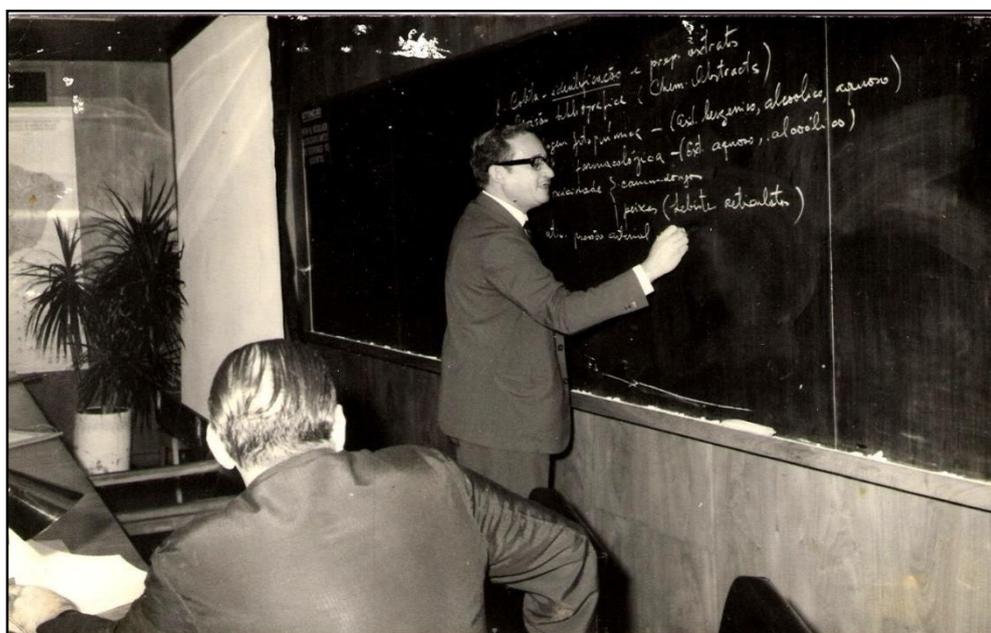


Figura 18: Prof. Abreu Matos em sua Prova Didática, no concurso realizado pela Universidade do Ceará, para professor titular, 1960.

Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

A riqueza documental que a família Abreu Matos preserva desde o bisavô, com toda a documentação referente as “Pílulas Purgativas do Cirurgião Mattos”, a “Pharmácia Mattos” em Baturité, a trajetória dos farmacêuticos da família, bem como fotos e registros de diários de campo das incursões do Prof. Abreu Matos ao sertão do Nordeste, são dados importantes que perpassam as gerações da família e que mantém os acervos preservados até os dias de hoje e denotam o apreço da família, à sua própria história.

4. O PROFESSOR DA UFC: ENSINO E PESQUISA

Como já nos referimos anteriormente, o avô do Prof. Abreu Matos, Joaquim d'Alencar Mattos, farmacêutico e proprietário de farmácia em Baturité, exerceu grande influência em sua formação e na vida profissional. O avô tinha herdado as “Pílulas Purgativas do cirurgião Mattos”, melhorando a sua fórmula patenteando-as. Seu pai também foi farmacêutico, possuía farmácia em Fortaleza, foi com ele que os direitos de produção das Pílulas de Mattos, seria repassado a laboratórios. Dessa época, traz na memória, a lembrança de um laboratório que o avô mantinha em casa onde fazia as pílulas e muitos outros preparos, tanto à base de plantas, como de compostos químicos. Esse legado pesou em sua escolha pelo curso de Farmácia e à docência, conforme relato em entrevista realizada pelo Projeto Coleção Santo de Casa em sua última entrevista datada de 22 de dezembro de 2008:

Eu tinha sempre uma tendência para o lado da saúde, ciências da saúde, sempre. Desde menino eu tive curiosidade e essa tendência em procurar saber das coisas e eu não conhecia meu bisavô, mas conheci meu avô. Conversando com meu pai e vendo toda a tradição farmacêutica do meu bisavô, avô, meu pai, eu digo: eu vou ser farmacêutico e entro na Faculdade. (VÍDEO DO PROJETO COLEÇÃO SANTO DE CASA, SEARA DA CIÊNCIA, UFC, 2004. ANEXO 2).

Enquanto professor do curso de farmácia, da Universidade do Ceará, ministrou a disciplina de Farmacognosia no curso de Farmácia para os alunos de graduação entre o período de 1951 a 1970, quando passaria a lecionar, também, a disciplina de Isolamento e Purificação de Produtos Naturais, dentro do campo da Química Orgânica, para alunos da Pós-graduação e a disciplina de Química Orgânica para alunos da graduação.

Integraria em 1955 o grupo de pesquisa multidisciplinar, que talvez tenha sido a equipe de pesquisas botânica, química e farmacológica mais duradoura e mais profunda que se formou em uma universidade no país: O Programa de Plantas Medicinais e Aromáticas do Nordeste que era vinculado ao Laboratório de Produtos Naturais da Universidade Federal do Ceará - UFC, coordenado pelo Prof. Afrânio Aragão Craveiro⁴. O programa visava à identificação de plantas nativas da região

⁴ Afrânio Aragão Craveiro: Doutorado (PhD) in Organic Chemistry - Indiana University (1974). Mestre (MSc) em Química Orgânica - Departamento de Química UFRRJ (1968). Pesquisador I-A do CNPq, área de Química, de 1977-1996. Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico. Por duas

nordeste, pesquisando o seu princípio ativo, caso comprovado, o mesmo seria certificado e poderia ser utilizado para a produção de remédio. Dessa forma, o programa partia do saber popular, para uma comprovação científica, e daí para uma atividade farmacológica.



Figura 19: Professores da Faculdade de Farmácia da Universidade do Ceará, nos anos de 1950.

Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

Nas viagens que fazia para coleta de espécies vegetais, encontrava novidades acerca da flora nordestina, muitas vezes, material que nunca havia sido coletado.

vezes foi membro do Conselho Deliberativo do CNPq. Membro fundador da Academia Cearense de Ciências. Membro fundador da Academia Cearense de Química. Professor Emérito titular aposentado da Universidade Federal do Ceará e pesquisador e Diretor Presidente do Padetec Parque de Desenvolvimento Tecnológico. Pesquisador na área de Química, com ênfase em Química Orgânica, atuando principalmente nos seguintes temas: produtos naturais, polímeros naturais, óleos essenciais, síntese orgânica e desenvolvimento tecnológico.

Segundo o Prof. Afrânio Craveiro (2008)⁵, essas espécies foram classificadas botanicamente, analisadas quimicamente e avaliadas farmacologicamente, sendo classificada no Programa de Essenciais e Plantas Medicinais do Nordeste da Universidade Federal do Ceará em parceria com o FINEP, BNB E CNPq.

A equipe era formada por profissionais de diversas áreas do conhecimento, todos vinculados à Universidade: Afrânio Gomes Fernandes; Francisco José de Abreu Matos; Raimundo Brás Filho; Carlos Humberto de Souza Andrade; Glauce Socorro Barros Viana; José Wilson de Alencar; Maria Iracema Lacerda Machado; Prof. Afrânio Gomes Fernandes; Prisco Bezerra; Manassés Claudino Fonteles; Henrique Leal Cardoso; Krishnam Urti Vieira; Manoel Odorico Moraes entre muitos outros colaboradores e alunos.

Foram 28 anos de trabalho, mais de três mil óleos essenciais extraídos e analisados de quase mil espécies nativas. Em mais de quatro mil quilômetros percorridos, todos os estados nordestinos foram visitados e explorados, e praticamente toda a flora do sertão e caatinga coletada e analisada. Todos esses trabalhos foram a base temática de diversas dissertações e teses, e geraram um acervo precioso que hoje faz parte do patrimônio intelectual e científico da Universidade Federal do Ceará, como reitera o Prof. Afrânio Craveiro (2008).

O Prof. Afrânio Craveiro (2008) ainda complementa que, durante quase 30 anos, eles haviam percorrido o sertão, a caatinga, as matas do Nordeste, da ponta do calcanhar do Rio Grande do Norte até Maracassumé no Maranhão. Nestas expedições o grupo chegava a passar 15 dias, coletando amostras.

Estas viagens com a pesquisa da flora do Nordeste se fazia paralela a sua atividade docente na UFC e, ainda encontrava tempo para participar de simpósios, congressos, onde apresentava os resultados das pesquisas. Além de tudo isso, foi vice-Diretor do Centro de Ciências, foi Diretor de Unidade dentro do Departamento de Farmácia, além de outras funções de destaque na UFC. Mas era na docência que ele se realizava, como ele mesmo relatou: “Talvez eu tenha nascido para ser professor, porque foi uma atividade que me encantou a vida toda”. (Transcrição da apresentação na Mostra Cultural Vigilância Sanitária e Cidadania, Rio de Janeiro, intitulada: As

⁵ O Prof. Afrânio Craveiro participou como entrevistado do vídeo Santo de Casa produzido pela Seara da Ciência, da Universidade Federal do Ceará, em 2008. O vídeo apresenta a vida e obra do Prof. Francisco José de Abreu Matos, contada por ele, seus familiares, colegas e colaboradores.

Farmácias Vivas do Prof. Matos: uma luta pela democratização da Saúde. Telles Ribeiro: 2003. Anexo 1).

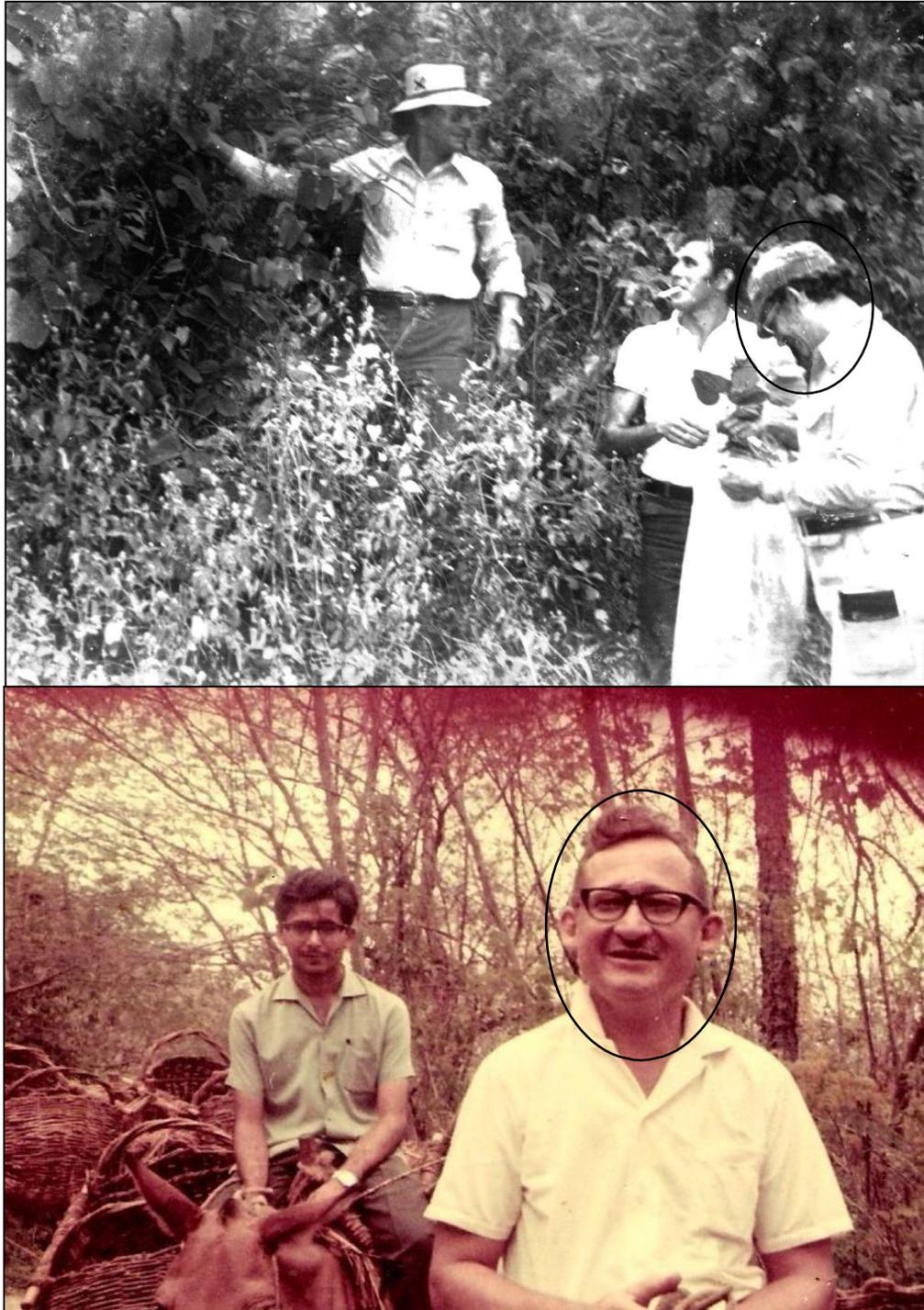


Figura 20 e 21: Coleta de amostras na Serra de Pacatuba, 1965.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.



Figuras 22 e 23: Coleta de amostras realizada pelo Prof. Abreu Matos e Prof. Afrânio Fernandes e alunos, para o Programa de Óleos Essenciais. Anos 1990.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

O seu propósito maior, enquanto professor e pesquisador era a partir de suas pesquisas, propiciar às condições adequadas para tornar a farmacologia e a produção de medicamentos um processo que pudesse atender o bem-estar social, atingindo as camadas mais excluídas de todo o processo mercadológico de medicamentos. Este esforço culminaria em participações em eventos, apresentando os resultados de suas pesquisas, tornando-se o pesquisador da flora brasileira mais respeitado dentro e fora do país.



Figura 24: Posse como Vice-Diretor do Centro de Ciências, em 1976.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.



Figura 25: VII Congresso Brasileiro de Farmácia em Recife, 1961.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.



Figura 26: Simpósio sobre Produtos Naturais da América Tropical, Rio de Janeiro, 1969.

Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.



Figura 27: Turma de Pesquisadores do Laboratório de Plantas Naturais, 1995. Da esquerda para a direita: Afrânio Craveiro, Meiriceli, Abreu Matos, outros componentes não reconhecidos.

Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.



Figura 28: Prof. Abreu Matos recebendo o título de Professor Emérito da UFC, pelas mãos do Reitor Paulo Elpídio, 1983.
Fonte: Arquivo pessoal Aida Maria Matos Montenegro, 2016.

O Programa de Óleos Essenciais e Plantas Medicinais do Nordeste serviu de incubadora para aquela que seria a sua grande criação, as Farmácias Vivas. O programa em seus quase 30 anos de pesquisas etnobotânicas⁶, etnofarmacológicas⁷, taxonômicas⁸ e bibliográficas gerou um acervo de informações de valor inestimável, contudo era necessário transpor às portas da Universidade e compartilhar o aprendizado com a população.

⁶ Etnobotânica: é a ciência, que estuda simultaneamente as contribuições da botânica e da etnologia, evidenciando as interações entre as sociedades humanas e plantas como sistemas dinâmicos. Também consiste no estudo das aplicações e dos usos tradicionais dos vegetais pelo homem. É uma ciência multidisciplinar. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Etnobotanica>

⁷ Etnofarmacologia: é a ciência que estuda o conhecimento popular sobre fármacos, de determinado grupo étnico ou social, relacionado a sistemas tradicionais de medicina. O método etnofarmacológico investiga as possibilidades e hipóteses referentes aos conhecimentos tradicionais, buscando empiricamente o que provoca os efeitos dos "fármacos tradicionais". Uma das principais aplicações desta interdisciplina tem sido a descoberta de novos fármacos. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/etnofarmacologia>

⁸ Taxonômica: Taxonomia (do grego antigo τάξις táxis, arranjo e nomia νομία, método) é a disciplina acadêmica que define os grupos de organismos biológicos, com base em características comuns e dá nomes a esses grupos. Para cada grupo é dado uma nota e os grupos podem ser agregados para formar um super grupo de maior pontuação, criando uma classificação hierárquica. Os grupos criados por este processo são referidos como taxa (singular táxon). Um exemplo da classificação moderna foi publicado em 2009 pelo Angiosperm Phylogeny Group para todas as famílias de plantas com flores vivas (Sistema APG III). Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/taxonmica>

No trabalho apresentado por Telles Ribeiro na Mostra Cultural Vigilância Sanitária e Cidadania de 2003, em seu trabalho intitulado “As Farmácias Vivas do Prof. Matos: uma luta pela democratização da saúde”, além da entrevista com o Prof. Abreu Matos, traz depoimentos de vários outros profissionais que discorrem sobre as contribuições e a importância do trabalho desenvolvido pelo professor com seu projeto de extensão, a Farmácia Viva. Um deles chama a atenção, pois se trata de um consultor internacional em biodiversidade, Gil Garcin, que faz a seguinte colocação:

O problema dos saberes científicos é que estão todos aprisionados, há pouco contato entre a química, a medicina e a farmácia. A riqueza do Ceará é que aqui estas portas foram todas abertas, os saberes foram desencurralados. Assim o saber teórico encontra uma aplicação concreta e agora deve ser restituído. Restituído a quem? A população. (TRANSCRIÇÃO DA APRESENTAÇÃO NA MOSTRA CULTURAL VIGILÂNCIA SANITÁRIA E CIDADANIA, RIO DE JANEIRO, INTITULADA: AS FARMÁCIAS VIVAS DO PROF. MATOS: UMA LUTA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA SAÚDE. TELLES RIBEIRO: 2003. ANEXO 1).

Em novembro de 1982 a CEME – Central de Medicamentos, órgão vinculado ao Ministério da Saúde, promoveu o I Encontro sobre Plantas Medicinais, do qual surgiria a Comissão de Seleção de Plantas, e seria coordenada por Elisvaldo Luiz de Araújo Carlini com mais quatro pesquisadores entre eles o Prof. Abreu Matos. A comissão tinha como missão definir de forma conclusiva, um conjunto de plantas por classe terapêutica, e elas seriam objeto de pesquisa prioritária, após realizada a pesquisa, a comissão apresentaria o relatório com os dados em fevereiro de 1983.

A partir dessa experiência e aproximando-se a sua aposentadoria, que ocorreria em 1983, o Prof. Abreu Matos criaria um projeto de Extensão Universitária: as Farmácias Vivas. Criadas como resposta a sua indignação sobre o que fazer com o conhecimento acumulado nesses quase 30 anos de pesquisa e estudos botânicos, químicos e farmacológicos de centenas de plantas do Nordeste. Seria uma combinação extremamente rara no Brasil, à época, levar uma pesquisa científica de alto nível, culminando em um projeto de assistência social farmacêutica com acesso seguro e de custo baixo a medicamentos para a atenção básica à saúde. Segundo o Prof. Abreu Matos, “Um projeto que eu imaginei para ser um projeto de apoio social farmacêutico para as comunidades organizadas”. (Telles Ribeiro, 2003).

O Projeto Farmácias Vivas surgia em meio ao esforço em reunir os estudos e pesquisas mais as conclusões do Programa de Pesquisas de Plantas Medicinais do Ministério da Saúde - PPPM, até então coordenado pela CEME e principalmente, da tentativa de planejamento dos meios para atender as recomendações da OMS, levando em conta sua assertiva de que, nos países em desenvolvimento, 80% da população não dispões de recursos para a compra de medicamentos receitados.

A OMS recomendava a época: 1) Levantar, em cada país ou região, as informações sobre o uso de plantas medicinais na recuperação da saúde, analisar sua coerência e identificar cientificamente essas plantas; 2) Verificar em quais plantas é possível considerar que a atividade atribuída existe realmente e se seu uso é seguro, isto é, não causa riscos à saúde ou a vida; 3) Desenvolver os meios necessários para se divulgar e apoiar o emprego das plantas aprovadas em cada comunidade, bem como desaconselhadas as práticas consideradas inúteis ou prejudiciais; 4) Organizar programas governamentais que permitam difundir o cultivo e o emprego em cada região das plantas aprovadas.

Naquele período. Segundo pesquisas realizadas por órgãos governamentais, no Nordeste, apenas 20% da população tinha capacidade de adquirir medicamentos industrializados, 80% do povo buscava o medicamento no raizeiro⁹, na rezadeira¹⁰, na mesinheira¹¹, sem nenhuma informação ou comprovação científica. O Prof. Abreu Matos destrincha em sua fala para o vídeo do projeto coleção Santo de Casa (2008):

E aí a gente faz umas continhas fáceis, o Nordeste tem 50 milhões de habitantes, 20% são 10 milhões, 10 milhões de habitantes têm dinheiro para comprar remédio e os 40 milhões restantes, o que é que vão fazer? O Governo também enxerga isso e diz: vamos fazer através do SUS e passa a distribuir medicamentos através do SUS, mas ele não consegue atingir os 40 milhões. Eu acredito que sobram 10, 20 ou talvez 30 milhões de nordestinos que a única opção que tem é buscar medicamentos na Natureza ou nos Mercados Públicos, nos vendedores de ervas. (TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DO VÍDEO DO PROJETO COLEÇÃO SANTO DE CASA, SEARA DA CIÊNCIA, UFC, 2004. ANEXO 3).

⁹ Raizeiro: é o nome que se dá, na região nordeste, à pessoa que entende de plantas medicinais, sabendo prepará-las e usá-las para curar diversas doenças. Também é chamado de “doutor raiz”. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/raizeiro/>

¹⁰ Rezadeira: Diz-se de mulher que faz rezas, geralmente para afugentar males. Fonte: <http://www.aulete.com.br/rezadeira>

¹¹ Mesinheira: Mulher que tem o hábito de receitar mezinhas (chás, infusão); curandeira. Fonte: <http://populu.net/mezinheira>

A ideia do projeto Farmácias Vivas era apresentar a população as ervas que eram utilizadas de maneira empírica, mas que foram objeto de estudo, durante os anos de pesquisas e que tinham o seu efeito comprovado e, também, aquelas que não tinham o seu efeito comprovado, ou que se apresentaram como danosas à saúde. No levantamento realizado pela equipe de pesquisa do Programa dos Óleos Essenciais foram catalogadas 600 espécies, sendo que cerca de 100 espécies, foram validadas. Validadas entre aspas, uma vez que a validação oficial é realizada através de um ensaio clínico que a equipe não pode fazer, como afirma o Prof. Matos (2003).

Neste projeto, o ensaio clínico realizado pela equipe teve como base o uso de plantas durante séculos, que o povo utilizava sem nenhum caso ou incidentes tóxicos, nem outro tipo de reação. Acrescentando os dados químicos e farmacológicos a esse aspecto, essas plantas passaram a compor o projeto Farmácia Viva, numa tentativa de substituir as plantas que o povo usava sem nenhuma informação pelas plantas que a equipe havia comprovado cientificamente a eficácia farmacológica.

Partindo desse ponto ficou fácil para o Prof. Abreu Matos tomar sua decisão e dá o pontapé inicial para a implantação do projeto, de acordo com seu relato no vídeo do projeto coleção Santo de Casa (2008):

A minha decisão para chegar a esse ponto se tornou simples na hora que eu pensei: Se eu tenho uma pessoa que está usando uma planta errada e eu sei qual é a planta certa, que eu daria para a minha família, então eu recomendo para essa pessoa. Embora ela não tenha passado pelos trâmites legais da ANVISA... O povo passa a usar com mais segurança essas plantas e depois de saber que ela tem essa atividade a indústria farmacêutica agora já pode pegar essa planta, completar todos os estudos e melhorar a nossa indústria de fitoterápicos nacional e passar a explorar as nossas plantas em benefício da nossa gente. Isso é mais ou menos uma síntese da ideia da Farmácia Viva. (TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DO VÍDEO DO PROJETO COLEÇÃO SANTO DE CASA, SEARA DA CIÊNCIA, UFC, 2004. ANEXO 3).

O programa Farmácias Vivas, original, considerou validadas até hoje 70 espécies disponíveis no Nordeste, algumas tendo dispersão nacional, estando todas descritas no livro "Farmácias Vivas, 4ª edição, Ed. UFC". Delas, 12 espécies são mais usadas e seu emprego pode ser satisfatório em 80% dos males que afligem crianças e adultos das comunidades, compreendendo: doenças da pele e das mucosas oral e cérvico-vaginal, do aparelho digestivo, do aparelho respiratório e as microparasitoses intestinais.

O projeto Farmácias Vivas não possuía, como ainda não possui, consultório e nem prepara medicamentos. As farmácias-vivas instaladas pelo programa nas comunidades e Secretarias Municipais de Saúde produzem os fitomedicamentos¹². Para isso o programa dispõe de um Horto Matriz de plantas medicinais aonde são mantidas as plantas selecionadas e produzidas as mudas, viabiliza treinamento nas áreas farmacêutica e agrônoma para as pessoas que irão trabalhar nas farmácias vivas, bem como produz e disponibiliza conhecimento que permite o uso correto e seguro dessas plantas através de livros, apostilas, oficinas, dentre outros.

Os fitomedicamentos produzidos pelas farmácias-vivas não podem ser vendidos, pois não possuem registro na ANVISA, são de uso exclusivo das pessoas que se servem da unidade onde estão instaladas, seja um posto municipal ou estadual de saúde, aonde os medicamentos são prescritos evitando assim o autodiagnóstico e a automedicação, ou um posto de atendimento de alguma comunidade ou ONG.

Durante todo esse trabalho de inter-relação com os grupos, quando o Prof. Abreu Matos desenvolveu o projeto Farmácias Vivas, uma das coisas principais do projeto era transferir as informações que ele tinha acumulado durante anos de pesquisa e estudo, para as pessoas que pudessem ler e se utilizar dessas informações. Uma das coisas que muito lhe impressionou foi que através da pesquisa, do trabalho, das publicações de livros, da insistência em implantar unidades de Farmácias Vivas, que extrapolaram inclusive o Estado, o Governo Federal acabou aprovando um trabalho, que vinha tramitando há muito tempo, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. O projeto das Farmácias Vivas serviu de norteador para a normatização dessa Política.

¹² Fitomedicamento: Os fitomedicamentos, aprovados pela Organização Mundial da Saúde, são produtos que são elaborados com plantas ou outro material vegetal de ordem medicinal, vendidos em farmácias de forma autorizada e que são, inclusive, comercializados por grandes laboratórios para maior segurança dos consumidores. Fonte: <http://saude.umcomo.com.br/articulo/o-que-sao-os-fitomedicamentos-15617.html>

5. O PROFESSOR DA UFC E O PROJETO DE EXTENSÃO: AS FARMÁCIAS VIVAS

Por definição as Farmácias Vivas são unidades farmacêuticas instaladas em comunidades privadas ou públicas, sendo composta por medicação preparada com plantas que tiveram confirmadas cientificamente as atividades a elas atribuídas, colhidas nas próprias hortas, na maioria dos casos instaladas no mesmo local. Dessa forma estão garantidos os princípios básicos contidos na legislação de saúde quanto a produção e distribuição de medicamentos, facilitando à população mais carente o acesso a um elenco de plantas verdadeiramente medicinais e seus produtos fitoterápicos.

As Farmácias Vivas, se apresentam como uma nova prática de produção e uso de medicamentos à base de plantas medicinais, competindo assim com outras formas de acesso a plantas medicinais: uma é caracterizada pelo emprego de plantas da medicina popular, às vezes designadas de prática tradicional, não comprovada cientificamente. No caso das Farmácias Vivas, as pesquisas científicas referendam a sua utilização.

No Nordeste temos um elenco de 600 espécies, composta de plantas silvestres e exóticas adaptadas às condições climáticas do local, poucas são herdadas da cultura indígena pré-colombiana, várias outras advêm da medicina tradicional africana, trazidas para o Brasil pelos escravos e de uma boa parte de plantas europeias e indianas introduzidas no Brasil, principalmente, pelos portugueses.

Numerosas plantas, nacionais e estrangeiras, foram acrescentadas aos hábitos do povo, resultante do processo de comunicação verbal, popularmente conhecido como “de boca em boca”, contudo tem se multiplicado nos últimos cinquenta anos por influência dos meios de comunicação. Neste processo que é dinâmico, suas indicações e formas de uso, foram modificadas com o tempo.

Foi então que o prof. Abreu Matos, que havia entendido, desde o início, que a maioria dos termos que o meio acadêmico se utilizava, em relação às plantas medicinais, eram desconhecidos pela população que se utilizava dessas plantas, e essa realidade dificultava o repasse das informações, iniciaria um processo de adaptação do seu linguajar, como forma de corrigir dificuldades na comunicação entre universidade e a comunidade que se utilizava desse receituário. Partindo dessa base, de uma comunicação mais objetiva e simples, o projeto Farmácias Vivas, tornar-se-ia

um projeto de largo alcance social, considerado à época, o maior projeto de extensão da UFC.

Nesse projeto, a comunidade entrava com o terreno, com o plantio e manutenção da horta e a Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Saúde, pagava à comunidade, pelas plantas fornecidas. Paralelo à criação da horta, a equipe do prof. Abreu Matos organizava as oficinas de repasse de conhecimentos, em local providenciado pela Prefeitura. Nestas oficinas se aprendia a selecionar as plantas, organizar e administrar a horta e, sobretudo, para os profissionais de saúde, o ensinamento de como produzir os fitomedicamentos que seriam distribuídos nos postos de saúde do município.

É preciso esclarecer que a expressão Farmácias Vivas, criadas pelo prof. Abreu Matos, tinha como intenção, fazer à comunidade diferenciar as hortas de plantas medicinais, validadas cientificamente, daquelas já existentes por aí a fora, em que são cultivadas plantas de uso empírico, utilizadas nas práticas caseira da medicina popular.

Para a seleção das plantas utilizadas pelo Horto Matriz do projeto Farmácias Vivas foram levados em conta os seguintes critérios:

- a) Levantamento etnofarmacológico, das plantas usadas no Nordeste, cuja análise resultou numa lista de cerca de 600 espécies devidamente identificadas no Herbário¹³ Prisco Bezerra da UFC, complementado por outros levantamentos encontrados na literatura especializada;
- b) Seleção de plantas listadas, levando em conta a coerência e persistência das informações ao longo do tempo, os estudos experimentais, preliminares ou completos, acerca da sua eficácia e segurança, realizados na própria UFC ou em outras Universidades brasileiras ou estrangeiras;
- c) Viabilidade do seu cultivo e tolerância, às condições ambientais locais e de sua coleta não predatória, no caso de plantas silvestres.

Paralelo a esse projeto de extensão desenvolvido pela UFC, o Governo Federal, formalizava o seu primeiro passo no sentido de criar uma política de utilização

¹³ Herbário: é uma coleção dinâmica de plantas secas prensadas, de onde se extrai, se utiliza e se adiciona informação sobre cada uma das populações e/ou espécies conhecidas e sobre novas espécies de plantas. Os herbários abrigam uma grande quantidade da informação e dados sobre a diversidade vegetal, tais como a conservação, ecologia, fisiologia, farmacologia e agronomia, a fim de que possa ser estudada a recuperação da vegetação, das paisagens degradadas e para que se incremente a resistência a pragas, o melhoramento vegetal, a extração de produtos farmacêuticos e outros. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Herbário>

de Fitomedicamentos. Para tanto, criaria em nível nacional, o Programa de Pesquisas de Plantas Medicinais – PPPM, programa planejado pelos mais competentes farmacologistas e farmacognostas¹⁴ do país, dentre eles o Prof. Abreu Matos. Na época em que foi executado, entre 1981 e 1986, sua coordenação estava a cargo do setor de pesquisas da CEME – Central de Medicamentos do Ministério da Saúde.

Durante esse pequeno espaço de tempo, pesquisadores brasileiros de todo o território nacional, apoiados pelo Programa, pondo em prática a nova metodologia criada pelo grupo, conseguiram validar 21 espécies entre pouco mais de 70 espécies do elenco da medicina popular brasileira. Um grande feito, considerando que nos grandes centros de pesquisas são descobertas mediante a aplicação de tecnologia sofisticada, apenas uma a quatro novas substâncias entre mil ou mais amostras de plantas analisadas anualmente.

O PPPM foi o primeiro impulso, em nível nacional, em prol de uma política científica de retorno das plantas brasileiras como fonte de medicamentos. Com ele se consolidaria a produção de fitomedicamentos por laboratórios nacionais e estrangeiros, a partir de plantas brasileiras. Se formos examinar a lista de plantas que o Ministério da Saúde aceitava, antes do PPPM, 90% dessas plantas eram estrangeiras. Mesmo assim, as plantas brasileiras, ainda não são suficientemente estudadas, segundo parecer do próprio Ministério da Saúde.

Com isso, foram incluídas no elenco inicial do projeto Farmácias Vivas, aquelas selecionadas pelo PPPM e algumas outras de origem europeia validadas em seus países de origem, porém adaptadas ao clima do Nordeste, e também, aquelas revalidadas no Brasil.

Com a consolidação das Farmácias Vivas, ocorreria, com o tempo, nas várias unidades instaladas em comunidades e Secretarias Municipais de Saúde, a inclusão de plantas medicinais que passaram a integrar a lista recomendada pelo projeto, e deram início a uma nova etapa no âmbito da fitoterapia¹⁵, caracterizada pelo uso de plantas medicinais validadas, selecionadas entre aquelas mais usadas na medicina

¹⁴ Farmacognostas: O Profissional que atua no ramo da farmacognosia.

¹⁵ Fitoterapia: (do grego *therapeia* = tratamento e *phyton* = vegetal) é o estudo das plantas medicinais e suas aplicações na cura das doenças. Ela surgiu independentemente na maioria dos povos. Na China, surgiu por volta de 3000 a.C. quando o imperador Cho-Chin-Kei descreveu as propriedades do Ginseng e da Cânfora. Deve-se observar que a definição de medicamento fitoterápico é diferente de fitoterapia pois não engloba o uso popular das plantas em si, mas sim seus extratos. Os medicamentos fitoterápicos são preparações elaboradas por técnicas de farmácia, além de serem produtos industrializados. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fitoterapia>

popular regional, e que se mostravam dotadas das atividades atribuídas e apresentavam baixa ou nula toxicidade.

Retornando ao início do projeto, a primeira implantação de uma Farmácia Viva fora da UFC, ocorreria no IPREDE¹⁶, como relata a Prof.^a Mary Anne Bandeira: em entrevista cedida em 29/09/15:

O IPREDE foi o primeiro local de implantação de uma Farmácia Viva fora da UFC, como o projeto trabalhava com crianças desnutridas, dentro do período de internação, as mães passavam o dia na instituição com seus filhos. Então as plantas medicinais para o IPREDE eram só aquelas de uso pediátrico e as mães também recebiam orientações sobre o uso dessas plantas para as crianças. (ENTREVISTA DA PROFA. MARY ANNE MEDEIROS BANDEIRA. REVISTA PHAMÁCIA BRASILEIRA: JANEIRO/FEVEREIRO 2009, P.46).

A Farmácia Viva, agora instalada fora dos muros da Universidade, atenderia um anseio de vários profissionais, inclusive de assistentes sociais, médicos, farmacêuticos, enfermeiros que desejavam aproveitar, o uso de plantas, como se fazia na medicina tradicional. Contudo havia certo receio, como reitera o Prof. Abreu Matos em sua entrevista a Prof.^a May Waddington:

Todo mundo tinha medo dos riscos que poderiam acontecer, quando eu chego com a ideia de que essas plantas que tivessem sido estudadas dentro da Universidade, elas poderiam ser usadas sem risco para a população e poderia se fabricar medicamentos, não fabricar, mas preparar medicamentos altamente eficazes e de baixo custo. Eu consegui fazer com que o conhecimento das nossas plantas pudessem ser agora traduzidos em forma de uma coisa útil. (TRANSCRIÇÃO DA APRESENTAÇÃO NA MOSTRA CULTURAL VIGILÂNCIA SANITÁRIA E CIDADANIA, RIO DE JANEIRO, INTITULADA AS FARMÁCIAS VIVAS DO PROF. MATOS: UMA LUTA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA SAÚDE. TELLES RIBEIRO: 2003. ANEXO 1).

Percebendo a oportunidade, a Fundação Demócrito Rocha, que também havia se lançado em um novo desafio em 1983, com a criação da Universidade Aberta do Nordeste - UANE, criada com o apoio da Universidade de Brasília – UnB e o incentivo da Secretaria de Recursos Humanos do Governo do Estado do Ceará, criaria em

¹⁶ O IPREDE – Instituto da Primeira Infância, foi fundado em 1986 como Instituto de Prevenção da Desnutrição e da Excepcionalidade, iniciando sua trajetória histórica em consonância com a necessidade de prevenir e tratar crianças com desnutrição infantil. Atualmente o IPREDE é centro de referência sobre a primeira infância, um espaço de produção, ensino e divulgação da temática para a sociedade em geral. Fonte: <http://www.iprede.org.br/quem-somos/apresentacao/nossa-historia.html>

1988, cursos à Distância, a partir de fascículo impressos e distribuídos semanalmente com o Jornal “O Povo”, com o propósito de democratizar o saber. Para tanto, convida o Prof. Abreu Matos para lançar um Curso à Distância, dividido em 13 fascículos, sendo o último a prova final, todos encadernados e distribuídos sempre às quartas-feiras. O curso tinha como tema “Plantas Medicinais”, coordenado por Francisco Auto Filho e apoio da UFC, UnB e UECE, contava com o patrocínio da Secretaria de Saúde do Município, Banco do Brasil, Petrobrás e grupo M. Dias Branco.

Nessa mesma linha e acompanhando o ritmo crescente das Farmácias Vivas, a Prefeitura de Fortaleza, em 1995, na gestão do Prefeito Antônio Cambraia, lança o informativo “De Olho no Verde”, que trazia em seu primeiro exemplar o tema “Plantas Medicinais”, fornecia informações sobre as 02 unidades de Farmácias Vivas implantadas com oficina farmacêutica, localizadas, respectivamente, no Centro de Saúde Manoel Carlos Gouveia – DS III; e no CIES Professor José Valdevino de Carvalho – DS VI, ambas produziam fitoterápicos para atender suas próprias demandas, a matéria-prima era fornecida pelo Horto Municipal administrado pela EMLURB.

O Prof. Abreu Matos, também, recebia diversas solicitações de comunidades organizadas, até mesmo em outros estados, para implantar o projeto Farmácias Vivas. Mesmo sem apoio oficial, implantaria o projeto, na Terra dos Babaçuais, por iniciativa da Organização das Quebradeiras de Coco do Estado do Maranhão, no município de Pedreiras. A socióloga Ana Carolina Mendes da ASSEMA - Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão, acompanhou a implantação do projeto e expôs a importância da Farmácia Viva para as Quebradeiras.

A Farmácia Viva tem uma importância muito grande pras mulheres porque elas vão tá conseguindo produzir o próprio medicamento delas, não vão mais ter que tá comprando remédios na farmácia ou se deslocando tantas vezes pra comprar um remédio e porque também elas vão tá conseguindo tratar de problemas mínimos né. (TRANSCRIÇÃO DA APRESENTAÇÃO NA MOSTRA CULTURAL VIGILÂNCIA SANITÁRIA E CIDADANIA, RIO DE JANEIRO, INTITULADA AS FARMÁCIAS VIVAS DO PROF. MATOS: UMA LUTA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA SAÚDE. TELLES RIBEIRO: 2003. ANEXO 1).

O sucesso do projeto e os seus benefícios irradiavam em todas as direções, que, nos anos de 1990, os adeptos da fitoterapia nas Secretarias de Saúde de vários estados e municípios passaram insistentemente a defender a generalização do

emprego de plantas verdadeiramente medicinais na Atenção Primária de Saúde – APS, influenciados pela metodologia do modelo das “Farmácias Vivas”.

Durante o XXVIII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, realizado em Cuiabá em 2002, foi apresentado para discussão a proposta de uma Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos, a proposta apresentada trazia em suas preposições as seguintes recomendações:

- a) Publicar uma relação de Fitoterápicos para atendimento básico;
- b) Estimular sua produção de acordo com os critérios científicos;
- c) Capacitar pessoal para pesquisa e produção;
- d) Incentivar a pesquisa da flora brasileira;
- e) Resgatar, valorizar, embasar, validar cientificamente seu uso popular; e
- f) Implementar sua regulamentação sanitária.

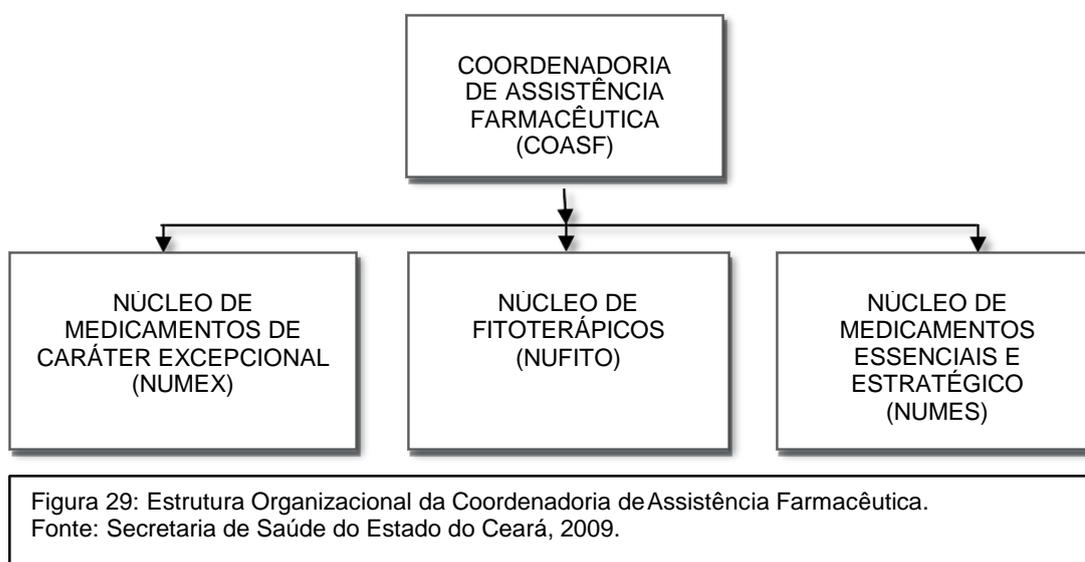
Algumas propostas, como o mesmo teor, à época, já tramitavam no Conselho Nacional de Saúde - CNS.

Motivado pelo sucesso dos serviços de fitoterapia, o modelo do projeto “Farmácias Vivas” serviria de inspiração ao SUS – Serviço Único de Saúde, para a organização do item Fitoterapia de sua Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Todos esses acontecimentos reforçaram em todo o território nacional as discussões em prol da regularização e oficialização do uso das plantas medicinais brasileiras que vinham tramitando no Conselho Nacional de Saúde desde 1991, e culminaria com a aprovação durante o 2º governo do Presidente Lula, através do Decreto Presidencial nº 5813 de 22/06/2006.

A implantação dessa Política requereu a realização de várias tarefas preliminares abrangendo, de início, o trabalho etnofarmacológico de busca de informações sobre plantas medicinais, classificadas por região, para a preparação das listas municipais, estaduais, regionais e nacional, a serem utilizadas na escolha daquelas que deveriam ter, prioritariamente o seu uso oficializado e seu acesso à população e a indústria definido e justificado. No Ceará o trabalho encontrava-se praticamente concluído em decorrência do projeto Farmácias Vivas, através de dois livros de autoria do Prof. Abreu Matos: o primeiro intitulado “Plantas Medicinais – Guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no nordeste do Brasil”, e o “Farmácias Vivas – Sistema de utilização de plantas medicinais em pequenas comunidades”.

Para a implementação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, a partir das determinações contidas no Decreto, ficaria a cargo da Farmanguinhos¹⁷, setor farmacêutico da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, habilitado para pesquisas em medicamentos, a realização do trabalho de ajustamento e adaptação ao novo conjunto de condições, criadas pelo Decreto Federal nº 5813. Ajuste e adaptação referentes ao acesso às plantas medicinais e seus produtos, alguns já existentes, e ainda definir o modo de acesso e qualidade das plantas e seus produtos.

No Ceará em 2007, na vigência do governo de Cid Gomes, é firmado um convênio entre a Universidade Federal do Ceará e a Secretaria de Saúde do Estado - SESA para a implantação e implementação de unidades de Farmácias Vivas. As ações seriam acompanhadas pelo Comitê Estadual de Fitoterapia, que havia sido criado em 1997. Em decorrência desta parceria, ainda em 2007, a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará criaria a Coordenadoria de Assistência Farmacêutica (COASF) com uma estrutura composta por três núcleos: NUMEX; NUFITO e NUMES, conforme apresentado abaixo:



¹⁷ Farmanguinhos: O Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos) é, atualmente, o maior laboratório farmacêutico oficial vinculado ao Ministério da Saúde. Farmanguinhos produz mais de um bilhão de medicamentos por ano para os programas estratégicos do Governo Federal, que são distribuídos à população pelo Sistema Único de Saúde (SUS), além de atender demandas emergenciais no Brasil e no exterior. Fonte: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/instituto-de-tecnologia-em-farmacos-farmanguinhos>.

O projeto Farmácias Vivas, agora, com uma nova linha de apoio, a partir do convênio firmado com a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, propõe, em 2009, O Programa de Implantação de Fitoterápicos no Serviço Público do Estado do Ceará, que seria aprovado, através do Decreto Estadual Nº 30016/2009. Com esta ação as farmácias-vivas seriam classificadas em três modelos, dependendo dos tipos de atividades a serem desenvolvidas:

1. Cultivo de plantas medicinais;
2. Pré-processamento; e
3. Preparação de remédios caseiros com plantas medicinais e preparação de fitoterápicos.

Com a nova estruturação, as Farmácias Vivas passaram a ter além do Horto Matriz (Horto de Plantas Medicinais Professor Francisco José de Abreu Matos do Programa Farmácias Vivas da Universidade Federal do Ceará – UFC), sendo esse um dos únicos bancos de germoplasma¹⁸ de plantas medicinais do Brasil com certificação botânica, contava, agora, com o Horto Oficial (Horto de Plantas Medicinais do Núcleo de Fitoterápicos – NUFITO/SESA). Dessa forma ampliavam-se os locais de produção de mudas, além de matéria-prima vegetal.

Cada modelo de Farmácia Viva se adéqua a necessidade e disponibilidade do local onde seria implantado, classificado de acordo com sua complexidade:

- **Farmácia Viva Modelo I:** Neste modelo são desenvolvidas as atividades de cultivo, a partir da instalação de hortas de plantas medicinais em unidades comunitárias e/ou unidades do SUS, com a supervisão de profissionais do serviço público estadual/municipal de fitoterapia, tornando acessível à população assistida a planta medicinal *in natura* e orientação sobre a correta preparação e uso dos remédios caseiros. As atividades seguem de acordo com as Boas Práticas de Cultivo (BPC).

¹⁸ Germoplasma: Uma das tarefas mais importantes numa instituição de pesquisa é o melhoramento genético de plantas. Esse, por sua vez, para ter sucesso, depende da variabilidade genética ou reservatório de genes que os pesquisadores utilizam para trabalharem em seus programas de melhoramento. O germoplasma conservado serve como um reservatório de genes que todo pesquisador precisa para resolver algum problema específico da cultura. O principal problema a ser resolvido numa cultura é a produtividade; entretanto, a melhoria da qualidade e a produtividade podem estar associadas a outros fatores como falta de resistência a uma determinada praga ou doença, adaptação da espécie a novos ambientes e áreas de cultivo, dentre outros. O local onde o germoplasma é conservado chama-se Banco de Germoplasma. Fonte: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/2251698/banco-de-germoplasma-de-hortalicas>.

- **Farmácia Viva Modelo II:** Neste modelo são realizadas as atividades de produção e dispensação de plantas medicinais secas (droga vegetal). Para tanto, deve possuir uma adequada estrutura de processamento da matéria-prima vegetal, visando a tornar acessível à população a planta medicinal seca/droga vegetal, bem como ao provimento das unidades de saúde do SUS. Ressalta-se que o Modelo II pode também realizar atividades do Modelo I. As atividades seguem de acordo com o BPC e as Boas Práticas de Processamento (BPP).
- **Farmácia Viva Modelo III:** Este modelo se destina a preparação de “fitoterápicos padronizados”, preparados em áreas específicas para as operações farmacêuticas, visando ao provimento das unidades do SUS. As atividades seguem o BPC, BPP e as Boas Práticas de Preparação de Fitoterápicos (BPPF). O Modelo III pode também desenvolver atividades pertinentes tanto ao Modelo I e II.

Vale ressaltar que para a instalação e implementação de uma Farmácia Viva, principalmente no âmbito da saúde pública, vários profissionais são envolvidos, uma vez que os fitoterápicos são adquiridos pela população, através do SUS, mediante prescrição médica. São profissionais ligados à área de saúde como: Farmacêutico, Médico, Enfermeiro e Dentista, bem como das áreas de apoio: Engenheiro Agrônomo ou Técnico Agrícola, Assistente Social, Nutricionista, Agente Comunitário de Saúde, entre outros.

Todos os profissionais envolvidos nas atividades de uma unidade de Farmácia Viva são devidamente capacitados para desenvolver atividades referentes a preparação de remédios caseiro de origem vegetal, bem como trabalhos educativos e orientações sobre o uso correto de plantas medicinais.

A partir desses convênios, o Projeto Farmácias Vivas, se consolidava no Ceará, com 40 unidades implantadas distribuídas entre a capital, Fortaleza, e outros municípios do Estado. Como exemplo, temos a unidade do CEDEFAM - Centro de Desenvolvimento Familiar, projeto de extensão, na área de saúde da UFC, que atende cerca de 2.000 mil famílias moradoras dos arredores do Campus do Pici, cerca de 80.000mil pessoas atendidas (5 por família). Fora do Ceará existem ações semelhantes aos moldes do projeto Farmácias Vivas, alguns denominados de Centro de Fitoterapia, estes centros, estão situados em Brasília, Rio de Janeiro, Curitiba, Salvador, Vitória, João Pessoa e Olinda.

Contudo, somente em 2010 o Ministério da Saúde através da Portaria Nº 886, de 20 de abril, instituiu o Projeto Farmácias Vivas no âmbito do SUS. Esta Portaria considera

Farmácias Vivas aquelas que realizam as etapas de cultivo, coleta, processamento, armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e officinais de plantas medicinais e fitoterápicos. (DIÁRIO OFICIAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, PODER EXECUTIVO, BRASÍLIA, DF, 2010).

Com base nessa Portaria do Ministério da Saúde, a ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, aprovou a resolução – RDC Nº 18, de 03 de abril de 2013, deliberando sobre as boas práticas de processamentos e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e oficinas de plantas medicinais e fitoterápicos em Farmácias Vivas no âmbito do SUS. Um reconhecimento e oficialidade tão almejados pelo Prof. Abreu Matos, que infelizmente não conseguiu acompanhar esse processo, por conta do seu falecimento.

Hoje o Estado do Ceará conta com 74 Farmácias Vivas implantadas, sendo 51 destas do tipo primário, que tem por finalidade garantir às comunidades o acesso seguro às plantas medicinais e orientações sobre a preparação e o uso correto de remédios caseiros por profissionais capacitados, segundo nos informa a Prof.^a Mary Anne Bandeira em entrevista ao Jornal Diário do Nordeste em sua edição de 27/07/2015.

Durante os 25 anos que compreenderam a jornada do Prof. Abreu Matos com o Projeto Farmácia Viva (1983 – 2008) uma preocupação era constante, quem iria dar continuidade ao seu trabalho, ao seu legado, como ele coloca em sua última entrevista realizada pelo Projeto Santo de Casa:

É um grande problema esse do recurso humano, realmente esse é um grande problema, pelas características como a Farmácia Viva foi gerada. Ela foi gerada por uma pessoa que teve um treinamento de 25 anos de botânica, ao lado de 25 anos de prática de farmacologia, ao lado de 25 anos de prática em química orgânica, e ainda mais ao lado, de talvez, 25 anos de uso de levantamentos bibliográficos, inclusive computador. Eu não consegui ainda fazer com que outras pessoas assumissem esse tipo de coisa. Então sempre tem situações parciais: uma pessoa pode tomar conta das plantas; outra, tem um grupo muito bom que pode tomar conta da transformação das plantas em medicamentos. (TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DO VÍDEO DO PROJETO COLEÇÃO SANTO DE CASA, SEARA DA CIÊNCIA, UFC, 2004. ANEXO 3).

O Prof. Abreu Matos tinha certo receio com relação a tendência que cerca as pessoas que trabalham com plantas medicinais, que é o de correr muito para a parte química, mas isso não é uma tendência cearense é uma tendência nacional, influenciada pelos grandes químicos de produtos naturais existentes no Brasil. Segundo o Prof. Abreu Matos, o grande questionamento que deveria ocorrer por parte desses grupos de pesquisa, deveria ser: a atividade farmacológica atribuída a planta existe? Se existe vamos estudá-la. Pois, somente no Nordeste existem 600 espécies diferentes, as quais são atribuídas atividades medicinais, mas na maioria dos grupos brasileiros de pesquisa botânica, inclusive no Ceará, isso não é feito.

O Prof. Abreu Matos não conseguiu formar escola dentro da sua atividade, apesar de ter muito apoio por parte dos estudantes, de colegas que trabalharam junto com ele. Isso fica claro em seu depoimento dado ao Projeto Santo de Casa:

Não há uma pessoa que eu diga: Eu vou sair e você toma conta. Toma conta de um certo modo, de qualquer modo tem. O que mais estranho é que não tem nenhum farmacêutico. Eu tenho alguns agrônomos que trabalham comigo, mas farmacêuticos que trabalhem lá dentro, até agora eles não apareceram. (TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO DO VÍDEO DO PROJETO COLEÇÃO SANTO DE CASA, SEARA DA CIÊNCIA, UFC, 2004. ANEXO 3).

Nesses 25 anos de desenvolvimento do programa Farmácias Vivas, foi possível, através da observação dos resultados do uso de plantas medicinais recomendadas pelo projeto, verificar que as preparações artesanais ou farmacotécnicas¹⁹ de 13 espécies de plantas nunca causaram acidentes tóxicos e apresentaram boa resposta curativa para cerca de 80% das doenças mais frequentes nas comunidades.

O Prof. Abreu Matos, nesse período contou com a parceria técnica e financeira de diversas instituições tanto na esfera pública como particular e instituições internacionais, entre elas: Royal Botanic Gardens, Kew/UK; Rainforest Alliance; Horst Foundation, USA; Aveda Corporation, USA; e nacionais/estaduais, como o CNPq, BR Distribuidora de Combustíveis, FUNCAP, entre outros. Mesmo assim o professor aponta algumas dificuldades e percalços que a pesquisa em torno das plantas

¹⁹ Farmacotécnica: é um ramo da farmácia, praticada por profissionais farmacêuticos, e tem como objetivo a fabricação de medicamentos através de uma forma farmacêutica ideal para maior absorção do princípio ativo, conforme tratamento. Nesta área estuda-se o desenvolvimento de novos produtos e sua relação com o meio biológico, técnicas de manipulação, doses, as formas farmacêuticas, as interações físicas e químicas entre os princípios ativos e entre os princípios ativos e os excipientes e veículos. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/>

medicinais enfrenta: além do pouco investimento público na área, há ainda a descrença das pessoas, tendo em vista os novos hábitos urbanos, de associar a eficácia do medicamento aos grandes laboratórios. Por isso é imprescindível, segundo o Prof. Abreu Matos, um trabalho permanente em atividades educacionais voltadas para a ecologia de saberes²⁰.

Nos anos iniciais do projeto Farmácias Vivas o Prof. Abreu Matos receberia, em seu grupo, como sua orientanda de mestrado, a aluna Mary Anne Medeiros Bandeira²¹. O professor, seria também, seu orientador de doutorado, essa parceria exitosa, duraria até o seu falecimento. Em 2003, como professora da UFC, assumiria a coordenação do convênio firmado entre a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Católica de Louvan, na Bélgica. Dando continuidade ao assessoramento do Prof. Abreu Matos, em 2007, assume a coordenação de um novo convênio realizado entre a UFC e a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, na área de fitoterapia por meio do qual, também era a Supervisora do Núcleo de Fitoterápicos da Coordenadoria de Assistência Farmacêutica. Em 2008, com o falecimento do Prof. Abreu Matos, A Profa. Mary Anne assume a coordenação do Programa Farmácias Vivas da UFC, e em 2009, assumiria a diretoria do Horto de Plantas Medicinais Francisco José de Abreu Matos, dando assim prosseguimento aos trabalhos iniciados pelo professor, não deixando perder seu grande legado, como relata em entrevista dada à Revista Pharmácia Brasileira:

O grande legado deixado pelo Professor Matos é mesmo o que ficou gravado na memória das pessoas. Ele nos ensinou a ver e a amar não apenas a planta medicinal em si, mas o homem que faz uso dela” (ENTREVISTA DA PROFA. MARY ANNE MEDEIROS BANDEIRA. REVISTA PHAMÁCIA BRASILEIRA: JANEIRO/FEVEREIRO 2009, P.46).

Após o seu falecimento, A Seara da ciência, órgão de divulgação científica e tecnológica da UFC, lançaria, em 2010, uma coleção em vídeo intitulada Santo de

²⁰ Ecologia de saberes: A ecologia dos saberes refere-se ao reconhecimento da infinita pluralidade dos saberes e da necessidade de valorização dos mesmos para realização de ações verdadeiramente emancipatórias. Fonte: Marcelo Souza Oliveira. <http://www.uemg.br/openjournal/index.php/SCIAS/article/view/410>.

²¹ Mary Anne Medeiros Bandeira: Doutorado (2002) em Química pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é Professora das Disciplinas de Farmacognosia e de Fitoterapia da Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do Comitê Estadual de Fitoterapia do Ceará e Membro do Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Tem experiência na área de Farmácia, com ênfase em Farmácias Vivas, atuando principalmente nos seguintes temas: Fitoterapia em Saúde Pública, Farmacovigilância, Controle de Qualidade de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e Fitoquímica de Produtos Naturais. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/6291887019034026>.

Casa. A coleção tinha por finalidade apresentar a vida e trabalho de conceituados pesquisadores cearenses, entre os escolhidos o Prof. Abreu Matos. O vídeo intitulado, “Abreu Matos: Criador do projeto Farmácias Vivas”, com certeza apresenta o percurso de vida familiar e acadêmica (ensino, pesquisa e extensão) do referido professor. A coleção foi financiada pelo CNPq, com as entrevistas gravadas pela equipe de audiovisual da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP. Essa foi a última entrevista dada pelo professor antes de sua morte em 2008, nela o professor ao final faz um resumo de sua jornada profissional:

Essa é a atitude diante do trabalho realizado durante toda uma vida. Eu me formei em 1945, portanto muito mais de meio século. De lá pra cá eu entrei na Universidade, que não era Universidade, mas virou Universidade em 1950, portanto meio século, mais oito anos. Esse meio século de Universidade foram praticamente todo ele dedicado a duas coisas que realmente me encheram de prazer e satisfação, que a gente pode dizer: Mas eu estou sendo pago para fazer o que eu gosto, que era ensinar e pesquisar, e pesquisar com plantas. Realmente isso me deixou satisfeíssimo durante toda a minha vida. Eu gostaria que eu realmente pudesse repassar todo esse tipo de pensamento, toda essa atitude para N pessoas, que elas também pudessem gozar do mesmo prazer que sinto quando eu conto essa história. (TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO DO PROJETO COLEÇÃO SANTO DE CASA, SEARA DA CIÊNCIA, UFC, 2010. ANEXO 2).

O Projeto Farmácia Viva é fruto da vontade de um pesquisador, professor, idealista e acima de tudo de um cidadão consciente do seu papel na sociedade. Pois sonhou, correu atrás para pôr em prática um desejo, o desejo de levar ao povo um programa de assistência social farmacêutica.

6 – CONSIDERAÇÕES

O Presente trabalho centrou-se em alguns pontos básicos, importantes no percurso de recompor um fragmento da História da Educação no Ceará, a partir de nossa pesquisa intitulada: Francisco José de Abreu Matos: Vida Escolar, Ensino, Pesquisa e Extensão, em Fatos, Documentos e Fotos (1924 – 2008). O primeiro ponto seria apresentar a família de Francisco José de Abreu Matos e, a influência que os seus antepassados tiveram em sua formação profissional. O segundo ponto consistiu em entender como o nosso biografado vai traçando o seu percurso como profissional, até a sua nomeação como professor da antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará. O terceiro ponto era analisar Francisco José de Abreu Matos, dando continuidade à sua qualificação, a partir do seu doutorado e quando, prestou concurso na Universidade do Ceará, atual Universidade Federal do Ceará. O quarto, e último ponto, seria apresentar o professor, pesquisador e, mais ainda, o homem, preocupado com o bem-estar de uma parcela da sociedade excluída de políticas públicas de saúde, a partir de suas atividades de extensão, em especial o Projeto Farmácias Vivas.

Nesse contexto, empreendemos uma viagem, onde a estrada, de início, não sabíamos, onde ia parar, tínhamos algumas evidências, uma delas era de que, o nosso biografado teria inserido a universidade, numa pesquisa inovadora, e certamente no final da vida, com o projeto Farmácias Vivas, havia relacionado os três pilares da academia: O Ensino, a Pesquisa e, a Extensão. As dúvidas que pairavam, eram reflexos da carência de informações que os documentos existentes apresentavam sobre o tema que estávamos pesquisando. Ou seja, o Francisco José de Abreu Matos, precisava ser mostrado por quem o conheceu, para que pudéssemos, com os depoimentos, colocar cada documento e fotografia no correto lugar.

Assim, escolhi um caminho, onde história oral e fontes escritas pudessem complementar uma a outra e subsidiar nossa pesquisa de forma determinante, assim não obstante, todos os meus anseios e preocupações, resultado da pouca prática que tinha em trabalhar com a fonte oral, com o tempo, tornou-se o porto seguro, viabilizando descobertas importantes e esclarecedoras, me fazendo apanhar fragmentos aqui e ali, dessa história tão importante para o desvendar das

possibilidades humanas individuais e coletivas na trajetória de uma vida, de uma universidade e sua evolução no tempo e no espaço.

Quem viveu essa história rebuscada de projetos idealistas, dificuldades financeiras e conflitos acadêmicos, guardou os fatos ocorridos por um tempo, só os vislumbrando de vez em quando, em sua memória, ou na solicitação de terceiros, por conta de uma necessidade ou carência de conhecimentos dos fatos que ali, se lhes apresentava. Somente com esta rememoração, podemos visualizar fatos do passado, como quadros encobertos, quando retiramos os seus véus, mostrando de forma mais terrena os nós que nos apresentam uma história de vida, notadamente, no campo do estudar, ensinar, pesquisar e socializar conhecimentos.

Embora não tenha sido uma tarefa fácil pesquisar quais seriam as pessoas que escolheríamos para rememorar fatos relacionados com a vida do nosso biografado, de forma que atendessem aos predicados de uma pesquisa em fontes orais, quando as encontrei, e expliquei a finalidade do trabalho, e muitas se dispuseram a rememorar os fatos ocorridos dentro de um prisma embebido nas suas histórias de vida, essas pessoas notórias ou esquecidas há muito pela sociedade local, transformaram-se em personagens importantíssimas no nosso projeto de pesquisa. Queríamos obter delas um maior número de informações possíveis, mas, sempre com o receio de que a nossa inexperiência na arte de entrevistar pudesse, como que por encanto, fazê-las esquecer.

Os livros que serviram de orientação bibliográfica sobre o tema discorriam sobre a utilização de fotografias como fontes de pesquisa científica, além, é claro, do que mais se precisou, consistência teórica, sobre história local, biografia, história de vida, micro-história e o recurso metodológico, da história oral. Contamos, também, com entrevistas dadas pelo Professor Francisco José de Abreu Matos falava de seus projetos e produção científica.

Apresentados os caminhos, não obstante as nossas dificuldades, traçamos o mapa da pesquisa, se o ponto era buscar os fatos, documentos e fotos, importantes do biografado, nos pareceu lógico, entrar em contato com a família e com os colegas que ainda davam, de certa forma, continuidade às suas pesquisas. Assim, iniciamos, a partir desses contatos, a registrar os fatos mais importantes em sua história de vida, e a partir desses fatos, colecionar documentos e fotos, referentes a eles.

A história oral começava assim, abrindo leques no caminhar de pesquisador da história da educação, nos fazendo a cada novo passo, conhecedor de uma realidade

palpável, aqui não estávamos procurando a história de um poderoso homem, chefe político regional, mas de um professor e de seu tempo, tempo que foi vivido, entre a família e a universidade, onde trabalhava, que junto com outros homens e mulheres dessa sociedade, formou parcerias para a consolidação de um projeto que se destacaria cearense e brasileiro. Dessa forma, a história que fomos pesquisar e que se apresentava nas nuvens, podia ser agora posta por fragmentos à superfície e, assim, de modo mais realista, recompô-la, na esperança de melhor entender os homens e suas ideias.

Em muitos momentos, quando estávamos nos despedindo daqueles que entrevistávamos, víamos em sua expressão facial, algo de surpreendente, isso sempre acontecia quando haviam lembrado de algo, e achavam que seria importante nos contar. Esses acontecimentos nos fizeram lembrar de Ecléa Bosi quando argumenta que a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão.

Muitos desses momentos ocorreram, nas várias oportunidades que tivemos em conversa com Aida Maria Matos Montenegro, sempre no momento em que encerrávamos as entrevistas, sempre surgindo uma nova informação, Assim, também ocorreria com as entrevistas concedidas pela Profa. Dra. Mary Anne Medeiros Bandeira.

Os caminhos de um pesquisador, para nossa alegria, são cheios de surpresas, já que muitas vezes a busca de determinados fatos resulta no descobrimento de outros, às vezes até mais importantes, na busca de uma interpretação do passado, como se houvesse vários corredores para se chegar lá, mas nunca se chega, procura-se a porta de saída e não se encontra. Mas, eis, que de repente um fiasco de luz exterior denuncia uma nova saída e ao se abrir a porta, a simplicidade de outros elementos capazes de redimensionar uma interpretação nova se conectam aos nossos olhos.

Foi dessa forma que conhecemos um pouco da vida e obra do Professor Francisco José de Abreu Matos e esperamos que outras pesquisas se debrucem sobre histórias de vida de professores. Certamente, a partir deles e dos seus projetos de vida, conheceremos muito mais as escolas, o cotidiano escolar, suas dificuldades e exemplos de superação.

7 – REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Marli Brito; LISABEL, Espellet. Pensando a fotografia como fonte histórica. Vol.3, Rio de Janeiro, Set 1987, p. 297-305.
- AMADO, Janaina (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Usos & abusos da história Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- ÂNGELO, Ivan. “Vida invadida: ‘A mulher calada’ critica biografias e biógrafos”, Veja, São Paulo: 13 set.1995. pág.. 127.
- AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas, São Paulo: Papirus, 1993.
- BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças dos velhos, 3ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. Vol. XXXI, núm. 2, Revista Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005. p. 23-39.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maria (org). A História e Memória da Educação no Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária. 2002. p. 132-133.
- CEZAR, Temístocles. Considerações acerca do estatuto do texto histórico. História em Revista. Pelotas, EdUFPel, nº 2. 1997.
- CHARTIER, Roger. Introdução. *In*. A história cultural. Lisboa, Difel, 1990.
- _____, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, vol. 7, nº 13, 1994.
- _____, Roger. A visão do historiador modernista. *In*. FERREIRA. Marieta de Moraes. AMADO, Janaina (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- DANTAS, Eugênia Maria. Memória, educação, fotografia: leituras complexas. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação. URFJ :06 a 09 nov. 2000. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/052_eugenia.pdf> Acesso em 01.06.2013.

DIÁRIO OFICIAL DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, PODER EXECUTIVO, BRASÍLIA, DF, 2010.

DUBOIS, Phillippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas, SP: Papirus, 1993.

ENTREVISTA DA PROFA. MARY ANNE MEDEIROS BANDEIRA. REVISTA PHAMÁCIA BRASILEIRA: JANEIRO/FEVEREIRO 2009, P.46.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo, Fedusp, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes. FERNANDES, Tânia Maria. ALBERTI, Verena (orgs.) História Oral – desafios para o século XXI. THOMPSON, Alistair. Aos Cinquenta anos: uma perspectiva internacional da História Oral. FIOCRUZ, 1998.

FONSECA, Selva Guimarães. Ser Professor no Brasil: História Oral de Vida. Campinas: Papirus, 1997.

GANCHO, Cândida Vilares. Como analisar narrativas. São Paulo, Ática, 2012.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo, SP: Cia. das Letras, 1986.

HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

_____, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. 4º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

_____, Boris. Construção e desmontagem. In: Revista USP, n.62, São Paulo, junho/agosto 2004. p. 224-232.

LE GOFF, Jacques. São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____, Jacques. São Luís. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE. Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2010.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. V. 1. N2. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1996.

MEDEIROS, Gênisson Costa de. Fotografias e Paisagens da Modernidade: Currais Novos /RN de 1950 a 1980. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEINING, Donald W. O olho que observa: Dez versões da mesma cena. In: Landscape Architecture, vol. 66, 1976. p. 47-54.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. História e história cultural. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

PRIN S, Gwyn. História Oral. In. BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

PRINS, Gwyn. História Oral. In. BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. pág.166.

RAMOS, Graciliano. Vidas secas. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

REZNIK, Luís. Qual o lugar da história local?.Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAA6yEAB/qual-lugar-historia-local/> Acesso em 20/Out. 2015)

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Pobres e remediados na Terra do Sol: um estudo a partir dos clássicos da literatura. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 11-49.

SILVA, Lígia Maria Tavares da. Fotografia e Paisagem urbana. In: Revista de história- Nº 6/7. Dez.Jan. 2000/2001.

TAVARES da Silva, LÍGIA Maria. Fotografia e Paisagem Urbana. In: Saeculum, Revista de História, Nº 6/7, Universidade Federal da Paraíba,Jan. Dez 2000/2001.

THOMPSON, Paul. A voz do Passado: História Oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. Os protagonistas anônimos da história. São Paulo, SP: Campus, 2002.

XAVIER, Antônio Roberto. Joana Paula de Morais (1900-1963): História, memória e trajetórias educacionais. Fortaleza: Impreco, 2014.

ANEXOS:

Anexo 1 – As Farmácias Vivas do Professor Matos: uma luta pela democratização da saúde

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Produção: MW Projetos Socioambientais

Direção: May Waddington Telles Ribeiro

Ano: 2003

Duração: 23 minutos

➤ **Fala Prof. Abreu Matos:**

Meu avô teve uma influência muito grande sob minha formação, ele usava prata para pratear as Pílulas de Matos, um dia ele me perguntou: Meu filho que cor é a prata? Eu digo, é branca. Ele põe uma lâmina de prata muito fina contra o sol e contra o sol a prata fica verde. Essa lição eu aprendi com ele quando eu tinha 5 anos de idade.

O SABER

➤ **Fala Prof. Abreu Matos:**

Então, em função de todo esse passado, entrando na Universidade eu consegui participar de uma equipe multidisciplinar, que foi talvez a equipe de pesquisas botânicas, químicas e farmacológicas mais duradoura e mais profunda que se formou em qualquer Universidade desse país.

PROGRAMA DE ÓLEOS ESSENCIAIS E PLANTAS MEDICINAIS DO NORDESTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (1974 – 1983)

Financiado pelo Banco do Nordeste, FINEP e CNPq

Equipe multidisciplinar de professores Doutores:

FRANCISCO JOSÉ DE ABREU MATOS

RAIMUNDO BRÁS FILHO

CARLOS HUMBERTO DE SOUZA ANDRADE

GLAUCE SOCORRO BARROS VIANA

JOSÉ WILSON DE ALENCAR

MARIA IRACEMA LACERDA MACHADO

AFRÂNIO GOMES FERNANDES

PRISCO BEZERRA

MANASSÉS CLAUDINO FONTELES

HENRIQUE LEAL CARDOSO

KRISHNAM URTI VIEIRA

MANOEL ODORICO MORAES e, muitos outros colaboradores e alunos

Coordenado pelo Dr. AFRÂNIO ARAGÃO CRAVEIRO

➤ **Fala de Afrânio Aragão Craveiro (PhD. Superintendente do Padetec – UFC).**

O programa de Plantas Medicinais e Aromáticas do Nordeste visava a identificação de plantas nativas da região nordeste e certificar se o uso popular corresponde cientificamente as que a planta apresenta como atividade farmacológica.

28 anos de trabalho, mais de 3 mil óleos essenciais foram extraídos e analisados, de quase mil espécies nativas, nós fomos montando isso aos poucos e de repente nos demos conta de que praticamente toda a flora nordestina, todos os estados nordestinos foram vasculhados, mais de 400 mil quilômetros foram percorridos, várias teses de mestrado, de doutorado, um acervo que hoje faz parte de um patrimônio intelectual e científico da Universidade Federal do Ceará.

➤ **Fala de Gil Garcin (Perfumista destilador)**

O problema dos saberes científicos é que estão todos aprisionados. Há pouco contato entre a química, a medicina e a farmácia. A riqueza do Ceará é que aqui estas portas foram todas abertas, os saberes foram desencurralados.

➤ **Fala do Prof. Abreu Matos**

Eu era o elemento de ligação entre exatamente a botânica, a farmacologia e a química.

Tenho uma saudosa memória desse tempo onde, vamos dizer a minha capacidade física me permitia fazer tudo isso. Nessas viagens a gente encontrava muitas novidades a respeito da flora nordestina, muitas vezes material que nunca havia sido coletado por ninguém.

➤ **Fala do Prof. Afrânio Aragão Craveiro**

Essas espécies foram classificadas botanicamente, extraídas e analisadas quimicamente, avaliadas farmacologicamente. O professor Matos criou este programa utilizando exatamente os dados do programa original de Óleos Essenciais e Plantas Medicinais do Nordeste.

Aqui o documentário apresenta uma placa com a seguinte identificação:

PROJETO FARMÁCIAS VIVAS

Convênio UFC/FCPC/ROYAL BOTANIC GARDENS KEW UK

Preservação e Aproveitamento de Plantas Medicinais do Nordeste

“LOCAL PLANTS FOR LOCAL PEOPLE” 1992 – 1995

➤ **Fala do Prof. Abreu Matos**

Havia uma ansiedade muito grande de todos os profissionais, inclusive assistentes sociais, médicos, farmacêuticos, enfermeiros em aproveitar aquilo que se chama medicina tradicional com uso de plantas, só que todo mundo tinha medo dos riscos que poderiam acontecer, quando eu chego com a ideia de que essas plantas que tivessem sido estudadas dentro da Universidade, elas poderiam ser usadas sem risco para a população e poderia se fabricar, fabricar não, mas preparar medicamentos altamente eficazes e de baixo custo. Eu consegui fazer com que, o conhecimento das nossas plantas, pudessem ser agora traduzidos em forma de uma coisa útil.

Aqui o documentário apresenta um pequeno trecho de um vídeo de 1992, em Fortaleza, em que o professor Matos aparece apresentando algumas plantas medicinais e suas finalidades dentro o uso farmacológico (apresenta cerca de 5 espécies).

➤ **Fala de Gil Garcin (Perfumista Francês)**

Assim o saber teórico encontra uma aplicação concreta e agora deve ser restituído. Restituído a quem? A população.

O PROBLEMA

➤ **Fala do Prof. Abreu Matos**

20% DA POPULAÇÃO DO Nordeste tem capacidade de adquirir medicamentos industrializados, 80% do povo vai buscar o medicamento no raizeiro, na rezadeira, na mesinheira, sem nenhuma informação científica nem nada, vai e escapa e escapa por que Deus é brasileiro e porque escapa mesmo.

CONFUSÃO POPULAR

Aqui o documentário apresenta uma parada na estrada, realizada pelo professor, para mostrar um **Nim**, árvore indiana, famosa pelo escândalo internacional de seu patenteamento como repelente de inseto na agricultura.

➤ **Fala do Prof. Abreu Matos**

Com esse movimento, isso aí nada tem a ver com uma atividade comercial ou lucrativa, vamos dizer. A Farmácia Viva está atendendo pessoas de baixa renda que não compram medicamentos.

A comercialização desses produtos exige que essas plantas sejam aprovadas pelo Ministério da Saúde (MS). Se for examinar a lista de plantas que o MS aceita, 90% dessas plantas são estrangeiras, plantas brasileiras não são ainda suficientemente estudadas, segundo o parecer deles.

A SOLUÇÃO

➤ **Fala do Prof. Abreu Matos**

Hoje eu tenho uma relação de 70 plantas que podem seguramente ser utilizadas, mas não são registradas ainda no Ministério, então eu criei um projeto de apoio social onde as pessoas poderão utilizar essas plantas dentro de um sistema que legalmente você pode considerar como pertencendo a aquele grupo de chamada “farmácias de manipulação”. Um projeto que eu imaginei ser um projeto de apoio social farmacêutico para comunidades organizadas.

A COMUNIDADE ORGANIZADA

O professor leva a Farmácia Viva à Terra dos Babaçuais, sem apoio oficial, por iniciativa da organização das Quebradeiras de Coco do Maranhão – Sede da ASSEMA – Pedreira, Maranhão.

➤ **Fala de Ana Carolina (Socióloga)**

A Farmácia Viva tem uma importância muito grande para as mulheres porque elas vão está conseguindo produzir o próprio medicamento delas, não vão ter que tá comprando remédios na farmácia ou se deslocando tantas vezes pra comprar um remédio e porque também elas vão tá conseguindo tratar de problemas mínimos né, a gastrite.

➤ **Fala Prof. Abreu Matos**

Da sua forma mais simples o projeto Farmácias Vivas nada mais é do que uma horta natural.

A comunidade entra com o terreno, com o plantio e a Secretaria de Saúde paga a comunidade aquelas plantas que ela está fornecendo. A Prefeitura então bota na oficina, faz o medicamento, parte do medicamento volta para a comunidade e a maior parte vai para a Secretaria para a distribuição dos outros postos.

Então a gente vai trabalhar com planta medicinal é preciso que o nome realmente fique bem marcado. E quando chegar na hora das plantas, cada pessoa tem uma receita de planta que essa daqui é infalível, serve para isso, serve pra aquilo. Depoimento de participantes da ASSEMA (sem identificação):

Você sabe o que é meu sonho? O meu sonho é ter esse projeto, essa farmácia e colocar aqui dentro da nossa comunidade.

Você vai numa farmácia em vez de você ir e melhorar você vai é piorar. Vai uma mulher grávida passa sulfato ferroso, vai com uma dor no pé e passa sulfato ferroso, vai com problema no ouvido e passa sulfato ferroso (risos).

➤ **Fala do Prof. Abreu Matos**

Quando eu vi aquela organização de 5 mil mulheres, onde os homens aparecem como pessoas que são auxiliares daquelas mulheres e não as pessoas de frente. A decisão que elas são capazes de tomar a cada instante, alcançar vitórias sempre e um ponto a mais a cada vez, a cada ano que passa aquilo me deixou orgulhoso até de ser brasileiro sabe.

O PATENTEAMENTO DO BEM PÚBLICO

➤ **Fala do Prof. Abreu Matos**

Na realidade eu gosto muito de trabalhar pelo social, não sei se isso foi já uma questão de hábito ou uma incapacidade de entrar no sistema produtivo nacional de um mercado capitalista.

Eu não me preocupei também com as patentes, nem coisa nenhuma mesmo porque a época que eu trabalhava protegiam muito mais grandes grupos do que pessoas individualmente falando.

A planta que todo mundo diz que era a filha do Prof. Matos a “Orgo” (a palavra não fica muito clara), minha mulher é quem diz se essa planta fosse mulher eu já tinha te largado. Que é a lipicinais ou alecrim pimenta. Uma planta que eu praticamente descobri, praticamente eu comecei a sua domesticação. Essa planta já tem algumas pedidas de patente, inclusive até um japonês, conseguiram uma patente sobre o uso

da planta em cosmética. Eu não sei bem como a gente poderia bloquear isso ou vamos dizer, fazer com que essa patente também me envolvesse a fim de que também parte desse lucro que está distribuído entre tantas pessoas possa chegar um pouquinho para o lado de quem teve a ideia.

Aqui o vídeo mostra um informativo:

“Desde 1995, a Senadora Marina Silva luta pelo Projeto de Lei que regula o acesso à biodiversidade. Os direitos dos povos tradicionais e a soberania nacional sobre recursos genéticos são frágeis, mesmo quando o conhecimento foi construído com dinheiro público, para um bem comum. ”

O ECOLÓGICO E A ECONOMIA REGIONAL

- **Fala de Gil Garcin** (perfumista destilador a 4 gerações na França. Dissemina sua tecnologia para comunidades da América do Sul há 20 anos).

Creio que exista muita simpatia em relação à preservação da biodiversidade e solidariedade aos povos que vivem na floresta, mas as espécies se protegem quando as conhecemos, vivemos e quando temos a necessidade física e alimentar delas.

Creio que lado a lado com as farmácias populares devemos ter projetos de produção e comercialização na esfera das pequenas comunidades, feito de forma participativa.

- **Fala do Prof. Afrânio Craveiro**

Uma dessas espécies estão ameaçadas de extinção porque muitas são consideradas pragas, mas está havendo uma reação contra isso e as pessoas estão se conscientizando de que isso é um patrimônio e não pode ser extinto. Veja bem esse caso específico desse óleo essencial de lipiesteróides, esse óleo essencial é único no mundo e a planta a única dessa região, as suas características são absolutamente diferentes de tudo que está no mercado e hoje graças a esse projeto ela está sendo cultivada, foi domesticada e sem dúvida nenhuma não está mais ameaçada de extinção e o que nós pretendemos fazer com todas as outras espécies que tenham esse potencial.

- **Fala do Prof. Sérgio Horta (Engenheiro Agrônomo – UFC)**

Existe algumas plantas que inclusive, são silvestres, em que elas encontradas na natureza elas produzem muito pouco. Aí vem o espaçamento, vem a gente determinar em que época do ano é melhor ser plantada, que tipo de adubação ela pode receber organicamente, qual a quantidade de água, sem que isso afete de forma nenhuma, seu princípio ativo. E nós conseguimos transformar esse arbusto da caatinga numa planta cultivável.

- **Fala do Prof. Renato Innecco (Engenheiro Agrônomo – UFC)**

Só nós temos a tecnologia de produção dessa planta em larga escala, o Nordeste é o único lugar onde se deve plantar essa planta no mundo e estamos

partindo nesse momento para a venda do óleo essencial dessa planta para uma empresa Norte Americana (USA) que vai usar esse óleo essencial na produção de cosméticos nos Estados Unidos.

OS CIENTISTAS

XXVIII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil – Cuiabá, outubro de 2008.

Aqui apresenta um pequeno vídeo mostrando o Simpósio, onde o Prof. Abreu Matos é homenageado, este está na companhia de sua filha Aínda Maria Matos Montenegro. O vídeo apresenta os dados abaixo:

A proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos recomenda que se:

- a) Estabeleça a Relação de Fitoterápicos para atendimento básico;
- b) Estimule sua produção de acordo com critérios científicos;
- c) Capacite pessoal para pesquisa e produção;
- d) Incentive a pesquisa da flora brasileira;
- e) Resgate, valorize, embase, valide cientificamente seu uso popular;
- f) Implemente sua regulamentação sanitária.

No Simpósio foi apresentada para discussão a proposta de Política Nacional de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos, que tramitava no Conselho Nacional de Saúde.

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Talvez eu tenha nascido para ser professor porque foi uma atividade que me encantou a vida toda. Descobri logo no começo que a maior parte das palavras que a gente usa as pessoas não entendem e em função disso fiz como a minha missão, era me fazer ser entendido, eu consigo adaptar todo o meu linguajar a eles, para que eles possam me entender. Eu me habituei, professor e professor acabou-se quase de tornando um apelido para mim.

Últimas informações do vídeo:

Custando entre 20 a 90 mil reais, uma Farmácia Viva abastece várias localidades. Cada unidade atende a 2 mil famílias.

No Ceará são 40:

$$40 \times 2.000 = 80.000 \text{ famílias}$$

$$80.000 \times 5 = 400.000 \text{ pessoas}$$

ANEXO 2: Crônicas do Ceará: Francisco José de Abreu Matos

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Data: 25/08/2008

Duração: 28'

➤ Texto de Abertura: Augusto Borges

É cearense de Fortaleza, filho de Francisco Campelo Mattos e Ainda Abreu Mattos, casado com Maria Eunice Ferreira Gomes Matos com quem teve 03 filhos: Ainda, Francisco e Ricardo. Francisco José de Abreu Matos é o homenageado de hoje.

Em 1945 quando foi graduado como farmacêutico químico pela Faculdade de Farmácia da UFC iniciou a sua vida como pesquisador da fitoterapia em nosso estado. É dono de um invejável currículo profissional, ganhador de prêmios, medalhas e títulos, onde destacamos o prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social.

O professor Abreu Matos que ainda hoje presta colaboração à pesquisa e extensão pelo programa de pró-aproveitamento do professor aposentado, como coorientador de trabalhos de teses e dissertações e coordenador do projeto de extensão Farmácias Vivas que o tronaram por suas descobertas conhecido, admirado e respeitado não só no Brasil, mas em diversos países do exterior.

É vasta a sua produção científica, tendo publicado vários livros sobre plantas da medicina popular do Nordeste, bem como contribuintes químicos de plantas medicinais brasileiras entre outros. Sobre o mesmo assunto publicou 86 artigos científicos em revistas especializadas nacionais e estrangeiras e fez 250 comunicações em congressos científicos nas áreas de química, de produtos naturais, etnobotânica e farmácia. É um cientista por excelência e suas pesquisas foram dirigidas aos estudos das plantas medicinais, sendo o maior responsável pelo sucesso do projeto Farmácias Vivas, elaborando produtos, selecionando plantas comprovadamente ativas para a preparação de produtos fitoterápicos pelas unidades de Farmácias Vivas.

O professor Abreu Matos é um ser humano acessível. Fino no tratar e discreto em suas colocações, uma vida que é um exemplo de dignidade. Em razão de seu trabalho ao longo de sua proveitosa existência recebe a homenagem do Programa Crônicas do Ceará, onde agora nos diz de viva voz sobre suas pesquisas e experiências na área que abraçou.

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Bem, eu nasci aqui em Fortaleza mesmo, já há bastante tempo em 1924 quando isso era uma cidade pequena, fui criado aqui em Fortaleza mesmo também. Pros meus pais eu era o 2º dos meus irmãos que era uma fila de 07 homens e acabei me tornando o primogênito, não p primogênito, mas acabei assumindo a posição de primogênito com a morte de meu irmão que faleceu, infelizmente, aos 14 anos de idade.

Estudei aqui, eu me lembro bem, a Escola Nossa Senhora das Vitóriaas, fiz meu 2º grau no Colégio São João, um dos melhores colégios na época aqui em Fortaleza, fiz meus pré-vestibularzinhos e vim fazer o exame para a Escola de Farmácia.

Francisco José de Mattos é quem inventou as chamadas “Pílulas de Mattos”, trabalhava na área da Saúde como cirurgião, naquele tempo cirurgião era o indivíduo que fazia parto, consertava braço, dava remédio e etc. E meu avô também tinha uma

farmácia muito grande lá em Baturité, uma farmácia importante que durou mais de 100 anos, ela comemorou cento e poucos anos de existência e depois fechou. E Francisco Campelo Mattos foi meu pai, também de farmácia e laboratório e por causa de isso tudo, que foi uma influência muito grande na minha vida.

POLITICA: Quase Impede Nomeação (Faustino de Albuquerque)

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Logo que eu me formei, naquela época era uma coisa mais fácil a gente arranjar emprego do que hoje, porque eu terminei o meu curso de Farmácia no dia 08 de dezembro de 1925 e quando foi no dia 10 eu já estava empregado. Nesse tempo o laboratório Lilly e o laboratório Roche eles buscavam farmacêuticos para fazer o contato, a ligação entre o laboratório e os médicos.

A Escola de Farmácia ela foi assumida pelo Estado nessa época né, depois de algum tempo, depois de eu formado ainda, e nessa ocasião professores que ensinavam na chamada Faculdade de Farmácia Particular, eles ensinavam várias disciplinas, mas no Estado a lei não permitia isso, várias cadeiras ficaram vagas e entre elas uma disciplina chamada Farmacognosia.

Fui convidado por um antigo professor meu, Dr. Clodoaldo Alcântara, irmão do Dr. Waldemar Alcântara, e indicou meu nome porque eu tinha sido um aluno dele e ao mesmo tempo monitor da disciplina e ele achou que eu tinha condições de assumir no lugar dele. O Raimundo Gomes ofereceu o meu nome ao Governador do Estado e infelizmente eu quase que eu não era nomeado, porque nessa época era o Governador o Dr. Faustino de Albuquerque e o meu sogro era Deputado Estadual, mas era da oposição e então o Faustino não se sentia bem em nomear o genro de um Deputado da oposição, mas o Dr. Raimundo Gomes era um homem de muito prestígio e conseguiu convencer o Governador de que uma coisa não tinha nada a ver com a outra e acabou me nomeando.

USP: Pós-Graduação Abre Novas Perspectivas

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Fui para a Faculdade de Farmácia da USP, uma excelente Faculdade de Farmácia e fiquei sob a orientação de um professor, que eu praticamente eu endeusei muito porque foi um grande mestre na minha vida, ele era um austríaco, ex-diretor do Instituto de Farmacognosia da Universidade de Berlim e passou a me orientar durante um ano pra fazer a tese.

Nesse tempo não havia curso de Doutorado, você saía Doutor mediante concurso e as bolsas eram curtas, não eram bolsas de 02 anos, 03 anos, 05 anos, embora que um Doutorado, que eu tinha que fazer, esse Doutorado entre aspas tinha que ser feito em um ano. E assim eu consegui fazer meu concurso em 1960, esse concurso, diga-se de passagem, você tinha que oferecer uma tese e no mínimo de 50 páginas e responder a 04 provas. E acabei terminando com 9,7, fiquei muito satisfeito, muito orgulhoso com isso e mantive esse trabalho durante muito tempo.

Depois do meu concurso eu fiquei como Professor Catedrático de Farmacognosia até a reforma do ensino. Quando chegou a reforma do ensino, grande reforma do ensino feita pelo Ministério da Educação, o Curso de farmácia também foi reformado e os professores deixaram de ser Professores Catedráticos para serem Professores Titulares.

Na reforma do ensino a Fitoquímica tinha saído da Faculdade de Farmácia para os Institutos Básicos e eu vim para os Institutos Básicos para ensinar Fitoquímica, mas não tinha nenhuma turma de Fitoquímica, então eu fui envolvido, eu passei a ser aproveitado no ensino da Química Orgânica, que é a mãe da Fitoquímica.

Pesquisas Projetam Professor Matos Internacionalmente

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Foi, acho que 75, se não me falha a memória, foi desenvolvido um grande programa de pesquisas aqui na parte da Química Orgânica. Nesse programa, foi inclusive proposto e aceito, proposto pelo Prof. Afrânio Craveiro, nós formamos uma equipe pequena, mas extremamente eficiente.

Foi o projeto de pesquisa botânica, química e farmacologia. Eu acho que foi o maior projeto dentro desse tipo de estrutura, o maior projeto que foi executado no Brasil inteiro. O projeto se desenvolveu tão bem que ele estimulou o Ministério a criar o Curso de Pós-Graduação em Química Orgânica em função do desenvolvimento do ensino da Química Orgânica e da pesquisa em Química Orgânica nessa época.

Logo que terminou esse projeto, que durou aproximadamente 05 anos, começou um outro projeto, inclusive financiado pelo Banco do Nordeste do Brasil, que foi o Projeto de Óleos Essenciais do Nordeste. Nesses 02 projetos havia uma parte que deveria ser exercida no campo, que era a pesquisa de plantas onde elas estivessem. Como se tratava de um projeto referente ao Nordeste então essa coleta tinha que ser feita em todos os Estados do Nordeste.

➤ Fala do Prof. Antônio Guimarães (Presidente da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura)

Na realidade ele é a história da Universidade Federal do Ceará, ele está na Universidade Federal do Ceará desde 1945, isso significa uma luta imensa de várias gerações na tentativa de melhorar a qualidade científica da Universidade Federal do Ceará, de melhorar a formação de recursos humanos da Universidade federal do Ceará e a sua luta social maior na tentativa de reduzir as doenças através do desenvolvimento da Farmácia Viva, esse é o ponto maior na história do Matos, dadas as dificuldades que ele sempre encontrou e encontra até hoje de conseguir recursos para viabilizar a expansão da Farmácia Viva não só em Fortaleza, não só no Ceará, no Nordeste, no Brasil.

As dificuldades financeiras são grandes, mas ele depois dos seus 80 anos, mais energia e mais luta na tentativa de viabilizar a redução do índice de mortalidade da população mais pobre do Estado.

O Matos ele tem mais de 100 trabalhos publicados, 110 artigos, 06 livros importantíssimos que a gente pode citar alguns como: “A Farmácia Viva”, como exemplo, Constituintes Químicos das Plantas Medicinais; “O Formulário Fitoterápico do Prof. Dias da Rocha”; “Plantas da Medicina Popular do Nordeste”; “Plantas Medicinais do Brasil”, tudo isso tem viabilizado para a comunidade científica nacional importante conhecimento, importantes dados para a continuidade da pesquisa nos fitoterápicos. Então parabéns Matos!

➤ Fala do prof. Abreu Matos

Eu tive a oportunidade de participar de um outro projeto que já era um projeto do próprio Ministério da Saúde chamado PPPM, que era Projeto de Pesquisa de Plantas Medicinais, foi um grande projeto, pra mim também funcionou como uma

verdadeira Pós-Graduação porque era um projeto baseado, principalmente, na seleção de plantas, escolhidas entre as plantas da medicina popular, pra saber quais delas eram realmente eficazes, quais poderiam ser chamadas realmente de plantas medicinais.

Logo em seguida quando esse projeto terminou apareceu um grupo inglês do Kew Garden, botânicos do Kew Garden para fazer um projeto em termo de Nordeste. Esse projeto eles justificavam, eram que todos os projetos botânicos que eram realizados no Brasil ficavam concentrados em 02 pontos: Amazônia e Mata Atlântica, e o Nordeste que tinha uma flora bastante rica e completamente diferente dessas duas não era estudada e aí as plantas, inclusive, começavam a desaparecer por causa do crescimento da fronteira agrícola, crescimento das cidades, etc. Eles então criaram um lema que eles chamavam de: LOCAL PLANTS FOR LOCAL PEOPLE, quer dizer a planta do lugar para o povo daquele lugar.

A intenção disso aí era baseada num princípio de que as pessoas protegem aquilo que conhecem, então se eles conhecem uma planta útil ele passa a proteger a planta útil, então era uma espécie, vamos dizer, de defesa do meio ambiente.

ABREU MATOS: “Farmácias Vivas” Trazem Saúde Para as Populações Carentes

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Na minha história de estudo de plantas, vamos dizer, acumulado uma quantidade de conhecimento muito grande sobre plantas medicinais, sabia inclusive, que o povo aqui no Nordeste usava cerca de 600 espécies de plantas diferentes pra fazer os seus próprios remédios.

Nos países do 3º mundo apenas 20% das pessoas tem recurso suficientes pra compra remédios, então 80% não têm. 80% é uma percentagem muito grande aqui em termo de Nordeste, você vai ter uma quantidade de gente enorme, na época não lembro dos cálculos, mas hoje seria o quê 50 milhões de habitantes, eu teria 10 milhões com capacidade de comprar medicamentos e 40 milhões sem chance de comprar medicamentos. O que é que acontece, o Governo procura minimizar isso com o SUS que atende, será que atende metade? Vamos supor, atende metade e esses 20 milhões restantes? Esses 20 milhões segundo todos os estudos que foram feitos, inclusive pela própria Organização Mundial da Saúde, eles têm como única opção a busca de planta medicinal.

Foram informações que foram passadas boca a boca, com o decorrer do tempo, inclusive licenciada pela mídia, publicações, jornais e televisão. Então você tem esse conjunto que as pessoas usam cometendo 03 erros: um, sem saber se a planta funciona; segundo, fazendo autodiagnóstico; terceiro, fazendo automedicação. Então isso é realmente um grande problema de saúde pública.

Eu fiz uma avaliação apenas em 100 das 600 plantas, cerca de 100 plantas, a gente poderia dizer que realmente ela tinha uma possibilidade de uso sem risco. Pensei comigo mesmo: Será errado substituir as plantas que o povo usa empiricamente por essas que são as mesmas plantas, mas que foram selecionadas como eficazes, embora elas não sejam registradas no Ministério da Saúde? Eu decidi que não era uma coisa errada e sim uma coisa certa e criei um projeto que eu chamei Farmácia Viva.

Com o projeto Farmácias Vivas então a gente começou a atender primeiro a pequenas comunidades. Essa comunidade feita, principalmente por mães, esse grupo de mães dessa comunidade ficaram usando as plantas medicinais, já que eu tinha indicado. Foi uma das coisas mais emocionantes na minha vida, depois de algum tempo eu estava nesta sala quando entra um pessoal, um grupo de senhoras que

queriam falar comigo, a secretária mandou entrar. Uma trazia uma cesta com ovos, outra trazia um bolo, outra trazia uma galinha e eu quê que é isso minha gente? – Professor nós viemos aqui para lhe agradecer, isso aqui num é nenhum presente não, é só uma forma da gente lhe agradecer por que nossas crianças estavam semanalmente nos postos de saúde para tomar aerosol. Realmente são pessoas pobres, que viviam em condições não muito boas, condições sanitárias precárias né e as crianças rapidamente adoeciam, adoeciam e iam para o aerosol, melhoravam, voltavam pro mesmo ambiente, adoeciam de novo e voltava pro aerosol e elas passaram a ser tratadas com as plantas e deixaram de tomar aerosol. Mas eu fiquei assim, emocionado. Bem, mais daí por diante eu passei também a preparar Farmácias Vivas para as Secretarias de Saúde do interior, inclusive a Secretaria de Saúde aqui da Prefeitura de Fortaleza.

Olha, o contato inicial deve ser feito com uma visita aqui ao próprio Horto que é onde a gente tem a possibilidade de mostrar as facilidades e as dificuldades de trabalhar nesse assunto. Como o projeto não tem orçamento da Universidade a gente não pode, por exemplo, arcar com todas as despesas, então algumas despesas nós assumimos e outras despesas têm que correr por conta do interessado.

Essa expansão do projeto Farmácia Viva chegou a atingir o Governo do Estado também, eu recebi uma visita aqui da Dona Renata Jereissati, ela se entusiasmou com a história da Farmácia Viva e nós conversamos sobre a possibilidade de o Estado criar um Centro de Fitoterapia no Estado, já numa situação, vamos dizer, de desenvolvimento bem maior do que eu poderia alcançar fora do Estado e foi criado. O Tasso Jereissati assinou o Decreto criando o Centro de Fitoterapia e hoje ele já está lá funcionamento ali perto da Ypióca, da fábrica da Ypióca que fica ali perto.

Esse movimento não parou como um movimento local só do Ceará, ele se estendeu pelo Brasil inteiro, muitas Secretarias de Saúde passaram a criar seus próprios de fitoterapia e isso levou o Governo a aprovar uma lei, um Decreto que criou a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, pra valer em todo o território nacional, onde as determinações elas são no sentido de fazer o aproveitamento nacional das plantas medicinais, é a mesma coisa do projeto Farmácias Vivas, só que aqui não era nacional aqui era regional, criar condições para que essas plantas possam ser transformadas facilmente em fitoterápicos, depois de uma seleção rigorosa pra saber quais as que têm atividades atribuídas, quais são as que não são tóxicas e essas próprias plantas assim selecionadas já seriam oferecidas à indústria farmacêutica para que elas transformassem isso em fitoterápicos comerciais. E além disso que elas pudessem ser estudadas ainda mais, tirada as substâncias químicas e criar uma indústria brasileira de produtos de origem natural.

➤ Fala do Prof. Afrânio Fernandes

Ele precisava dos nomes científicos das plantas para confirmar a validade do trabalho sobre as plantas e estava na dependência de alguém que fizesse a identificação, como eu trabalhava na parte de botânica, de identificação das plantas, nós dois nos unimos e passamos a trabalhar juntos, durante cerca de 25 a 30 anos, percorrendo todas essas áreas do semiárido.

O Matos se sobressai exatamente pelo fato de ele ser um cientista realmente digno desse nome, porque não só ele expõe o trabalho dele no livro como ele vai ao campo atrás da planta. E hoje o Matos, ele, tanto que é que ele desenvolveu aqui um Horto de plantas medicinais na Universidade Federal do Ceará e hoje dirige as Farmácias Vivas que tem, eu digo, a validade do trabalho do Matos está é nisso, que

ele procurou encontrar nessas Prefeituras convênios de modo que ele educava alguns professores nessa área da medicina e desenvolvia toda essa temática envolvida com os fármacos. E assim o Dr. Matos hoje em dia ainda envolvido nesse trabalho intensivo, dedicado, dedica todo o seu tempo às plantas medicinais.

PESQUISA: “Quem Entra. Não Sai Mais”

Em qualquer área eu acho as pessoas podem se dedicar à pesquisa, eu quero lembrar... (corte no áudio) eu fiz essa pergunta a mim mesmo e a um professor que era pesquisador eu estava querendo trabalhar junto com ele, ouvi ele falar sobre pesquisa, etc. Eu digo: Professor eu gostaria de entrar nesse grupo, começar a fazer pesquisa também. Ele aí perguntou: Você conhece aquela pintura sobre o “Inferno de Dante”? Eu digo: Não lembro, não conhecia né. Ele disse procure conhecer e você vai ver um grande portão, que separava o mundo do inferno, e acima do portão tem escrito “quem entra aqui não sai mais”. E assim é a pesquisa.

Existe uma coisa que todo mundo fala também que é uma diferença muito grande entre ser velho e ser idoso, né? Eu digo, bem, eu completo essa coisa dizendo: Enquanto você sonhar você não fica velho fica idoso e quem sonha sempre sonha em realizar alguma coisa. Uma das coisas que eu sempre sonhei e continuo sonhando seria instalar Farmácia Viva em todos os municípios do Ceará.

Aquele slogan do Kew Garden “LOCAL PLANTS FOR LOCAL PEOPLES”, se você então ensina as pessoas que as plantas lhe fazem bem, então você também tá induzindo que essas pessoas defendam as plantas e na hora que você defende as plantas você vai defender a Natureza como um todo.

ROTEIRO: Thadeu Nobre; Tânia Campos.

PESQUISA: Alan de Menezes; Tânia Campos; Thadeu Nobre; Sérgio Moreira.

TEXTO DE ABERTURA: Augusto Borges.

NARRAÇÃO: Augusto Borges.

EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO: Sérgio Moreira.

PRODUÇÃO: Alan de Menezes; Thadeu Nobre; Fabiana Campos.

EDIÇÃO DE TEXTO: Thadeu Nobre; Sérgio Moreira.

ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO: Sérgio Moreira.

DIREÇÃO: Thadeu Nobre; Tânia Campos; Alan de Menezes.

SUPERVISÃO GERAL: Thadeu Nobre.

GERÊNCIA DE OPERAÇÕES: Luis Chaves.

GERÊNCIA TÉCNICA: Gilberto Moura.

GERÊNCIA DE PROGRAMAÇÃO: Yolanda Markan Fiúza.

COORDENADOR EXECUTIVO: Idelano Felício.

DIREÇÃO GERAL: Augusto César Benevides.

REALIZAÇÃO: TV Ceará – TVC.

ANEXO 3 - ABREU MATOS: O Criador das Farmácias Vivas**TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO: COLÉÇÃO SANTO DE CASA****Data: 05/02/2009****Duração: 49'30''**

➤ Texto de Abertura: Marcos Vale (Dir. Executivo Seara da Ciência – UFC)

Essa Coleção de vídeos intitulada “Santo de Casa” homenageia personalidades cearenses que se destacam em suas atividades na pesquisa científica, na inovação tecnológica ou na formação de novos valores.

Este projeto é uma iniciativa da Seara da Ciência, órgão de divulgação científica e tecnológica da Universidade Federal do Ceará com patrocínio do CNPq em parceria com a FUNCAP.

Francisco José de Abreu Matos nasceu em Fortaleza em 1924 e se formou em Farmácia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará em 1945. Foi professor da UFC e dedicou toda a sua vida acadêmica ao estudo das plantas medicinais, criou o projeto Farmácias Vivas, hoje presente em diversos lugares do Ceará e do Brasil. Esse projeto foi o primeiro programa de assistência social farmacêutica baseado no emprego das plantas medicinais. Por esse trabalho conquistou reconhecimento nacional e internacional.

➤ Fala do Prof. Marcos Vale

Essas plantas que o Senhor cultivou, estudou, não só farmacologicamente falando, mas enfim qual delas ou quais delas o Senhor acha que teve mais sucesso, que chegou a fitoterapia, a ser fabricada por outras empresas, que deu um resultado, vamos assim dizer, quase comercial a outras empresas?

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Uma planta realmente que saiu desde a 1ª coleta feita no campo, me lembro como se fosse hoje, a gente tava trabalhando no programa de plantas aromáticas. Eu sabia que Verbenáceas e Labiadas eram plantas que têm óleo essencial, mas quem conhecia se era Verbenácea ou Labiada era ele (aponta para o Prof. Afrânio Fernandes). Eu sabia que tinha, mas ele é que dizia onde é. Eu me lembro que a gente ia passando e ele dizia aquele conjunto ali é só de Verbenácea. Chegando lá era Alípiá Cianóides, a gente não sabia o que era, sabia que era Alípiá e que era fortemente aromática.

Então essa planta veio, inclusive nós conseguimos plantar lá no Horto de plantas medicinais, foi feita a análise, eu me lembro como se fosse hoje meu Deus, na hora que chegou a análise os químicos olharam indiferentemente o resultado, tem isso, tem aquilo e eu olhei e puxa vida que coisa fantástica, a planta tinha uma quantidade de Timol enorme e eu me lembrei, inclusive do meu tempo de estudante de Farmácia onde o professor dizia: o Timol é o antisséptico muito poderoso, o seu índice fenólico é 20 e o que é índice fenólico? O Fenol é considerado o padrão dos antissépticos e ele é 20 vezes mais potente do que o Fenol. Eu digo pronto to com uma fábrica de antisséptico aqui na minha casa, dentro do Horto de plantas medicinais. Então inclui né, ainda me lembro quando eu falei para o Prof. Afrânio que aquilo seria um sucesso e ele me disse: não, esquece o Timol ele é produzido industrialmente por síntese. Eu, há bem. Aí continuou aparecendo novos trabalhos, o óleo essencial foi levado pra França, foi estudado, foi determinado uma série de

propriedades extremamente favoráveis, o professor que orientou a tese de lá propôs, inclusive uma associação com a Universidade federal do Ceará para lançar um produto internacional com essa planta, não houve resposta da Universidade Federal do Ceará e as coisas prosseguiram e o pessoal da Escola de agronomia, pessoal da Fitotecnia se interessou muito por isso e começaram a fazer trabalhos fitotécnicos e fizeram toda a fitotecnia da planta Lípia Cinóides.

Um contato que eles tiveram com uma empresa Norte Americana de cosméticos a AVEDA, eles propuseram e conseguiram um apoio que era produzir óleo essencial para AVEDA, o óleo essencial dessa planta. Receberam um apoio muito grande, construíram sob orientação deles uma fábrica de óleo essencial lá em Horizonte e têm um contrato de fornecimento que eu não sei se está acontecendo ou não porque o trabalho agora já não é nem meu, o trabalho é industrial de 600 litros de óleo. A gente diz puxa mais 600 litros de óleo não valem nada né? Eles conseguem tirar 3% da planta, então 97% da planta é sobra, 3% quando você fala desses 600 litros realmente é muita coisa. E ele está fornecendo esse óleo para essa empresa que naturalmente eles vão transformar em algum aditivo de alguns cosméticos que eles têm.

➤ Fala do Prof. Pedro Magalhães (Prof. Faculdade de Medicina – UFC)

Além da Lípia Cinóides que é o Alecrim Pimenta, também até com a presença da Dra. Glauce aqui, posso arriscar que além dessa planta a Aroeira do Sertão é outra menina dos olhos também?

➤ Fala Prof. Abreu Matos

É também, inclusive eu orientei dissertação de Mestrado e tese de Doutorado da Mary Anne, foi minha aluna, mas hoje a Dra. Mary Anne já com seu Doutorado.

Uma das plantas que eu, uma planta muito interessante porque essa planta ela foi introduzida na medicina popular pelas mulheres, é a chamada Aroeira do Sertão, praticamente eu acho, que raríssimas mulheres nesse Nordeste ainda não utilizaram a Aroeira do Sertão durante o pós-parto como material cicatrizante. Então esse trabalho foi feito, foi totalmente confirmado a atividade, não só, engraçado que foi uma dica do Raul né. Quando foram feitas a avaliação da atividade dela na mucosa vaginal, na mucosa cervical, toda a região atingida pelo parto, ele disse se isso é bom para a mucosa vaginal porque não é bom para a mucosa oral, a mucosa estomacal? Aí experimentou, resultado, tem uma atividade fantástica cicatrizante de úlcera gástrica. Isso aí já deu origem a 02 produtos que não estão oficializados: um elixir de aroeira para o estômago e um creme vaginal de aroeira para tratar de problemas cervicais, principalmente de cervicovaginite, ulceração do cólon do útero, cujos experimentos mostram que cicatriza tudo, fica tudo novo de novo com cerca de 03 semanas de tratamento.

➤ Fala do Prof. Marcos Vale

Professor com todas as dificuldades que a gente sabe que existem esse projeto de qualquer forma é uma de suas obras e eu tenho sempre a curiosidade de saber, assim, qual grande ele está, quer dizer até onde ele foi? No interior do Estado do Ceará, mas eu sei que ele ultrapassou os nossos limites estaduais, já foram para outros estados. O Senhor tem uma ideia de quantas Farmácias Vivas existem no Ceará e além do Ceará?

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Tenho, tenho uma ideia sim. Eu pessoalmente, o projeto Farmácia Viva não faz o controle das unidades de Farmácia Viva existentes, mas através do programa do Estado eles têm feito alguns levantamentos. Existem Farmácias Vivas de 02 tipos, aliás até mais. Farmácia Viva que faz só manipulação de chás; Farmácia Viva que além de manipulação de chás faz distribuição de mudas e de preparados mais farmacotécnicos (pomadas, xaropes, cápsulas, etc). Esses levantamentos oscilam muito em função daquilo que eu já expliquei, da vontade política dos Prefeitos, mas tem em média instalados no interior do Ceará cerca de 40, dessas 40 oito são completas, um dos exemplos grandes a de Viçosa, de Maracanaú, de Quixeramobim, de Itapipoca, são realmente Farmácias Vivas que foram adiante e que se mantêm até hoje, não sei até quando.

Recentemente, agora eu to criando uma nova política de instalação de Farmácia Viva, apesar dos recursos serem muito pequenos está dando pra eu fazer uma vez por ano uma Farmácia Viva de boa qualidade.

➤ Fala do Prof. Pedro Magalhães

E recursos humanos, como é que o Senhor vê a continuidade?

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

É um grande problema, realmente esse é um grande problema. Pelas características como a Farmácia Viva foi gerada, ela foi gerada por uma pessoa que teve um treinamento de 25 anos em botânica, ao lado de 25 anos de prática de farmacologia, ao lado de 25 anos de práticas de química orgânica e ainda mais ao lado de talvez 25 anos de uso de levantamentos bibliográficos, inclusive de computador.

Eu não consegui ainda fazer com outras pessoas assumissem esse tipo de coisa. Então sempre tem situações parciais: uma pessoa pode tomar conta das plantas; outra, tem um grupo muito bom que pode tomar conta da transformação da planta em medicamentos. Há uma tendência muito grande das pessoas que trabalham com plantas medicinais de correr muito para a parte da Química, mas isso não é só uma tendência cearense é uma tendência nacional, influenciada pelos grandes químicos de produtos naturais que tem no Brasil, onde o grande gol de um químico orgânico que vai trabalhar com plantas não é conseguir saber se essa planta funciona para o tratamento de alguma coisa, é saber se tem alguma substância nova que nunca ninguém viu, quer ela sirva quer ela não sirva, não interessa, quero saber se ela é nova. Quando na realidade eu acho que o esforço devia ser dedicado em cima, se eu tenho só no Nordeste 600 espécies diferentes as quais são atribuídas atividades medicinais. Então, primeira coisa caberia a farmacologia como foi no PPPM, a atividade atribuída existe? Se existe vamos estudá-la. Mas na maioria dos grupos brasileiros e inclusive aqui no Ceará isso não é feito.

Eu não consegui formar escola dentro da minha atividade, apesar de ter muito apoio de estudantes, de colegas que trabalham junto comigo, mas uma pessoa que eu diga eu vou sair e você toma conta. Toma conta de um jeito, de qualquer modo tem. O que eu mais estranho é que não tenha nenhum farmacêutico. Eu tenho alguns agrônomos que trabalham comigo, mas farmacêuticos que trabalhem lá dentro até agora não apareceram.

➤ Fala do prof. Pedro Magalhães

Uma curiosidade que, eu acho que a sua história começa lá na antiga Pílula de Mattos de seu bisavô, se isso tem alguma influência na sua formação, ele que ainda lá, onde hoje é a Casa José de Alencar, digamos assim, fabricou as primeiras pílulas. De que forma isso influenciou a sua formação como farmacêutico e como um estudioso das plantas medicinais?

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Realmente isso teve uma influência grande na minha formação, melhor dizendo, eu tinha sempre uma tendência para o lado da saúde, ciências da saúde, sempre. Desde menino eu tive uma curiosidade e essa tendência em procurar saber das coisas e que não conheci meu bisavô, mas conheci meu avô.

Meu avô tinha herdado as “Pílulas de Mattos” e passou a fabricar essa Pílulas de Mattos. Meu pai foi também farmacêutico que tinha uma farmácia e repassava essas Pílulas de Mattos para a frente, além disso o meu avô mantinha as vezes até um laboratório dentro de casa e fazia não só as Pílulas de Mattos, fazia outras coisas com plantas e as vezes até sem planta.

Eu me lembro que uma ocasião a minha mãe estava preparando uma receita dele, uma receita de mercúrio com ácido nítrico, que saem umas nuvens vermelhas né. Minha mãe era muito bonita e eu olhava assim e aquilo parecia uma santa descendo do céu. Então essas coisas marcam muito a gente. Conversando com meu pai e vendo a tradição farmacêutica o bisavô, avô, meu pai, eu digo: eu vou ser farmacêutico e entrei na Faculdade.

Como é que transfere para a comunidade não só a eficácia, mas também os problemas da toxicidade que a planta pode ter? (Prof. Matos faz essa pergunta)

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

A toxicidade geralmente, não foram determinadas em pessoas, em humanos. Toxicidade a gente encontra na literatura, seja na literatura publicada aqui, com produção nacional, com produção local, como é o caso da Farmacologia que publica para o mundo todo, então a gente capta essas informações e deduz da toxicidade porque ela não é tóxica para animais, então também o povo tem uma utilização ao longo de muito tempo, então a gente já assume que ela não é tóxica e repassa.

Agora o aspecto mais difícil de transferir é saber, transferir, que o indivíduo use aquela planta certa, vou explicar com um exemplo: Cidreira, eu acho que praticamente todos vocês que estão aqui conhecem Cidreira, já ouviram conversa que tomar um chá de Cidreira é calmante, marido chega em casa muito zangado a mulher pera aí meu filho vou fazer um chá de Cidreira para você, isso acontecia.

Eu fiquei preocupado quando encontrei várias plantas com o nome de Cidreira e que aparentemente eram diferentes. Uma pessoa usava uma, outra usava outra e assim eu consegui reunir 07, dessas 07 eu plantei lá no Horto, consegui fazer as exsiccatas, mandei essas exsiccatas para o Kew Garden, entre verbenácea o especialista estava lá no Kew, aí a resposta veio: todas elas são Lípia Alba, então as 07 não eram 07 era uma só, mas tinham diferenças. Aí eu fiz um trabalho farmacológico e um trabalho químico, então essa 07 viraram 03 bem diferentes umas das outras. Uma delas é praticamente igual a Cidreira original, que a Cidreira original

é europeia não brasileira, a Cidreira original é *Melissa Officinalis* e provavelmente os portugueses quando aqui chegaram onde eles sentiam o cheiro parecido, eles não tinham a *Melissa* mais, então passaram a usar as que tinham cheiro parecido, que todas elas eram do gênero de *Lípia Alba*.

Então como é que eu vou conseguir que as pessoas que estão dentro das farmácias Vivas peguem a Cidreira certa? Então a unidade de Farmácia Viva tem que receber a muda preparada no Horto Matriz, daí a grande importância do Horto Matriz, porque se disser que você planta Cidreira no seu canteiro e vai usar para a Farmácia Viva isso não vai dar certo, porque tem uma que é expectorante, uma que não tem efeito nenhum e outra que tem efeito tranquilizante, mas só olhando uma para outra você não acha diferença. Ainda hoje eu estava dando aula e eu mostrei isso as pessoas que estavam querendo aprender e usei o uso do artifício: olha tem que ter uma condição certa, a planta tem que ser tirada daqui eu vou lhe mostrar porque, aprenda a cheirar as 03 plantas diferentemente, então essa daqui é a verdadeira, quando você encontrar diferente desse cheiro não utilize.

É o mesmo caso do Eucalipto, o brasileiro usa, praticamente 100% do brasileiro usa o Eucalipto para fazer remédio, para fazer inalação, pra fazer gargarejo, pra beber como chá o Eucalipto errado, usam o Eucalipto *Citroedora*, que esse Eucalipto tem cheiro de banheiro limpo e aromatizado, enquanto que o Eucalipto realmente medicinal tem um cheiro completamente diferente, que eu digo pra eles que tem que ter cheiro de remédio, qual remédio? Tipo vaporub, tipo transpulmim, tendo esse cheiro é o verdadeiro, é o medicinal. A gente tem que usar uma série desses artifícios, por isso é que eu evitei que a informação fosse direta para o povo porque podia gerar uma confusão entre eles, sem saber como escolher a planta e passar a utilizar somente aquelas que estão dentro do Horto e formando pessoal, pegar e treinar pessoas que reconheçam, saibam como plantar, uma série de técnicas, de condições que precisam ser observadas para que a planta permaneça com sua qualidade.

➤ Fala do Prof. Marcos Vale

Professor mais também existe uma variação de atividade na planta dependendo da época do ano.

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Isso pode acontecer, mas cada caso é um caso. *Lípia Cinóides*, por exemplo que é o Alecrim Pimenta, a variação dele não ultrapassa os 10%. Outras como a Alfavaca a variação é diária, ele tem 02 princípios ativos: um que é igual ao tirado do Cravo o Eugenol e outro que é igual ao do Eucalipto. Esse do Eugenol, na planta coletada ao meio dia só tem ele, na planta coletada às cinco horas só tem o outro. Aí como é que você vai fazer? Você tem que ensinar as pessoas como fazer isso, esse conjunto de informações, esse conjunto de características de plantas diferentes ou de propriedades diferentes de uma mesma planta, isso aí é que precisa que tenha gente com vivência, é preciso a pessoa se apaixonar pela matéria, eu não sei se é preciso ter 04 gerações de farmacêuticos como eu tenho meu bisavô, avô, meu pai e eu, ou se é preciso realmente ter colaboradores e amigos como eu tive a sorte de ter e que muita gente não tem, mas novamente eu vou repetir o que já disse, acredito que no futuro a gente terá êxito com isso.

➤ Fala do Prof. Afrânio Fernandes (Biólogo e Agrônomo)

Formei-me em Agronomia em 50 e mais ao menos 60 que, eu conheci o Matos na época em 60, colaborando um pouco no material botânico que encontramos aqui no Pici para ele fazer sua tese. Então trabalhei e comecei eu e o Matos e durante 35 anos percorremos esse sertão, essa caatinga, essas matas aqui no Nordeste, da ponta do calcanhar de Natal até Maracassumé no Maranhão e a gente sempre trabalhava 15 dias no mato coletando planta.

Como um caso interessante que aconteceu foi uma coleta que nós fizemos na Paraíba e o que tinha lá para almoçar, uma bodega, uma mercearia tinha rosca do dia anterior e um caldo de cana na prateleira também do outro dia, já quase azeda. Então nós pedimos a comida para almoçar e só tinha isso, então a gente pegava a rosca dura molhava no caldo de cana e comia, então isso é uma das atividades e assim nós durante 35 anos trabalhamos juntos e ainda hoje trabalhamos.

➤ Fala do Prof. Pedro Magalhães

Essa dupla é um forte aspecto do trabalho que foi desenvolvido ao longo desses anos. Dois exemplos aqui, acho que dos maiores conhecedores de plantas aqui no Nordeste e como é que se deu essa interação entre vocês dois?

➤ Fala do prof. Abreu Matos

Eu fiquei como pivô nessa situação e trabalhávamos ao lado do Afrânio muito prazerosamente, foi um grande companheiro de viagem durante todo esse tempo e ainda continuamos assim. A parte de campo todinha foi feita por nós dois, por uma razão muito simples ele era botânico e eu farmacognóstica, a farmacognosia tem essa grande vantagem ela é uma ciência que liga a botânica com farmacologia e com química. Sempre que eu tenho dúvidas botânicas eu ainda recorro a ele.

➤ Fala da Prof.^a Glauce Barros Viana (Farmacêutica/ Faculdade de Medicina Juazeiro)

Dr. Matos o Senhor é o grande conhecedor de planta medicinal no Ceará e no Nordeste e eu acredito que o Senhor tenha centenas de plantas nossas já mais ou menos estudadas, que o Senhor fez um trabalho grande em revisão de literatura com a parte que o Senhor já mesmo desenvolveu e de outras pessoas também da química, da farmacologia. Então isso é uma coisa muito importante, porque um dos resultados ou os resultados desses trabalhos foram publicados em vários livros, mais um desses livros eu considero especialmente importante que é exatamente um livro sobre as plantas, digamos assim, validadas entre aspas do ponto de vista farmacológico e químico também, dentre aquelas conhecidas e utilizadas na comunidade do Ceará e da região Nordeste e quando seria reeditado uma 3^a edição do livro?

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Durante todo esse trabalho de inter-relação com os grupos, quando eu desenvolvi o chamado Projeto Farmácia Viva uma das coisas principais do projeto era transferir as informações que eu tinha para as pessoas que pudessem ler e se utilizar dessas informações. Esse livro depois foi, vamos dizer, deu origem a outros, eu fiz mais dois outros chamados: "Farmácia Viva" e o outro "Plantas Medicinais do Nordeste".

O “Farmácia Viva” escrito numa linguagem mais popular, para o pessoal que trabalhava nas unidades de Farmácia Viva e outro para o pessoal de nível superior, uma espécie inclusive, de certo modo, de desafio de que médicos, farmacêuticos, dentistas também passassem a conhecer plantas medicinais.

Uma coisa que também me impressiona é que através desse trabalho, das publicações desses livros, da insistência de implantar unidades de Farmácia Viva, que extrapolaram inclusive o Estado, o Governo acabou conseguindo aprovar um trabalho que vinha rolando há muito tempo, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Se vocês examinarem as normas dessa Política, grande parte está baseada exatamente no Projeto Farmácia Viva. Agora resta saber como é que vai ser implantado no Brasil inteiro, porque aqui no Ceará ele teve uma fundamentação muito grande, que praticamente eu não encontro em nenhum outro Estado do Brasil. Que foram esses 35 anos de atividade conjunta não só de Botânica, porque na Botânica ia para a Farmacologia e gostávamos juntos da Farmacologia ia pra Química e estávamos juntos na Química. Então essa combinação Química, Botânica e Farmacologia é extremamente rara e ela gerou o Projeto Farmácia Viva. Por que gerou o Projeto Farmácia Viva?

Quando trabalhei na para um programa da CEME, chamado PPPM, a gente tinha uma série de informações, inclusive da OMS, então nessa época tomei conhecimento de que apenas 20% da população dos países do 3º mundo, só 20% tinha recursos para comprar medicamentos. Aí a gente faz umas continhas fáceis, o Nordeste tem 50 milhões de habitantes, 20% são 10 milhões, 10 milhões de habitantes têm dinheiro para comprar remédio e os 40 milhões o que é que vão fazer? O Governo também enxerga isso e diz: vamos fazer através do SUS e passa a distribuir medicamentos através do SUS, mas ele não consegue atingir os 40 milhões. Eu acredito que sobram 10, 20 ou talvez 30 milhões de habitantes nordestinos que a única opção que tem é buscar medicamentos na Natureza ou nos Mercados Públicos, nos vendedores de ervas.

Então a ideia do projeto Farmácia Viva é substituir essas ervas que são utilizadas, no levantamento são cerca de 600 ervas diferentes, pelas aquelas que a gente pode selecionar. Dos 600 nós conseguimos cerca de 100 que a gente pode dizer que são “validadas” entre aspas, que a validação oficial é feita através de um ensaio clínico que a gente não pode fazer. Mas eu comecei a utilizar como ensaio clínico o uso de plantas durante séculos, que o povo usa sem nenhum caso ou acidentes tóxicos, nem nada. E com a informação química e a informação farmacológica, juntando com esse aspecto então eles passaram a entrar no projeto Farmácia Viva para tentar substituir as plantas que o povo usava sem nenhuma informação pelas plantas que a gente já tinha informação.

A minha decisão para chegar a esse ponto se tornou simples na hora que eu pensei: se eu tenho uma pessoa que está usando uma planta errada e eu sei qual é a planta certa, que eu daria a minha família, então eu recomendo para essa pessoa. Embora ela não tenha passado pelos tramites legais da ANVISA, de fazer uma série de outras atividades, outras medidas.

O povo passa a usar com mais segurança essas plantas e depois de saber que elas têm essa atividade a indústria farmacêutica agora já pode pegar essa planta, completar todos os estudos e melhorar a nossa indústria de fitoterápicos nacional e passar a explorar as nossas plantas em benefício da nossa gente. Isso é mais ou menos uma síntese da ideia da Farmácia Viva.

➤ Fala do Prof. Pedro Magalhães

Dr. Matos eu tive a honra de participar, que eu acho que é o maior impacto desse projeto é o alcance social que ele tem, onde você vê pequenas comunidades desenvolvendo esse projeto de Farmácias Vivas e até mesmo Municípios fazendo projetos no sentido de estimular essa implantação da Farmácia Viva em seus Municípios, então eu tive a honra de participar de um desses projetos. Em termos de números, já que o Senhor citou alguns números, qual é o impacto que isso tem em termo de redução de custos para a população, para uma administração, para o gestor?

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

É realmente uma coisa impressionante quando você consegue medir essas coisas. Tive um trabalho que foi desenvolvido por um grupo de farmacêuticos, eram 03 farmacêuticos que trabalhavam lá no Iguatu, então eles fizeram uma avaliação sobre as plantas da Farmácia Viva que eles podiam fabricar lá no laboratório que foi instalado lá e comparar os custos nesse produto com custos dos produtos industriais que eram distribuídos pela Secretaria de Saúde, era uma quantidade enorme tinha produto que eles distribuíam mensalmente 400 unidades, outras distribuíam quase 1000 unidades, então quando ela fez essa comparação em alguns casos você tinha uma diferença pequena, cerca de 20 % a 30% de custo mais baixo na Farmácia Viva, em outros tinham diferenças completamente absurdas, quando um medicamento industrial era extremamente caro e você conseguia um medicamento feito na Farmácia Viva por um preço lá embaixo.

Isso teve realmente um impacto muito grande, muitas vezes quando você instala uma Farmácia Viva numa determinada Secretaria pouco tempo depois vem uma eleição e o Prefeito é trocado pelo outro partido, primeira coisa que ele faz é acabar com a Farmácia Viva, então essa instabilidade devido exclusivamente a decisões políticas que não interessam ao povo, interessa só a um político, realmente tem evitado que a Farmácia Viva se estenda por todo o Estado ou por todo o Nordeste, embora a gente tenha Farmácia Viva instalada em várias partes do Brasil.

➤ Fala do Prof. Marcos Vale

Professor Matos a Seara da Ciência um ano ou dois atrás homenageou o Senhor colocando o Senhor entre 22 Cientistas internacionais, na verdade 5 são brasileiros e dos 5 brasileiros 2 são cearenses, um é o Senhor e o outro é Rodolfo Teófilo e depois no dia da inauguração desse painel que o Senhor esteve presente, durante as nossa conversas o Senhor revelou uma coisa muito interessante pra nós, não sabíamos que o Senhor tinha tido contato com Rodolfo Teófilo, que é um grande sanitarista cearense, eu diria assim o Oswaldo Cruz do Ceará. Aí o Senhor contou uma história fantástica que eu gostaria que o Senhor repetisse aqui a história da vacina, como é que o Senhor teve com Rodolfo Teófilo no tempo daquelas pestes aqui no Ceará.

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Realmente eu não posso lembrar, eu era criança, realmente muito pequeno, mas minha mãe é que contava que Rodolfo Teófilo tinha uma certa ligação familiar que o filho era casado com uma prima do meu pai e ela disse que eu fui vacinado pelo Rodolfo Teófilo.

A história dessa vacinação é que é realmente impressionante. Ele tinha estado na Bahia onde trabalhou num vacinogênio e teve contato com a vacina de varíola, vacinação contra varíola. Quando ele chegou no Ceará, quem quiser saber direitinho como é que estava acontecendo nessa época pode ler o livro do Lira Neto descrevendo a vida de Rodolfo Teófilo, o que foi a varíola naquela época no Ceará. Matava uma quantidade de pessoas enorme a ponto de a Prefeitura mandar apanhar os cadáveres em carroças e levar para o cemitério e enterrar em vala pública, vala comum para todo mundo.

Bem, mas para ele fazer o controle dessa epidemia ela pegou uma vaca, uma novilha, raspou a barriga da novilha, inoculava o vírus da varíola, cobria com um lençol muito limpo, botava uma caneta no bolso ou mais de uma pra não usar a mesma em outra pessoa e saía de casa em casa. Cada casa ele entrava e ia lá na vaquinha e pegava com um capilar um pouquinho daquele sumo que estava saindo, aquele plasma e passava na pessoa, as vezes dava até briga: está passando doença da vaca para os meus filhos. Mas ele conseguiu fazer isso N vezes com N pessoas e dentro de pouco tempo acabou com a epidemia de varíola no Ceará.

Ele era um homem extremamente polêmico, uma das coisas que fez e que pouca gente sabe, ele é o inventor da cajuína. Ele muito preocupado porque sabia que a produção de caju era enorme aqui no Ceará e que se perdia uma quantidade enorme de cajus, ele disse puxa se ele tem suco como a uva e se faz vinho da uva porque que não se faz vinho de caju? E tentou resolver o problema, verificou que a quantidade de tanino muito grande não deixava que pudesse ser transformado em vinho, ele resolveu então tirar o tanino e conseguiu, ele usava uma cola proteica, uma substância que precipitava o tanino e ele esterilizava aquele cuco né, que era incolor e ele botava em banho Maria, depois botava no frio, fazia isso 03 vezes, fazia o processo de esterilização chamado pasteurização, que foi descoberto por Pasteur e desenvolvido por ele. Aí a cajuína toma aquela coloração, se o trabalho tiver sido bem feito ela vai durar um ano todinho sem problema. Mas ele foi além, ele fez a cajuína gaseificada, ele fez isso e chamava de “Champagne de Caju”, como o Governo era inimigo dele proibiu a venda, os jornais da época trazem inclusive a polêmica de um e o outro respondia e etc. Realmente foi um homem genial.

➤ Fala do prof. Afrânio Fernandes

O Matos tinha uma máquina, um negócio desses, uma câmera fotográfica com tripé. Nós fomos atrás dessa no Maranhão, chegamos lá no local na estrada que ia para o Belém e de um lado tinha umas casazinhas de palha e do outro lado o dono da fazenda tava construindo uma casa e metade tava coberta e a outra aberta, chovendo e para que pudessemos entrar tinha uma janela, era complicado, janela alta, que as portas estavam fechadas e seis horas da tarde, atrás dessa planta Cravinho do Maranhão. Fomos, conseguimos entrar e o Matos, naquela região tinha casa de um lado da estrada, foi aí que jantamos peixe com cerveja quente, foi jantar nessa ocasião. Eu armei minha rede, nós levávamos cada qual uma rede e quando foi de noite eu estava vendo umas complicações, uma zoada, tão roubando a gente e eu acordei e fui vê. O Matos, eu não sabia do problema, a máquina ele não deixou no carro ele tirou e botou todo aquele conjunto num saco plástico e amarrou na perna e estava se balançando, foi assim que ele conseguiu salvar a máquina dele. Veja isso, lá no Maranhão já quase divisa com o Pará lá em Maracassumé, atrás de uma planta medicinal.

➤ Fala do Prof. Abreu Matos

Essa planta inclusive chegou a ter importância comercial como substituto do Cravo da Índia, por isso se chamava Cravinho do Maranhão. Como o programa de Óleo Essencial queria publicar a análise de todas as plantas do Nordeste que fosse aromática eu peguei essa missão junto com o Afrânio de localizar o Cravinho do Maranhão. Subimos lá esse Maranhão todo, eu me lembro que quando chegou num determinado lugar apareceu uma pessoa, numa vilazinha dizendo eu sei onde tem, então vamos lá. Aí pegamos a camionete e fomos, ele mandou parar num determinado ponto quando devia entrar no mato, aí saímos no mato, acontece que o homem era acostumado no mato e andava depressa e eu dizia peraí um pedacinho, aí descansava mais um pedaço, daqui a pouco encontrei ele parado assim boquiaberto olhando para um terreno limpo, limpo, limpo. Doutor era tudinho aqui, isso era ele, agora tem mais nada (risos), eu digo ô desgraça. Tinha sido roçado pra plantar feijão ou qualquer outra coisa, não tem nada então vamos atrás.

Mais adiante encontramos uma coisa que me revoltou, uma companhia de São Paulo estava lá com um maquinário enorme fazendo uma devastação enorme e eu me lembro muito bem, tirei até uma fotografia, tinha uma árvore cortada que deveria ter 1,90m de diâmetro estava deitada, aí eu perguntei para o capataz que é que vocês estão fazendo aqui? Estamos tirando madeira para São Paulo, e o senhor sabe a idade dessa planta que o senhor abateu aí? Não, não interessa, então você deixa eu tirar um retrato seu? Fique aí perto dela, aí eu tirei uma fotografia onde a planta passava quase um palmo da cabeça dele e o nome dela era Angeli Pedra, que é muito usada nas serrarias e os operários que estavam ali trabalhando diziam assim: Doutor por aqui tem, mas é difícil encontrar, não sei porque, quando a gente derruba a árvore a gente sente o cheiro dela, mas não consegue localizar porque fica tudo acabado.

Afinal de contas um belo dia, nessa mesma história da máquina, quando foi de manhã você encontrou um caboclo que estava na estrada e ele disse: eu tenho no meu roçado lá em cima. Como eu não tinha muita capacidade atlética eu digo: não Afrânio eu não vou subir esse morro não. Aí o Afrânio subiu e trouxe a amostra que permitiu a análise.

Essas são umas coisas que tem em trabalhos publicados, relativamente difíceis as vezes até cansativo, mas extremamente prazerosos quando a gente consegue a vitória. Ainda hoje eu tenho a recordação muito boa desse tempo. Em função disso a gente fica uma banda da gente fica extremamente orgulhosa e a outra banda fica achando que talvez gente nem merecesse tudo isso. Qualquer outra pessoa poderia ter feito a mesma coisa que eu fiz.

Essa atitude diante do trabalho realizado durante toda uma vida. Eu me formei em 1945, por tanto muito mais de meio século. De lá para cá eu entrei na Universidade, que não era Universidade mas virou Universidade em 1950, por tanto meio século mais 08 anos. Esse meio século de Universidade foram praticamente todo ele dedicado a 02 coisas que realmente me encheram de prazer e satisfação que a gente pode dizer: mas eu estou sendo pago para fazer o que eu gosto, que era ensinar e pesquisar e pesquisar com plantas. Realmente isso me deixou satisfeíssimo durante toda a minha vida. Eu gostaria que eu realmente pudesse repassar todo esse tipo de pensamento, toda essa atitude para N pessoas que elas também pudessem gozar do mesmo prazer que eu sinto quando eu conto essa história.

Programa produzido pela SEARA da Ciência – UFC
Financiado: CNPq
Realização: FUNCAP